

Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e
Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Investigação

O Contexto Sociocultural: Reflexos nas Práticas Pedagógicas do
Professor do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

Isabel Vilas Boas Carneiro

Porto

2017

Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e
Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Investigação

O Contexto Sociocultural: Reflexos nas Práticas Pedagógicas do
Professor do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Doutora Maria Ivone Couto Monforte das Neves

Coorientadora: Doutora Gabriela de Pina Trevisan

Discente: Isabel Vilas Boas Carneiro

Porto

2017

AGRADECIMENTOS

A Deus por ser todos os dias a luz no meu caminho.

Aos meus pais pelo esforço e apoio incondicional que me dedicam diariamente.

Aos meus avós que mesmo ausentes foram e serão sempre uma inspiração na minha vida.

A toda a minha restante família que sempre me deram a segurança fundamental para confiar nas minhas capacidades.

Ao Ricardo, o meu Compincha, por confiar tanto em mim e por ter estado sempre disponível ao longo desta fase da minha vida.

À Raquel Serafim, pela paciência e ajuda demonstrada e, sobretudo, por ter sido uma parceira inigualável ao longo de todo o meu percurso académico.

À Joana Martina, pelos bons conselhos e pela cumplicidade permanente.

À Joana Cunha por não permitir que a distância fosse um entrave à nossa sincera amizade.

À Cristiana Ribeiro, à Carina Rocha, à Sandra Campos, à Ana Ventura, à Adriana Sequeira e à Andreia Tomé, por toda ajuda prestada e pelas experiências que partilhamos juntas.

A todas os alunos que me receberam sempre carinhosamente e que permitiram que eu desse o melhor de mim e recebesse o melhor de cada um deles.

Às professoras cooperantes, que abriram as portas das suas salas para me receber e partilharem comigo muitos saberes que jamais esquecerei.

À ESEPF por ter feito parte integrante da minha vida durante cinco anos e a todos os professores e restantes funcionários pelo seu contributo formativo.

De um modo particular, agradeço à Doutora Ivone Neves e à Doutora Gabriela Trevisan que, com toda a sabedoria e dedicação, contribuíram ativamente para que eu fosse capaz de alcançar este sonho.

RESUMO

O presente relatório insere-se no desenvolvimento de um projeto de investigação, no âmbito da frequência da autora do mesmo no Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Este tem como propósito abordar a relação existente entre o contexto sociocultural dos alunos e as práticas pedagógicas mobilizadas pelos professores, bem como analisar de que forma a formação de professores permite o desenvolvimento de um perfil docente capaz de promover a Educação Intercultural.

O trabalho apresentado neste relatório contempla a metodologia mista como a mais indicada para recolher, analisar e apresentar os dados empíricos, uma vez que assenta no desenvolvimento de uma metodologia qualitativa e quantitativa. Sendo assim, as técnicas e instrumentos de recolha de dados que foram eleitos, contribuíram para aprofundar os objetivos estabelecidos e delinear algumas respostas aos dilemas subjacentes à temática. Selecionou-se a análise documental, o inquérito por questionário, a entrevista, a observação direta e participante, como os meios essenciais para desenvolver um trabalho coerente e justificar o propósito da realização do mesmo.

Posto isto, e tendo em consideração o desfecho do presente relatório, os professores intervenientes no estudo demonstram-se reticentes em realizar uma prática pedagógica diferenciadora e assumem não ter qualquer formação na área educativa em causa. Contudo, a experiência profissional adquirida ao longo dos anos revela-se fulcral no processo de adaptação aos diferentes contextos escolares.

Palavras-Chave: Perfil docente, contexto sociocultural, educação intercultural, aprendizagens significativas

ABSTRACT

This report is part of the development of a research project, within the scope of the author's frequency in the Master's Degree in Teaching of the 1st Cycle of Basic Education and of Portuguese and History and Geography of Portugal in the 2nd Cycle of Education At the School of Education of Paula Frassinetti. The purpose of this study is to address the relationship between the socio-cultural context of the students and the pedagogical practices mobilized by the teachers, as well as to analyze how teacher training allows the development of a teaching profile capable of promoting Intercultural Education.

The work presented in this report considers the mixed methodology as the most appropriate to collect, analyze and present the empirical data, since it is based on the development of a qualitative and quantitative methodology. Thus, the techniques and instruments of data collection that were elected contributed to deepening the ultimate objectives and delineating some answers to the dilemmas underlying the theme. Documentary analysis, questionnaire survey, interview, direct observation and participant were selected as the essential means to develop a coherent work and justify the purpose of accomplishing the same.

Given this, and taking into account the outcome of this report, the teachers involved in the study are reluctant to carry out a differentiating pedagogical practice and assume that they do not have any training in the educational area in question. However, the professional experience gained over the years is central to the process of adapting to different school contexts.

Keywords: Teaching profile, sociocultural context, intercultural education, meaningful learning

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

CEB – Ciclo do Ensino Básico

ESEPF – Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PAA – Plano Anual de Atividades

PE – Projeto Educativo

PES – Prática de Ensino Supervisionado

RI – Regulamento Interno

RO – Registo de Observação

TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	4
2.1 A Escola e a Diversidade Sociocultural na Sociedade Contemporânea	4
2.2 Os Papéis, as Atitudes e as Competências de um Professor do Século XXI.....	7
2.3 Professor Monocultural versus Professor Multicultural	10
2.4 As Aprendizagens Significativas	14
2.5 O Multiculturalismo, O Interculturalismo e a Formação de Professores.....	15
II. ENFOQUE METODOLÓGICO.....	19
3.1 Metodologia Aplicada aos Objetivos da Investigação.....	20
3.2 Instrumentos e técnicas de recolha de dados	21
3.3 Caracterização dos Contextos de Investigação.....	26
3.3.1 Prática de Ensino Supervisionada I em 1º Ciclo do Ensino Básico – Instituição 1.....	27
3.3.2 Prática de Ensino Supervisionada II em 1º Ciclo do Ensino Básico – Instituição 2.....	29
3.3.3 Prática de Ensino Supervisionada III e IV em 2º Ciclo do Ensino Básico – Instituição 3.....	32
III. ANÁLISE DE DADOS.....	35
4.1 Os Contextos Pedagógicos – Confronto entre Realidades.....	35
4.1.1 Três Instituições, Três Realidades	36
4.1.2 Duas Turmas, a mesma Instituição	38
4.2 Análise dos Diferentes Contextos e Desafios	47
4.3 O Papel da Relação Escola-Comunidade no Contributo para uma Escola Inclusiva	51
4.4 Formação Profissional e as Práticas Pedagógicas adotadas.....	54
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Contributo para a construção do conceito do(a) Professor(a) Inter/Multicultural	13
Quadro 2 - Representação da justificação para os alunos da turma-piloto gostarem da Instituição 3.....	34
Quadro 3 – Representação das profissões do pai e da mãe dos alunos da turma-piloto.	40
Quadro 4 - Representação das profissões do pai e da mãe dos alunos da turma C.....	44

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Representação do setor profissional dos pais da turma da Instituição 1.....	29
Gráfico 2 - Representação do agregado familiar da turma-piloto.....	39
Gráfico 3 – Representação das atividades favoritas dos alunos da turma-piloto.....	41
Gráfico 4 - Representação do agregado familiar da turma C.....	44
Gráfico 5 - Representação das atividades favoritas dos alunos da turma C.....	45
Gráfico 6 - Representação da escola frequentada no 1º Ciclo do Ensino Básico pela turma-piloto	46
Gráfico 7 - Representação da escola frequentada no 1º Ciclo do Ensino Básico pela turma C.....	47

ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndice 1 - Guião da entrevista destinado à Professora A da Instituição 1.....	66
Apêndice 2 - Guião da entrevista destinado à Professora B da Instituição 2.....	68
Apêndice 3 - Guião da entrevista destinado à Professora C da Instituição 3.....	70
Apêndice 4 - Guião da entrevista destinado à Professora D da Instituição 3.....	72
Apêndice 5 - Guião da entrevista destinado ao Professor Miguel Prata Gomes.....	74
Apêndice 6 - Transcrição da entrevista da Professora A.....	75
Apêndice 7 - Transcrição da entrevista da Professora B.....	78
Apêndice 8 - Transcrição da entrevista da Professora C.....	82

Apêndice 9 - Transcrição da entrevista da Professora D.....	87
Apêndice 10 - Transcrição da entrevista do Professor Miguel Prata Gomes.....	91
Apêndice 11 - Grelha de análise de conteúdo da entrevista da Professora A.....	94
Apêndice 12 - Grelha de análise de conteúdo da entrevista da Professora B.....	99
Apêndice 13 - Grelha de análise de conteúdo da entrevista da Professora C.....	105
Apêndice 14 - Grelha de análise de conteúdo da entrevista da Professora D.....	111
Apêndice 15 - Grelha de análise de conteúdo da entrevista do Professor Miguel Prata Gomes.....	118
Apêndice 16 – Questionário.....	121
Apêndice 17 - Registos de Observação.....	123

INTRODUÇÃO

Devem ensiná-los a não olharem para as coisas com as vistas curtas; a não pensarem unicamente neles, na *sua* comunidade, no *seu* país, na *sua* raça; a tomarem consciência que todos os seres têm os mesmos direitos e as mesmas necessidades. Sensibilizem-nos para a responsabilidade universal, mostrem-lhe que nada do que fazemos é anódino, que tudo tem uma influência no resto do mundo.

(Dalai Lama, 2007, p.67)

A sociedade do século XXI espelha as consequências do Acordo de Schengen, os descendentes resultantes da convivência de pessoas de diferentes culturas e, naturalmente, a heterogeneidade existente em qualquer região ou comunidade. O multiculturalismo é uma realidade inevitável na sociedade atual. A presença de pessoas de diferentes culturas, de diferentes níveis económicos, de diferentes religiões, de diferentes orientações sexuais, faz parte do dia-a-dia de cada um de nós. Mas serão as pessoas assim tão diferentes entre si? Ou seremos todos nós unicamente diferentes? Na realidade, nós somos portadores de uma história e pertencemos a um determinado contexto que nos individualiza face a qualquer outro ser. Deste modo, e no panorama atual, a escola é a “montra” da realidade multicultural tipicamente característica dos nossos dias (Gonçalves & Silva, 1998). Conviver com a diversidade e integrar cada pessoa, respeitando-a como um ser único no mundo, é um desafio que o professor do século XXI deverá assumir. Nesta perspetiva, e na situação atual, importa refletir sobre o papel da escola, uma vez que esta é a “montra” da realidade multicultural tipicamente característica dos nossos dias (Idem).

Neves e Miranda (2015, p.35) sublinham que “(...) a escola tem o dever se afirmar enquanto espaço de natureza relacional, assumindo compromissos, enfrentando desafios culturais e educativos que atribuem protagonismo e centralismo a professores e alunos.”. Posto isto, é pertinente analisar qual a posição do professor nesta sociedade que se deseja, mais do que ser multicultural, ser intercultural.

Neste panorama revela-se necessário os professores estarem consciencializados que diante de si têm alunos que não aprendem todas do mesmo modo, que não vivem todas a mesma realidade familiar, económica e cultural e, por isso devem intervir de forma a garantir as condições essenciais ao sucesso educativo de cada um deles. Esse é

um direito dos alunos, uma vez que é importante o professor assumir “(...) um papel fulcral na recriação, na produção e contextualização dos saberes, através de uma discriminação positiva da aprendizagem” (Idem, p. 36). Só assim será possível contribuir para o processo de construção de uma sociedade alicerçada em valores que protejam a integridade humana de cada indivíduo. Assim sendo, importa desenvolver uma prática pedagógica em que todos os alunos se sintam integrados e tenham igualdade de oportunidades, ao mesmo tempo que se sentem individualizados. Um professor que seja capaz de assumir esta posição pedagógica demonstrará um comportamento exemplar aos alunos e, por sua vez, estes terão a oportunidade de assimilar a importância da interculturalidade para uma sociedade que se quer assente em valores de igualdade, partilha e respeito mútuo.

Com o intuito de orientar a pesquisa fundamental ao desenvolvimento do relatório, foram traçados objetivos que constituem o enfoque da investigação apresentada.

- Compreender que relação existe entre as características do contexto escolar e as práticas pedagógicas do professor;
- Compreender as razões que levam o professor a fazer determinadas opções pedagógicas;
- Analisar de que modo a formação inicial de professores, bem como possíveis formações realizadas posteriormente, contribuem para uma prática educativa intercultural.

Os estágios realizados, inseridos na unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionado, permitiram o contacto direto com três contextos escolares distintos. Deste modo, foi possível recolher os dados necessários e desenvolver um olhar, que se deseja ser crítico e analítico, da realidade existente em cada uma das instituições. No primeiro semestre o estágio foi realizado no 1º Ciclo do Ensino Básico, numa escola de ensino cooperativo e privado. O estágio do segundo semestre decorreu igualmente no 1º Ciclo do Ensino Básico, numa escola da rede pública. O terceiro e quarto semestre foram destinados à realização do estágio em contexto de 2º Ciclo do Ensino Básico, numa escola que, também ela, pertence à rede pública.

O presente relatório de investigação está organizado em três partes. A primeira parte destina-se à apresentação do enquadramento teórico, na qual são apresentadas as fundamentações fulcrais para a compreensão da temática desenvolvida. Segue-se a parte dois, onde se descreve a metodologia utilizada e os instrumentos mobilizados no terreno. E por último, na terceira parte serão apresentados e discutidos os dados recolhidos durante a investigação, seguindo-se as considerações finais.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 A Escola e a Diversidade Sociocultural na Sociedade Contemporânea

A escola, na Europa Ocidental, desde a sua formação, foi sendo alvo de diferentes influências, adotando diferentes funções. Após passar milhares de anos sendo administrada sob orientação das instituições religiosas, “ (...) só mais tarde, a partir da revolução francesa, do liberalismo e da revolução industrial, assistimos a fortes mudanças políticas, económicas e sociais que levaram à nacionalização das escolas, passando a educação a ser controlada pelo Estado” (Neves, 2015, p.236).

Em Portugal, não foi exceção, apesar de muitas das transformações ocorrem tardiamente quando comparado com os restantes países. Enquanto que, gradualmente, a abertura para estas transformações davam origem a sociedades cada vez mais inclusivas, em território lusitano, durante longos anos ignorou-se as características culturais típicas de uma comunidade, região ou até grupo social ou etário. “Considerava-se que havia uma única cultura” (Pacheco, 1997, p. 47), sendo todos os portugueses representantes desta.

As diferenças eram vistas como um sinal de inferioridade e de ausência de cultura. Relativamente aos outros países e às suas influências perante Portugal, o espírito patriota e a “defesa da nação”, esforçavam-se para combater as designadas “misturas sociais e culturais” (Ibidem).

A escola tradicional, por sua vez, preconizava o valor da igualdade, e os alunos eram vistos como sendo todos iguais, independentemente das suas origens ou experiências pessoais. O termo “tábua rasa” remete para a falta de conhecimentos e vivências que os alunos possuíam, sendo que, o professor ensinava sem olhar em seu redor e constatar a realidade dos alunos que estavam diante de si. Trindade e Cosme (2010) cit. por Neves (2016, p. 14) denota que “A escola no século XIX tinha uma matriz pedagógica marcada pelos pressupostos do paradigma pedagógico da instrução”, descredibilizando a importância do sentido global da educação.

Desde sempre houve comunidades rurais e citadinas, pobres e ricos, analfabetos e letrados, não podendo esquecer o historial migratório que Portugal detém, bem como, as influências que os países recetores legaram aos emigrantes regressados. No entanto,

com o passar dos anos a percepção face à verdadeira realidade social que constitui a sociedade atual portuguesa, revela o resultado de uma evolução significativa quanto à aceitação das transformações características de uma sociedade em contante evolução. (Pacheco, 1997). Tais transformações foram, de certo modo, impulsionadas pelo estabelecimento do espaço Schengen, em 1985, que determinou a livre circulação de pessoas entre países membros (onde Portugal se insere), influenciando diretamente o aumento do número de pessoas estrangeiras no território português. A difusão dos meios de comunicação e o melhoramento das redes de transportes reiteraram mentalidades e opiniões, trazendo a debate os conceitos de “Sociedade Global”; “Diversidade Cultural”, “Multiculturalidade” e “Interculturalidade”.

O respeito pela dignidade humana, em todas as dimensões que a compõem, e como atualmente é possível verificar, foi inicialmente preconizado pela Revolução Francesa, onde os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, impulsionaram a assinatura da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, em 1789. Em Portugal, a Constituição da República Portuguesa, data do ano de 1822, foi o primeiro passo para a implementação de uma gradual igualdade entre todos os Homens. Este processo foi longo mas nos dias de hoje a Democracia e a igualdade perante a lei é uma realidade impressa na atual Constituição Portuguesa, cuja última revisão ocorreu em 2010, e assenta em valores e ideais democráticos, não apoiando qualquer tipo de discriminação ou ofensa à integridade do Homem. Segundo o artigo 13º/2 “Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual”. Deste modo, também a educação segue esta linha orientadora, tal como indica o artigo 43º/2 “O Estado não pode programar a educação e a cultura segundo quaisquer diretrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas”.

Não obstante, a “Xenofobia”, o “Racismo” e a “Exclusão Social” levantam cada vez mais debates controversos, na medida em que surgem movimentos sociais contestatários das transformações sociais e um confronto entre o progresso ao nível da aceitação do que se considera “ser diferente” e a dificuldade da adaptação aos “novos tempos”.

Estas manifestações contra a liberdade do ser humano são transversais a qualquer época histórica, e haverá sempre opiniões antagónicas porque apesar do peso dos condicionalismos políticos, económicos e sociais que atravessam estes mesmos problemas, “(...) não podemos esquecer que se trata também de uma questão de mentalidade, de preconceitos arraigados que alargam as nossas relações com o Outro, o estranho, o diferente” (Pacheco, 1997, p. 47). Neste seguimento, importa perceber qual o contributo da escola neste panorama social e analisar a sua intervenção no desenvolvimento de uma sociedade inclusiva.

A escola é o reflexo mais genuíno da diversidade sociocultural, revelando ser inevitável transparece-lo. “O convívio com diferentes realidades ambientais, económicas, sociais e culturais – gerado pela nova sociedade da informação e pela mobilidade geográfica das populações – tem proporcionado (re)encontros de valores muitas vezes afastados dos que tradicionalmente existem” (Leite, 2002, p. 95). Neste seguimento, somos “(...) levados a afirmar que a escola inclusiva não pode ser uma realidade mascarada, em discursos meramente teóricos, mas antes se efetivem em espaços educativos onde as diferenças sejam potenciadoras de aprendizagens cooperativas” (Neves, 2015, p. 242).

De acordo com o Decreto-lei nº 46/86, de 14 de outubro, atualizada pelo Decreto-lei nº85/2009, de 27 de agosto, que estabelece o quadro geral do Sistema Educativo Português, a escola é vista como uma organização/instituição cuja sua principal função é ensinar, assegurar a diminuição de analfabetismo do país, preparar os jovens para enveredarem futuramente no mercado de trabalho, e permitir que estes se sintam inseridos na comunidade e capazes de interagir com o meio que os rodeia. Para tal, é importante a escola trabalhar com o sentido de combater as desigualdades sociais, económicas e culturas, uma vez que, deverá ter presente em todo o processo educativo a promoção da igualdade de oportunidades para todos os alunos independentemente das vivências de cada um.

A escola, em todas as suas dimensões, tem a função de fornecer experiências, contactos e relações enriquecedoras ao desenvolvimento dos alunos, sem esquecer que “Os valores fazem parte da alma da educação” (Estanqueiro, 2012, p. 99), sendo conveniente assumir o seu papel como promotor de práticas de educação para os valores e para a cidadania. Esta função não é exclusiva da família, como muitos julgam, é

responsabilidade de todos os atores educativos que investem na formação do ser humano, uma vez que, a instrução não basta, pois é essencial “ (...) construir um futuro de esperança, com pessoas mais livres, mais responsáveis e mais solidárias. Mais humanas!” (Ibidem). Sendo assim, é essencial que a escola dos nossos dias assuma um papel reflexivo de forma a cumprir os desafios que as constantes transformações características de uma sociedade contemporânea o exigem. Por escola reflexiva, entendemos ser

uma escola inteligente e situada, com capacidade e flexibilidade para se adaptar aos contextos complexos e difíceis que caracterizam as situações escolares contemporâneas. Uma escola projeta-se e desenvolve-se através do seu projeto educativo de escola: através da caracterização das suas potencialidades, da definição das suas metas, e finalidades e da definição das suas estratégias de ação (Neves, 2015, p. 241).

2.2 Os Papéis, as Atitudes e as Competências de um Professor do Século XXI

Desde sempre que os professores sabem que têm influência no comportamento dos seus alunos. De facto, ensinar é, por definição, uma tentativa de influenciar a aprendizagem e o comportamento dos alunos. Várias dezenas de investigações permitem afirmar que o que os professores fazem na sala de aula é, sem margem para dúvidas, o principal factor extrínseco ao aluno que determina a sua aprendizagem e o seu sucesso e que nem todas as práticas pedagógicas têm o mesmo efeito na aprendizagem (Silva & Lopes, 2010, p. 7).

O professor, tal como Silva e Lopes (2010) afirmam, é o principal orientador de conhecimento e crescimento dos alunos. Nesta perspetiva, e em primeiro lugar, o “Bom Professor”, de acordo com Estanqueiro (2012), coloca os alunos em foco, promovendo o seu desenvolvimento cognitivo, psico-motor e socio-afetivo (Idem), sem esquecer que “A definição da consciência e da responsabilidade profissional não se esgota no acto técnico de ensinar e prolonga-se no acto formativo de educar” (Nóvoa, 1999, p. 12).

Posto isto, esta conceção de docente, ensina os conteúdos declarados nos diferentes programas curriculares, não esquecendo que estes são documentos orientadores, podendo ser adaptados em função dos interesses, dificuldades e potencialidades dos alunos. As metas curriculares, por sua vez, deverão ser tidas em consideração como sendo objetivos que os alunos deverão atingir. Porém, o “Bom Professor” é capaz de delinear e ajustar as metas estabelecidas, tanto ao contexto

escolar, como ao grupo que tem diante de si, sem esquecer a dimensão afetiva, e a sua responsabilidade em promover valores como a amizade e a solidariedade.

Os princípios e os valores de uma escola estão consignados em documentos orientadores, como o projeto educativo e o regulamento interno. Mas há valores que não são explicitados em qualquer documento. Revelam-se nas atitudes das pessoas, no modo como elas se comportam (Estanqueiro, 2012, p. 106).

O professor, para além da família, é um dos principais exemplos que os alunos vivenciam e tendem a imitar. Por esta mesma razão, o professor não pode deixar de cumprir as regras que coloca aos alunos, e deverá ser o modelo de pessoa compreensiva, interventiva, bondosa, respeitadora, amigável e simpática, que deseja que os seus alunos sejam, porque “ Um dos objetivos da educação é ajudar os alunos a conhecer, apreciar e praticar os valores morais básicos, que fazem parte da nossa herança cultural” (Ibidem).

Relativamente às aprendizagens promovidas em contexto escolar, é desejável que assentem num cariz significativo, pois o conhecimento adquirido pelos alunos permanece, e permite-lhes estabelecerem relações entre os diferentes saberes. Sendo assim, a curiosidade e a motivação surgem como aliados ao processo de aprendizagem, uma vez que este profissional é capaz de promover momentos de experimentação e descoberta. De acordo com Rogers (1977), mencionado por Trindade (1998), as aprendizagens designadas como significativas, provocam uma modificação,

(...) quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação da acção futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência (Trindade, 1998, p. 46).

As aprendizagens significativas surgem, essencialmente, com a consciência de que cada aluno é diferente e portador de sabedoria e de uma história, por mais curta que seja. Por isso, a “ (...) escola não constrói a partir do zero, nem o aprendiz é uma tábua rasa, uma mente vazia; ele sabe, ao contrário, “muitas coisas”, questionou-se e assimilou ou elaborou respostas que o satisfazem.” (Perrenoud, 2000, p. 26). É necessário trabalhar a partir das representações dos alunos, e dar-lhes regularmente direitos na aula, interessar-se por eles, tentar compreender as suas raízes (Idem).

O professor do século XXI, que converge com os ideais profissionais defendidos por Estanqueiro (2012), tem que compreender que todos os alunos são diferentes e desenvolver um trabalho a partir desta realidade, porque

Certas pessoas têm prazer em aprender por aprender, gostam de dominar dificuldades, superar obstáculos. Para alguns, aprender exige tempo, esforços, emoções dolorosas: angústia do fracasso, frustração por não conseguir aprender, sentimentos de chegar aos limites, medo de julgamento de terceiros. Para consentir um tal investimento e, portanto, tomar a decisão de aprender e conservá-la, é preciso uma boa razão (Perrenoud, 2000, p. 70).

O profissional de educação tem de possuir um conhecimento consistente e abrangente, através de uma metodologia de permanente investigação e formação, porque só assim será capaz de ensinar de forma segura e confiante da veracidade dos factos apresentados (Cortesão 2009). Compactuando com esta ideia, Neves (2016), acrescenta que apesar de o professor assumir o papel de sábio, deverá permitir aos alunos a possibilidade de, autonomamente, descobrirem as respostas aos desafios colocados e de serem atores ativos no processo de aprendizagem. Assim sendo, a relação que se cria entre o professor e o aluno, torna-se mais estreita, uma vez que ambos os atores desenvolvem um trabalho em conjunto, contrariando a ideia de que o professor coloca as questões e responde simultaneamente, sem dar a possibilidade do aluno participar. Idealmente, o professor proporciona o desenvolvimento do espírito crítico, assegurando que todos os alunos da sala se sentem seres únicos e integrados num grupo onde todos os seus constituintes são valorizados precisamente por aquilo que são.

Para que esta relação seja estreita e vantajosa para os intervenientes, é importante que o professor conheça o essencial da vida pessoal dos alunos e participe nela quando necessário, apoiando-os incondicionalmente, respeitando as suas dificuldades e desenvolvendo o espírito crítico, assegurando que todos se sentem cada vez mais capazes de solucionar os problemas do dia-a-dia.

Os bons professores têm uma boa cultura académica e transmitem com segurança e eloquência as informações na sala de aula. Os professores fascinantes ultrapassam essa meta. Eles procuram conhecer o funcionamento da mente dos alunos para os educar melhor. Para eles cada aluno não é apenas um número na sala de aula, mas um ser humano complexo, com necessidades peculiares (Cury, 2004, p. 59).

O “Bom Professor” procura estabelecer uma relação estreita entre a família, os restantes atores educativo e a comunidade envolvente, porque acredita que todos estão implicados no desenvolvimento das crianças, e só assim pode ser possível promover ideais de uma cidadania democrática (Cosme & Trindade, 2002).

Por sua vez, o trabalho cooperativo entre todos os atores intervenientes no processo educativo, é visto como uma opção pedagógica que, quando aplicada devidamente origina inúmeras vantagens. O trabalho cooperativo permite a partilha de ideias, experiências, receios e anseios, uma vez que, os contactos estabelecidos são constantes, e os alunos são alvo de uma atenção permanente por parte de todos aqueles que assumem ter responsabilidade sobre eles. Para que tal seja possível, é crucial que todos os agentes educativos compreendam que os objetivos traçados são comuns, e que juntos poderão auxiliar-se mutuamente.

Para concluir, acreditamos tem um papel preponderante numa sociedade de massas, onde emerge a necessidade de levar a que a educação seja fundamentalmente a solução no combate ao etnocentrismo e exclusão social. Deste modo, o professor deverá ser capaz de ensinar e educar com rigor e espírito de liderança, desenvolvendo um perfil de docente com base na investigação, persistência, afetividade, dedicação, criatividade, empreendedorismo, cujo seu foco primordial se baseia na promoção de aprendizagens significativas e interdisciplinares. Ser um profissional reflexivo, será fundamental para alcançar a conceção de docente que traçamos, porque assim será capaz de adotar uma postura reflexiva e crítica das suas práticas, para que seja cada vez melhor a nível pessoal e profissional (Neves & Miranda, 2015)

2.3 Professor Monocultural versus Professor Multicultural

Cabe ao professor intervir no processo educativo de forma a colocar como

(...) central os próprios alunos, num prática que não destrua a sua auto-imagem (através de ações que explicita ou implicitamente lhes demonstrem que o seu grupo de pertença, a sua família, e os seus pais são ignorantes), que também permita, favoreça e estimule as aprendizagens curriculares, que lhes tornem mais evidentes a possibilidade de intervir no processo em que estão envolvidos, que lhes mostre também a importância dos seus esforços de aprendizagem, que os estimule a serem cidadãos ao longo do próprio processo de desenvolvimento e de aprendizagem (Cortesão, 2009, p. 19).

O perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário, aprovado no Decreto-Lei n.º 240/2001, destaca como sendo uma das funções dos profissionais de educação, valorizar “(...) a qualidade dos contextos de inserção do processo educativo, de modo a garantir o bem-estar dos alunos e o desenvolvimento de todas as componentes da sua identidade individual e cultural”. Posto isto, é possível afirmar que o Ministério da Educação considera que o respeito pela cultura distintiva de cada turma e de cada aluno, deverá ser contemplado no processo educativo, cabendo ao professor estimá-la.

Os professores, tal como os alunos e restante comunidade educativa, são portadores de várias influências culturais, e tendem a manifestá-las sobrevalorizando o seu saber e transformando-o no único válido e verdadeiro. Esta tendência que abrange a maioria dos professores origina “ (...) uma espécie de etnocentrismo que torna os mestres cegos em relação às outras culturas que ignoram ou desprezam” (Duarte, 2000, p. 26).

Em Portugal, a cultura valorizada e ensinada rege-se essencialmente pelos estereótipos e preconceitos implementados pelas vivências históricas e pela própria localização territorial. Deste modo, “(...) o conhecimento transmitido privilegia arbitrariamente a cultura euro-ocidental (branca, masculina, cristã, capitalista, cientificista, predatória, racionalista, etc)” (Gonçalves & Silva, 1998, p. 16), podendo haver a tendência para silenciar outras culturas, ou tratá-las como inferiores. Opondo-se a esta ideologia, “(...) o multiculturalismo é reivindicado como um antídoto contra o eurocentrismo” (Ibidem).

Segundo Luiza Cortesão (2012), o professor investigador, tem de ser capaz de combater os estereótipos estabelecidos por si, analisar a cultura e a realidade de cada aluno, para posteriormente, atuar de forma a determinar as diferenças capazes de levar o aluno a sentir-se integrado e compreendido em tudo o que o constitui como indivíduo. O professor que atua de igual modo, não tendo em consideração o público que tem diante de si, não é capaz de chegar a todos os alunos, impulsionando assim o insucesso escolar e a desmotivação.

O professor monocultural ou daltónico corresponde exatamente à referência de docente enunciado, pois consiste num profissional que não consente diferenças, não sendo capaz de distinguir as cores, ou seja, os alunos e as suas múltiplas características.

Por sua vez, o professor multicultural, preconiza os ideais implícitos no conceito de “Investigação-ação”, na medida em que revela ser capaz de aceitar a multiculturalidade dentro da sala de aula, procurando conhecer a realidade em que vivem ou seus alunos, bem como a cultura e os valores destes, de forma a adaptar a sua prática a cada um deles, atuando de forma consciente e informada (Cortesão, 2009).

A investigação permite ao profissional de educação, para além de produzir conhecimento, refletir e procurar gerar mudanças expressivas. Segundo Carlinda Leite, a mudança é essencial e imprescindível, numa época que se revela atribulada quanto ao confronto de ideologias socioculturais. Se a educação escolar não se transformar, está sujeita a pela menos, a duas situações: “1) perder uma das razões da sua existência, e que é a de contribuir para uma educação para todos: 2) ser um veículo de marginalização de certos grupos sociais ou obrigá-los a um processo de assimilação, sujeitando-os a uma perda das suas identidades culturais” (Leite, 2002, p. 97).

Por sua vez, a ação possibilita a aplicação das investigações concretizadas, tendo a oportunidade de confirmar os resultados esperados, e gerados pelas iniciativas de mudança.

O quadro seguinte, elaborado por Stepher Stoer (2008, p. 13), clarifica a distinção entre o professor monocultural e o professor multicultural, não deixando dúvidas de que o modelo multicultural pressupõe a existência direta entre a prática educativa e o ambiente institucional. Estas duas dimensões, quando devidamente aliadas geram alunos mais motivados e empenhados em novas aprendizagens, e por sua vez, profissionais mais realizados. Analisando o quadro 1 é relevante compreender qual a influência que ambos os modelos têm no desenvolvimento do aluno e da sociedade onde se integra.

Contributo para a construção do conceito do(a) Professor(a) Inter/Multicultural

O(A) Professor(a) Monocultural	O(A) Professor(a) Inter/Multicultural
<p>1. Encara a diversidade cultural como obstáculo ao processo de ensino/aprendizagem potenciador de discriminação;</p> <p>2. Considera a diversidade cultural na sala de aula como déficit (preocupação com o que falta nas culturas que se desviam da norma);</p> <p>3. Considera importante a homogeneidade cultural na sala de aula veiculando a cultura nacional na escola oficial para todos;</p> <p>4. Proclama a sua identidade cultural como herança histórica que é fixa e indiscutível;</p> <p>5. É «escolacentrista»: a escola deve preparar para a modernização;</p> <p>6. Reconhece diferenças culturais sem as querer conhecer (para evitar preferências por qualquer grupo sócio-cultural).</p> <p>Pressupostos estruturantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cidadania baseada na democracia representativa • Igualdade de oportunidades – acesso • Escola Meritocrática 	<p>1. Encara a diversidade cultural como fonte de riqueza para o processo de ensino/aprendizagem;</p> <p>2. Promove a rentabilização de saberes e de culturas;</p> <p>3. Toma em conta a diversidade cultural na sala de aula tornando-a condição da confrontação <i>entre culturas</i>;</p> <p>4. Refaz o mapa da sua identidade cultural para ultrapassar o etnocentrismo cultural;</p> <p>5. Defende a descentração da escola – a escola assume-se como parte da comunidade local;</p> <p>6 <i>Conhece</i> diferenças culturais através do desenvolvimento de dispositivos pedagógicos na base da noção de <i>cultura como prática social</i>.</p> <p>Pressupostos estruturantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cidadania baseada na democracia participativa • Igualdade de oportunidades – sucesso • Escola Democrática

Quadro 1 - Contributo para a construção do conceito do(a) Professor(a) Inter/Multicultural (Stepher Stoer, 2008, p13)

Observando o quadro 1, de um lado temos um professor individualista e centrado apenas em transmitir os conhecimentos essenciais, assumindo o papel de protagonista no processo de ensino-aprendizagem. Para o professor monocultural a diversidade em sala de aula prejudica a aprendizagem de todos os alunos, sendo ideal estes estarem organizados por grupos segundo culturas iguais, para que não haja contacto com culturas diferentes. Por outro, temos a descrição de um professor que, para além de promover o contacto e a convivência entre diferentes culturas na sala de aula, procura que esta relação seja vantajosa para todos, fazendo com que cada elemento se sinta livre para se expressar e, assim desenvolver uma pedagogia tendo por base a partilha de saberes e experiências enriquecedoras para formação do aluno.

2.4 As Aprendizagens Significativas

O professor tem o dever de promover aprendizagens no âmbito de um currículo capaz de interligar as diversas áreas do saber (Decreto-lei 240/2001). Sendo a aprendizagem o objetivo crucial e orientador da prática educativa de um docente, revela ser indispensável compreender qual o seu significado. Petrovsky (1980) realça uma definição significativamente conclusiva:

a aprendizagem pressupõe uma modificação externa, de tipo físico (no comportamento), produto de outra interna, psicológica, que permite alcançar determinado objetivo; e que só podemos considerar aprendizagem se a modificação for adequada e estável na atividade que surge, graças a uma atividade precedente e não provocada diretamente por reações fisiológicas e inatas do organismo. (Diaz cit por Petrovsky, 2011, p. 81).

No que concerne ao conceito de aprendizagem significativa, interessa esclarecer que “(...) definir algo é uma tarefa difícil, ainda mais no caso da aprendizagem que é um dos fenómenos mais complexos da psique humana, pelo que afirmo ser quase impossível uma definição precisa deste termo” (Diaz, 2011, p.82).

Trindade (1998) sustentado em Roger (1977), argumenta que as aprendizagens designadas como significativas, provocam uma modificação, “(...) quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação da acção futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência” (Trindade, 1998, p. 46). Proporcionar aprendizagens significativas, é um desafio constante na prática docente, devendo ser o enfoque em todas as atividades propostas aos alunos.

Neste seguimento, surge um problema que abrange qualquer professor, independentemente do contexto onde exerce: “ (...) é que os alunos não aprendem todos da mesma maneira, não se interessam todos pelos mesmos assuntos, as aprendizagens que se lhes exigem não são, para todos, igualmente significativas” (Cortesão, 2012, p.724). São diversos os fatores que podem condicionar esta situação, nomeadamente problemas de cariz cognitivo, como défice de atenção, hiperatividade, entre outros, todavia o fator sociocultural revela ser o mais considerável (Cortesão, 2009).

A necessidade de realizar uma prática educativa diferenciadora e adaptativa, tem como enfoque solucionar o problema mencionado, e deste modo, e contornar o elevado insucesso nas escolas portuguesas, porque a escola tem o dever de apaziguar os problemas sociais e promover uma cidadania abrangente e igualitária, independentemente do meio escolar em questão.

O professor, por sua vez deverá conhecer o meio ambiente onde exerce, porque não existe realidades iguais, e muito menos alunos iguais.

Relativamente ao estatuto dos alunos, todos devem ter a mesma oportunidade de aprender, de se sentirem integrados, numa turma, numa escola e numa comunidade. Todavia, a esta igualdade de oportunidade de integração, está subjacente a ideia de que todos os alunos assumem características diferentes e cada um tem determinadas necessidades, limitações, do mesmo que tem potencialidades e qualidades que merecem ser reconhecidas e valorizadas. A diferenciação pedagógica permite, deste modo, aos alunos sentirem-se compreendidos e apoiados nas suas dificuldades, sejam elas ao nível da aprendizagem, relacional, moral ou ético.

Envolver os discentes em todo o processo educacional “(...) assume uma estratégia inquestionável na construção e concretização de projetos curriculares articulados com os valores e as orientações” (Trindade, 1998, p. 109) dos alunos, como o objetivo de promover “(...) o desenvolvimento pessoal e social das crianças no quadro do seu processo de escolarização” (Ibidem).

Enquanto todos os alunos forem vistos como pessoas com exatamente as mesmas vivências, gostos, interesses e valores, haverá sempre alunos excluídos, e isso “ (...) contribuirá muito provavelmente para que continuem a ser vistos (e se sintam) como objetos, a quem se exige que façam tarefas que os outros consideram importantes, independentemente de serem ou não significativas para si próprios.” (Cortesão, 2009).

2.5 O Multiculturalismo, O Interculturalismo e a Formação de Professores

O multiculturalismo “ (...) enquanto movimento de ideias resulta num tipo de consciência coletiva, para a qual as orientações do agir humano se oporiam a toda a

forma de “centrismos” culturais, ou seja, de etnocentrismos.” (Gonçalves & Silva, 1998, p. 14). Perante a diversidade que está diante do olhar de todos, a multiculturalidade é uma realidade presente no mundo onde todos nós habitamos. Porém, importa compreender a diferença entre viver rodeada por essa diversidade e conviver respeitosamente com ela.

Enquanto a multiculturalidade é um estado atual da sociedade do Século XXI devido à multiplicidade de culturas que permanentemente nos rodeiam, a interculturalidade é a convivência entre esta diversidade, que abrange as relações estabelecidas entre pessoas de origens geográficas e estratos sócio- económico diferentes, de religiões e crenças variadas, e toda uma comunidade mundial que se relaciona de forma crítica, mas ao mesmo tempo construtiva, compreendendo e respeitando as convicções, as crenças e os hábitos de cada um.

Cabe à formação de professores proporcionar as ferramentas necessárias para que os futuros docentes sejam capazes de corresponder a estes desafios, uma vez que, o percurso da educação está nas mãos deles, bem como o sucesso ou o insucesso dos alunos, e a felicidade e autorrealização dos mesmos.

Necessariamente, este percurso necessita de investigação, tempo, rigor e afetividade (Cortesão 2012). Sem paixão pela profissão escolhida, e pelos próprios alunos que ensina, o professor não será capaz de realizar os desafios propostos a um professor de excelência, capaz de olhar para cada criança como um ser único, repleto de histórias, de interesses, de sonhos.

“Os resultados dos estudos que procuram investigar os efeitos das variáveis centradas nas características dos professores no rendimento escolar e atitudes dos alunos permitem estabelecer uma correlação alta” (Lopes & Silva, 2010, p. 64), revelando, assim, a relação existente entre o perfil pedagógico assumido pelo professor e as suas repercussões ao nível do sucesso escolar dos alunos.

Ao nível da formação inicial de professores é essencial compreender claramente quais os objetivos a cumprir, quais as funções a exercer, mas principalmente compreender que o professor deverá tomar uma postura orientadora das aprendizagens, e não uma postura etnocentrista (Lopes & Silva, 2010). Tal como Isabel Batista menciona, os professores de hoje são “(...) chamados a realizar um missão de «alto

risco» (...)” (Batista, 2005, p. 27), sendo reconhecido que os professores são alvo de muita pressão, resultante da responsabilidade que têm como orientadores de saberes e seres, e são confrontados com desafios diários que, de certa forma, não são estáticos nem têm uma fórmula mágica, mas são atuais e marcam este período que agora vivemos. Aos futuros professores, cabe a responsabilidade de escolher o percurso que consideram melhor, conscientes das dificuldades que encontrarão ao longo da sua vida profissional.

Conforme refere Carlinda Leite (2002), os regulamentos que dão corpo à política do Estado e que orientam a execução da administração, ou seja o discurso pedagógico, podem ser um entrave à autonomia do professor, no entanto reconhecer a importância de conhecer como se produzem essas normas, é o ponto de partida para que sejam modificadas e alteradas em função das expectativas docentes.

A investigadora Luiza Cortesão, baseada em Cortesão e Stoer (2012, p. 762,727) alerta para que os professores não sejam daltônicos culturais, pois este revelam ser professores que adotam como “(...) hipótese de partida para o desenvolvimento do seu trabalho, que o arco-íris de culturas presente na sala de aula é, para eles, uma massa homogênea de alunos, homogênea quanto a saberes, valores, problemas, interesses;” Esta ideia é corroborada por Neves (2005, p. 41) referenciando que “Aprender a ser um professor inter/multicultural é um processo de aprendizagem ao longo da carreira, da sua vida, representa uma forma de ser professo.”

Desenvolver, desde o início da formação docente, a consciência de que as crianças são alvo de inúmeras influências, tanto ao nível das comunicações que estabelecem, como ao nível dos diferentes contextos onde estão inseridas, permite estabelecer uma relação pedagógica entre todos os intervenientes educativos sustentável e favorável a todos.

Nesta linha de pensamento, Bronfenbrenner (1996), autor da Teoria da Realidade Ecológica e Sistémica, defende que: “O ambiente ecológico de desenvolvimento humano não se limita apenas a um ambiente único e imediato, e deve ser concebido topologicamente como uma organização de estruturas concêntricas, cada uma contida na seguinte” (Bronfenbrenner, 1996, p. 18). Desta forma, cada estrutura é designada por: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. A última estrutura é composta pelas restantes e resulta da reunião de todos os ambientes e relações

(escola, casa dos pais, avós, primos, etc., centro de estudo, centro desportivo, igreja, entre outros contextos), formando uma rede de interconexões que diferente de uma cultura para a outra (Ibidem). Cada aluno é portador do seu próprio macrosistema, influenciado pela cultura onde está inserido, sendo assim, o professor não pode partir da ideologia de que o aluno é exclusivamente resultado das aprendizagens que o professor proporciona.

A aceitação da diferença, a exigência profissional que surge no momento da seleção dos dispositivos pedagógicos adequados a cada realidade, e o confronto com os diversos paradigmas que decorrem do processo de diferenciação pedagógica, são os desafios colados ao professor do século XXI para que, quando cumpridos, sejam capazes de promover aprendizagens significativas.

II. ENFOQUE METODOLÓGICO

A matéria-prima, objecto sobre o qual o trabalho teórico incide, nunca é constituída pelo próprio real, por factos ‘puros’. Ela é já sempre mais ou menos elaborada e inclui noções ideológicas, intuições, ‘teorias’ espontâneas, factos construídos cientificamente em anteriores momentos, conceitos e relações entre conceitos, em suma, todo o tipo de informações disponíveis sobre o real. Os meios de trabalho teórico passíveis de utilização serão essencialmente o corpo de conceitos, métodos e técnicas de que uma ciência pode dispor num momento dado e que formam a teoria, em sentido amplo. (Almeda & José, 1982, p. 9)

A este capítulo está subjacente a apresentação e o desenvolvimento epistemológico, bem como a fundamentação das opções metodológicas alusivas à investigação realizada, dando conta das técnicas e métodos de recolha de dados e dos respetivos procedimentos de análise

Assim, para o desenvolvimento deste estudo revela-se imperativo todo o referencial teórico consultado, pois permitiu a interpretação da problemática durante o processo investigativo, e constituiu o suporte da análise dos dados do estudo.

Um dos principais objetivos do presente estudo visa clarificar a influência que o contexto tem nas práticas pedagógicas do professor, e evidenciar qual o seu papel perante os desafios que os diferentes contextos colocam. Para que tal seja possível, os professores do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico (CEB) compõe a principal amostra necessária para recolher os dados úteis para a fundamentação do decorrente estudo. Também, os alunos, dos respetivos ciclos de estudo, revelam ser cruciais na realização de uma análise detalhada dos distintos contextos escolares, onde foi possível realizar uma intervenção pedagógica, no âmbito dos diferentes estágios efetuados.

O público-alvo foi selecionado, atendendo aos estágios três estágios efetuados (Instituição 1, Instituição 2 e Instituição 3). Neste foi tido em consideração a diversidade e o confronto entre contextos socioculturais diversos, para que sejam evidentes as características de cada um dos meios experienciados e, assim, seja possível equiparar diferentes realidades contextuais e as diferentes práticas pedagógicas dos professores intervenientes no processo de investigativo.

3. 1 Metodologia Aplicada aos Objetivos da Investigação

A metodologia mista é considerada a mais apropriada à finalidade deste estudo, pois permite analisar e aprofundar os objetivos delineados inicialmente e possibilita estabelecer uma pesquisa mais pormenorizada e individualizada junto dos sujeitos em estudo. Recordamos que os objetivos orientadores do estudo são: compreender se existe uma relação direta entre as características do contexto em estudo e as práticas pedagógicas do professor; compreender as razões que levam o professor a fazer determinadas opções pedagógicas e analisar de que modo a formação inicial dos professores, bem como possíveis formações realizadas posteriormente, contribuíram para uma prática educativa intercultural.

A investigação de cariz misto privilegia a junção entre a metodologia qualitativa e quantitativa, tal como proferem Tashakkori e Creswell, citado por Cresweel e Clark (2013, p.21-22): “A pesquisa de métodos mistos é definida como aquela em que o investigador coleta e analisa dados, integra os achados e extraia inferências usando abordagens ou métodos qualitativos e quantitativos em (...) investigação.”. Deste modo, interessa compreender no que consiste, de forma sintetizada, cada uma das metodologias, para que seja possível perceber a interligação entre a metodologia qualitativa e quantitativa, uma vez que o investigador que adota a metodologia mista “(...) mistura (ou integra ou vincula) as duas formas de dados combinando-os de modo sequencial, fazendo um construir o outro ou incorporando um no outro” (Creswell & Clark , 2013, p. 22).

A metodologia qualitativa permite descrever um fenómeno em profundidade, na tentativa de capturar e compreender, com pormenor, as perspetivas e os pontos de vista dos indivíduos sobre determinados assuntos. “Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva, pois a informação que recolhem não pretende confirmar ou infirmar ideias construídas a priori, pelo contrário, constroem ideias a partir dos dados recolhidos” (Bogdan & Bicken, 1994, p. 50). As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo sim, formuladas com o objetivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. Por outro lado, a metodologia quantitativa visa focalizar-se essencialmente nos parâmetros devidamente estipulados, seguindo linearmente os objetivos traçados com o

objetivo de standardizar as possíveis respostas e restringir a amplitude de eventuais variáveis, facilitando, assim, a interpretação dos dados obtidos (Günther, 2006).

Mobilizamos, assim, a observação, a recolha e a análise documental, a entrevista, o questionário e a análise de conteúdo, como os instrumentos e técnicas de recolha e tratamento de dados que melhor se aplicam à presente investigação e que serão explicitados no ponto abaixo mencionado.

3.2 Instrumentos e técnicas de recolha de dados

Para Almeida e Pinto (1982, p. 78) “(...) as técnicas de investigação são conjuntos de procedimentos bem definidos e transmissíveis, destinados a produzir certos resultados na recolha e tratamento de informação requerida pela actividade de pesquisa”. Deste modo, com o intuito de aprofundar a percepção dos docentes do 1º e 2º CEB face aos objetivos traçados, considerou-se necessário recorrer à entrevista, uma vez que esta constituiu uma técnica que possibilita um carácter mais próximo entre o investigador, que aprofunda as temáticas de maior relevo para a problemática a trabalhar, e o sujeito, valorizando desta forma o discurso e a comunicação não-verbal (Günther, 2006).

A entrevista já não é necessariamente concebida como uma técnica neutra, standardizada e impessoal de recolha de informação, mas como resultado de uma *com-posição* (social e discursiva) a duas (por vezes mais) vozes, em diálogo recíproco a partir das posições que ambos os interlocutores ocupam na situação específica de entrevista (de interrogador e de respondente), dando lugar a um campo de possibilidade de *improvisação* substancialmente alargado quer nas questões levantadas, quer nas respostas dadas (Torres & Palhares, 2014, p. 171).

Assim, a entrevista consta numa conversa intencional, geralmente “(...) entre 2 pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a pessoa entrevistada” (Bogdan & Bicken cit. por Morgan, 1994, p. 134), e permite “(...) captar discursivamente, com profundidade simbólica e densidade narrativa, os respetivos pontos de vista sobre determinadas práticas, experiências e/ou interações” (Torres & Palhares, 2014, p. 168).

As entrevistas semi-diretivas ou semiestruturadas foram eleitas como instrumento de recolha de dados por permitirem uma maior liberdade, no que concerne ao decorrer da entrevista, ou seja, permite a existência de perguntas abertas,

contrariando o que acontece nas entrevistas muito dirigidas e estruturadas (Ibidem). Deste modo, as entrevistas realizadas, foram planejadas a partir das leituras empíricas efetuadas, dando origem a cinco guíões de questões orientadoras dos objetivos traçados antecipadamente. Posto isto, traçou-se para as instituições do 1ºCEB um guião para a Instituição 1, destinado à professora A¹ e um guião para a Instituição 2, dirigido à professora B². Para o 2ºCEB, foram elaborados dois guíões para a Instituição 3, sendo que um foi aplicado à professora da disciplina de Português, designada como professora C³, e o outro foi aplicado à professora da disciplina de História e Geografia de Portugal, designada como professora D⁴.

O quinto guião tem como objetivo planificar uma entrevista exploratória e foi elaborado com a perspectiva de ser aplicado a um profissional com experiência na área da formação docente e com um currículo profissional no âmbito da Educação Intercultural. Assim sendo, o guião⁵ foi aplicado ao professor da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (ESEPF), Miguel Prata Gomes, uma vez que a sua experiência profissional relaciona-se diretamente com as questões debatidas no presente relatório. A escolha do docente para colaborar no desenvolvimento do trabalho aqui exposto está, também, relacionada com o facto de este assumir um papel ativo na formação de professores e na consciencialização destes para a importância da ética, da moral e da interculturalidade na educação.

Colocados em prática os guíões norteadores das diferentes entrevistas, rapidamente surgiu a necessidade de adaptar, eliminar e acrescentar questões para que fosse possível a busca pela recolha de informações pretendidas. Por isso, as entrevistas semiestruturadas, permitem a intervenção do entrevistador, sem que seja imperativo seguir linearmente o guião inicial. Estamos perante a capacidade do entrevistador em se colocar, dialógica e reciprocamente, face ao ponto de vista do entrevistado, e de improvisar novas situações, de forma a beneficiar o desenvolvimento do estudo e aprimorar as questões que não foram devidamente tidas em consideração no momento da preparação. No entanto, “Não se trata, note-se, de uma forma de improvisação

¹ Consultar apêndice 1 – Guião de Entrevista da Professora A, p. 66

² Consultar apêndice 2 – Guião de Entrevista da Professora B, p.68

³ Consultar apêndice 3 – Guião de Entrevista da Professora C, p.70

⁴ Consultar apêndice 4 – Guião de Entrevista da Professora D, p.72

⁵ Consultar apêndice 5 – Guião de Entrevista do Professor Miguel Prata Gomes, p. 74

anárquica, mas de uma forma de improvisação preparada, informada e controlada.” (Torres & Palhares, 2014, p. 171).

O guião de cada entrevista, destinado às docentes das diferentes instituições, foi elaborado conforme o ciclo de ensino em que o docente se insere, visto que as valências de 1º e 2º CEB são constituídas por especificidades que interessa diferenciar. Nomeadamente, no caso do 2º CEB, as docentes não assumem o papel de titulares de turma, pois intervêm em diferentes turmas, sendo relevante para a investigação compreender se numa mesma escola as entrevistadas aplicam as mesmas práticas pedagógicas de forma diferente em cada uma das turmas.

Por outro lado, os documentos gestão das instituições, tal como o Projeto Educativo (PE) são realçados no guião das entrevistas dirigidas às diferentes professoras das instituições de ensino básico, com o objetivo de confrontar as ideias essenciais dos documentos institucionais e as práticas pedagógicas adotadas pelas docentes.

Relativamente à análise documental, esta consiste numa técnica de recolha de informação fundamental em qualquer investigação, uma vez que não existe investigação sem documentação (Pardal & Correia, 1995). Para que o recurso a esta técnica possa desenvolver-se com sucesso, é imprescindível que o objeto de estudo esteja claramente definido, bem como os objetivos da investigação devidamente formuladas. Desde o primeiro momento que a pesquisa e análise de documentos se revelaram imprescindíveis, na medida em que sustentam e fundamentam a viabilidade do aprofundamento da temática em voga. Os normativos legais que norteiam o Sistema Educativo Português, os documentos obrigatórios e orientadores das escolas onde foi possível a realização da PES (Prática de Ensino Supervisionado) (PE, Regulamento Interno (RI) e o Plano Anual de Atividades (PAA), bem como os diversos autores que contribuíram diretamente para o acréscimo de conhecimento e escolha do caminho que se pretende seguir, compõe os documentos analisados e presentes na bibliografia.

O inquérito por questionário foi outro dos instrumentos que possibilitou a recolha de dados que, posteriormente contribuíram para elaborar um perfil mais detalhado da instituição 3 e de duas turmas relevantes para a investigação⁶. O questionário assume tanto uma vertente aberta como fechada, devido ao facto de a sua

⁶ Consultar apêndice 16 – Inquérito por Questionário, p. 121

constituição abranger as duas modalidades. Por um lado, as questões abertas possibilitam a existência de respostas isentas de orientação e de limitação de espaço. Por outro, as questões fechadas estão condicionadas a uma diretriz, estipulada de forma a limitar a amplitude das respostas (Flick, 2013).

Importa aqui diferenciar a entrevista do inquérito, uma vez que ambos os instrumentos revelam ser essenciais na procura de dados e ambos terem em comum questões que concedem liberdade ao destinatário de responder de forma livre e sem qualquer condicionante. “A principal diferença está no grau de padronização do procedimento: o questionário surge como uma lista pré-definida de perguntas e respostas, enquanto a entrevista é mais aberta” (Flick, 2013, p. 110).

O questionário foi aplicado exclusivamente aos alunos do 2ºCEB, uma vez que neste nível de ensino o tempo de contacto com os alunos é menor, quando comparado com o contacto realizado com os alunos do 1ºCEB. Os momentos de partilha de informações consideradas, de certo modo, pessoais são mais restritos devido à divisão em blocos das diferentes disciplinas que compõe o currículo escolar do 2ºCEB, e devido à focalização no cumprimento dos conteúdos programados. Posto isto, foi realizado um inquérito precisamente com os mesmos parâmetros, destinado com o preceito de ser respondido pela turma-piloto e pela turma C. A pertinência de direcionar, também, o inquérito para a turma C é justificada pelo facto de a professora D da disciplina de História e Geografia de Portugal, ser docente de ambas as turmas. Através dos dados facultados pelo inquérito e as informações prestadas na entrevista realizada à docente, foi possível concluir se a mesma reconhece diferenças nas turmas e se realiza práticas pedagógicas diferenciadas.

O inquérito, temporalmente, foi aplicado a meio do terceiro período e foi respondido por duas turmas do sexto ano, nomeadamente a turma-piloto, onde foram obtidas a totalidade de respostas correspondentes ao número de alunos que compõe a turma, ou seja, vinte e sete. Face à turma C, é constituída por vinte alunos, todavia foram obtidas dezanove respostas.

Face à técnica de observação, esta permitiu criar um paralelismo entre a análise documental e a realidade observada nos estágios efetuados, de forma estruturada. “A observação, componente inseparável de toda a atividade de conhecimento, é um processo básico da ciência” (Parente, 2002, p. 166). Assim, idealmente, a observação e

a oportunidade de intervenção funcionam de mãos dadas e contribuem uma para o sucesso da outra, e em nenhuma situação se opõe, pelo contrário completam-se. A observação pode ser disposta segundo duas orientações, a observação sistemática e a observação não sistemática. No caso aqui disposto, optou-se por uma observação não sistemática porque esta tem como “(...) objetivo da sua observação a compreensão dos significados, dos processos e das relações sociais que os sujeitos que estão a ser observados desenvolvem” (Parente, 2002, p. 176), ou seja, o seu foco recai sobre uma observação mais qualitativa comparativamente a observação sistemática, evidenciando ser a mais adequada na problemática estudada.

O papel do observador é complexo e exige complementaridade com as leituras efetuadas, para que o olhar deste seja direcionado para onde realmente importa, e seja capaz de captar o essencial. “O investigador (...) olha para a cena no sentido literal ou figurativo, através de um espelho de um só sentido” (Bogdan & Bicken, 1994, p. 125).

Não há ciência sem observação, nem estudo científico sem um observador. O reconhecimento deste dado elementar, que representa sempre uma chamada de atenção para a necessidade de contenção do observador, conduz-nos, de imediato, à valorização da mais antiga das técnicas de recolha de dados que, nem pelo facto de se estar a assistir constantemente à sofisticação das técnicas de investigação, perdeu actualidade e interesse.” (Pardal & Correia, 1995, p. 4).

A observação efetuada é essencialmente participante, visto haver envolvimento direta no contexto e nas situações narradas (Flick, 2013), por parte da professora estagiária para que, desta forma, seja possível descrever situações presenciadas que, em certos momentos, contrariam o discurso apresentado na entrevista e o próprio perfil de um professor inclusivo e Intercultural que traçamos anteriormente.

As notas de campo, por sua vez, constituíram o formato preferencial para a apresentação dos registos de observação, sendo que por notas de campo, entendemos ser um “ (...) relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experencia e pensa no decurso da recolha da informação” (Bogdan & Bicken, 1994, p. 150).

No que concerne às técnicas de tratamento da informação, estas são variadas e imprescindíveis em qualquer investigação, já que para que seja possível extrair a informação válida para a compreensão do fenómeno sob investigação, devemos submeter todo o material recolhido a uma análise rigorosa e criteriosa. Assim sendo, as dimensões consideradas na análise de conteúdo recaem sobre o papel do professor face

ao género do contexto onde se insere, interligando com a realidade comprovada e relatada nos registos de observação.

Os registos de observação e a transcrição das entrevistas, por exemplo, por si só não compõem nenhuma conclusão nem resposta aos objetivos traçados. Na verdade, são fontes de informação que, quando organizadas e devidamente analisadas, permitem retirar conclusões capazes de fundamentar a temática em estudo.

Com o objetivo de facilitar a organização e interpretação dos dados, intitulamos cada uma das instituições com um algarismo (1, 2 e 3) e procuramos seguir a ordem alfabética de forma beneficiar a lógica interpretativa das grelhas de Análise de Conteúdo da Entrevista. Os registos de observação estão devidamente identificados consoante a instituição a que aludem (RO1, RO2, RO3) e segundo o número do registo a que se referem.

3.3 Caracterização dos Contextos de Investigação

A investigação realizou-se em três instituições, estando elas identificadas como Instituição 1 e Instituição 2, referentes ao 1ºCEB, e Instituição 3, pertencente ao 2ºCEB. Especificamente, cada uma é composta por características distintivas, que nos permite refletir sobre as exigências, e até mesmo, as competências, que o professor deverá ter para desenvolver um ensino de excelência.

Na análise e caracterização dos contextos presenciados, foram tidas em consideração a localização geográfica da escola, e a influência que esta pudesse, ou não, ter no funcionamento escolar. Por outro lado, pretendeu-se compreender o nível económico e cultural das famílias, destacando o nível de escolaridade e a situação profissional destas, do mesmo modo, que procuramos revelar *hobbies* dos alunos, que nos permitissem decifrar os seus interesses. Não obstante, e principalmente, no que concerne às informações pessoais das fichas de matrícula dos alunos, não obtivemos acesso, o que impossibilitou a divulgação das mesmas e a comparação entre dados institucionais. Por isso, atentamos às informações recolhidas através do contacto direto com o contexto onde nos inseríamos e aos dados recolhidos através inquéritos realizados.

Reconhecemos que, apesar da tentativa de imparcialidade, inevitavelmente o olhar do observador, que procura determinadas características, é norteado consoante os seus interesses e a própria realidade que encontra nos diferentes contextos. Deste modo, esperamos ter sido evidentes na descrição dos contextos de investigação, que foram descritos com o auxílio dos documentos institucionais, pela observação efetuada, pelos relatos prestados pelas professoras cooperantes e pelos resultados obtidos no questionário aplicado no 2ºCEB.

3.3.1 Prática de Ensino Supervisionada I em 1º Ciclo do Ensino Básico – Instituição 1

O estágio realizado ao longo do 1º Semestre, na Instituição1, contribuiu diretamente na recolha de dados relevantes para o desenvolvimento da temática a investigar. Segundo o documento de gestão da Instituição (PE, 2014, p. 4) a instituição onde decorreu a análise de investigação caracteriza-se por ser um “(...) local privilegiado de socialização, de instrução, de promoção do desenvolvimento das (...) crianças e jovens. Deverá ser não só Escola para a vida como Escola na vida.”. A oferta educativa abrange o Jardim de Infância e o 1º Ciclo do Ensino Básico e, segundo os dados disponibilizados no PE, as observações concretizadas e as informações prestadas pela professora titular da turma sobre a qual recaiu o estágio concretizado, as características da instituição em causa apontam para uma escola em que o nível sociocultural dos alunos é elevado.

A localização da instituição, bem como o meio que a envolve, no que concerne aos serviços e acessibilidades envolventes, possibilitam o estabelecimento de um padrão do nível sociocultural dos discentes. Não obstante, existem outros critérios como o grau de escolaridade dos encarregados de educação e das profissões que exercem, que permitem caracterizar o contexto dos alunos compõe a instituição aqui analisada.

A escola em causa, é uma instituição de ensino privado cuja sua localização remete para o centro da cidade do Porto. No que concerne às imediações do estabelecimento de ensino, as acessibilidades que o envolvem são evidentes de um tráfego elevado, e os serviços circundantes baseiam-se no comércio tradicional, em

grandes superfícies comerciais e em empresas de vários setores, como por exemplo o das telecomunicações.

Geograficamente, a sua localização possibilita o acesso fácil e rápido a promotores culturais como a Casa da Música e a Fundação de Serralves. As frequentes visitas de estudo a estes locais proporcionam aos alunos o contacto com variadas realidades, que refletem o comum das rotinas e hábitos destas alunos. Segundo a professora A mencionou na entrevistada

“(…) Queremos sempre que os alunos possam experimentar tudo o que for possível. E caso seja necessário, saímos da escola e vamos onde for preciso para que eles conheçam diferentes situações.” (excerto da entrevista da professora A, p.96)⁷

A docente sobre a instituição mencionou que “É um colégio excelente. As pessoas são bem formadas, o ambiente é agradável e os alunos sentem-se muito bem integrados, pois a grande maioria dos alunos entra aqui no pré-escolar e só sai quando termina o 4º ano. Isso acontece porque os pais reconhecem-nos qualidades.”

Para além da obrigatoriedade do ensino adequado a cada ano de escolaridade, que inclui o inglês, a educação física e educação musical, o colégio oferece variadas opções de atividade que podem ser escolhidas no início do ano letivo, sobre o acréscimo de uma taxa extra na mensalidade. Atividades como o xadrez, a natação, o futebol, o ténis e o Karaté, constituem as atividades extracurriculares.

Tendo em consideração a turma observada, esta é composto por catorze alunos, cinco raparigas e nove rapazes, do 2º ano do Ensino Básico. O nível socioeconómico do grupo corresponde ao padrão escolar descrito anteriormente, sendo as condições financeiras das famílias uma das evidências. A professora cooperante mencionou que:

“São crianças muito cultas, que estão habituados a ir a espetáculos, a viajar, a conversar muito com os pais. Naturalmente que estando nós num colégio em que o nível económico é bastante alto.” (excerto da entrevista da professora A, p.98)

Segundo as informações fornecidas pela professora cooperante, a maioria dos pais possuem habilitações académicas iguais ou superiores ao nível académico da licenciatura.

⁷ Consultar apêndice 11 – Entrevista da professora A, p. 94

Setor Profissional dos Pais

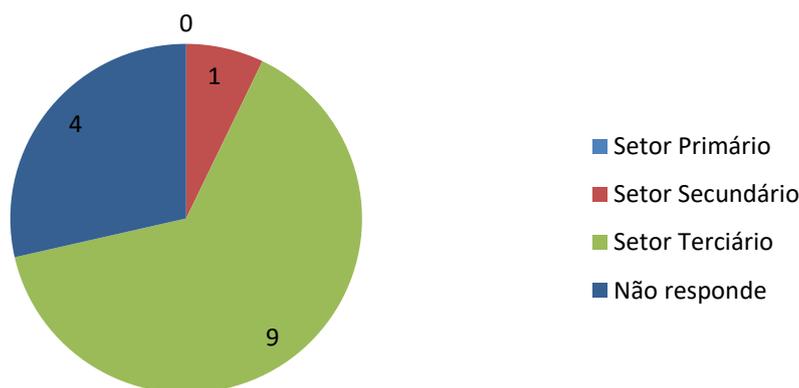


Gráfico 1 - Representação do setor profissional dos pais da turma da Instituição 1

Os alunos, de modo genérico, demonstram curiosidade e vontade em aprender sempre mais, sendo que a participação nas atividades extra curriculares, como o xadrez ou o futebol, ou a elevada frequência de alunos em escolas de música e de dança particulares, revelam o interesse em desenvolver outras competências extrínsecas ao currículo escolar adotado pela instituição.

3.3.2 Prática de Ensino Supervisionada II em 1º Ciclo do Ensino Básico – Instituição 2

O estágio realizado ao longo do 2º Semestre, no âmbito do decorrente ciclo de estudos, realizou-se numa escola pública composta pelas valências de Jardim de Infância e 1º CEB.

A Instituição 2, juntamente com mais seis escolas, constitui de um dos principais agrupamentos de escolas da cidade do Porto. Segundo o decreto-lei n.º137/2012: “O agrupamento de escolas é uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída pela integração de estabelecimentos de educação pré-escolar e escolas de diferentes níveis e ciclos de ensino”.

O agrupamento de escolas visado encontra-se integrado no programa de Territórios Educativos de Intervenção Prioritária 3 (TEIP) e, como tal, integra no seu PE objetivos que visam combater o insucesso escolar e a indisciplina, e a promoção de

parcerias entre a escola e a comunidade. A população envolvente caracteriza-se, de modo geral, por possuir um grau de escolaridade baixo e poucas condições socioeconómicas. “A maior parte dos alunos provém dos bairros sociais e camarários existentes na freguesia.” (PE, 2013-2017, p. 12). Todavia, e apesar das carências sociais e financeiras da comunidade envolvente ser um problema atual, a escola que constituiu o contexto de estágio, é o estabelecimento de ensino do agrupamento com menos alunos a morar em bairros sociais e a escola com melhores resultados, tendo em conta a avaliação externa (Idem).

O Agrupamento demonstra ter perceção do que é necessário desenvolver para atingir o sucesso e combater as dificuldades, tendo como missão: “ (...) cumprir o serviço público de educação em articulação com o M.E.C. e a colaboração permanente da autarquia e parceiros, otimizando um modelo pedagógico centrado na melhoria da aprendizagem dos alunos.” (PE, 2013-2017, p. 6).

Face à escola que constitui o contexto sobre o qual recaiu o estágio profissionalizante, esta está localizada numa área residencial composta maioritariamente por habitações sociais, cujos acessos são fáceis e os transportes públicos bastante acessíveis. As zonas de lazer são vastas e fornecidas por zonas de desporto e espaços verdes.

O comércio envolvente é extenso, uma vez que, existe um centro comercial nas redondezas e variadas lojas de comércio tradicional. Também, o setor terciário que envolve a área geográfica da instituição escolar, é diversificado no que diz respeito a estações bancárias, postos de correios e centros de saúde, o que permite assegurar o cumprimento das necessidades da população residente.

Relativamente ao grupo que foi alvo da intervenção da estagiária, este era composto por cinco rapazes e catorze raparigas, sendo duas delas portadoras de Necessidades Educativas Especiais, formando assim uma turma de dezanove alunos do 1º ano.

A partir das informações disponibilizadas pela professora cooperante ao longo da experiência de estágio, estamos perante uma turma em que o nível económico, social e cultural é de nível baixo. Tal conclusão, não só é evidente pelo número de pais desempregados e pelo nível de escolaridade dos mesmos, mas também pelas narrativas

das experiências pessoais dos alunos, que nos permitiram a percepção, por exemplo, de que apenas dois alunos da turma foram alguma vez a um museu. Do mesmo modo, que a frequência a jardins-zoológicos, cinemas, jogos desportivos, teatros, entre outros, é baixa, revelando a debilidade do conhecimento do mundo que os rodeia.

Para fundamentar tal conclusão é, também, tida em consideração as experiências narradas pelos alunos ao longo das aulas, que permitem concluir o reduzido número de experiências culturais que os alunos vivenciam, pois as

“(…) crianças praticamente não saiam de casa, e o contacto com diferentes fontes de conhecimento e experiências culturais é praticamente inexistente, sendo inevitável afirmar que o nível sociocultural dos alunos da turma da instituição em causa é baixo” (RO2.1, p.127)⁸

No que diz respeito ao envolvimento e participação dos encarregados de educação, é possível afirmar que as reuniões de pais têm uma lotação praticamente preenchida, e que diariamente comunicam com a professora, de forma a acompanharem o desenvolvimento e as necessidades dos educandos. Todavia existem exceções que remetem para a família de um aluno de etnia cigana, para uma família em que os pais estão divorciados, e para uma família cuja criança está ao encargo da avó. A professora cooperante refere que:

“O nível socioeconómico das famílias da sala é baixo, tenho muitos pais desempregados. Mas por acaso tive sorte porque os pais são interessados, só à exceção de dois que não querem saber das crianças, que é o A e a M, que fazem os deveres sozinhos, não estudam.” (excerto da entrevista da professora B, p.102)⁹

Para terminar, a realidade economicamente fragilizada e socialmente debilitada, origina alunos muito carentes de bens materiais, mas essencialmente de afetos e atenção, tal como menciona a docente:

“Um dos desafios (...) é a necessidade afetiva dos alunos, nós temos que lhes dar amor.” (excerto da entrevista da professora B, p.104)

⁸ Consultar apêndice 17 – Registos de Observação, p.123

⁹ Consultar apêndice 12 – Entrevista da professora B, p.99

3.3.3 Prática de Ensino Supervisionada III e IV em 2º Ciclo do Ensino Básico – Instituição 3

O estágio realizado ao longo do 3º e 4º Semestre, desenvolveu-se numa escola de ensino público, composta pelo 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico. A escola em questão juntamente com mais cinco escolas, compõe um agrupamento que tem como missão: “a criação de condições para uma vida em conjunto numa escola singular, potenciando competências cada vez mais necessárias, num mundo plural.” (PE, 2016-2019, p. 4).

No que diz respeito à localização geográfica da escola em questão, esta localiza-se numa zona central da cidade. Analisando o meio envolvente à escola, foi possível verificar que esta encontra-se numa zona de habitações de luxo, com diversos colégios de ensino privado, espaços de comércio e inúmeras empresas, bancos e fundações. O acesso à instituição é fácil, pois existe uma vasta rede rodoviária e diversos autocarros que permitem uma circulação acessível a diferentes zonas da cidade.

As informações prestadas pela docente C, evidenciam o meio social elevado onde se insere o contexto escolar da Instituição 3,

“É um meio social privilegiado, de modo geral. (...) O ambiente é muito conservador e católico, por isso os casais ainda têm muitos filhos. (...) Aqui os pais participam muito e muitas vezes eu nem gosto disso. Mas a relação da escola com a comunidade é muito forte e próxima. Esta escola (...) parece muitas vezes um colégio particular.” (excerto da entrevista da professora C, p.108) ¹⁰

Corroborando com esta opinião, a docente D, afirma que:

“O Agrupamento GO e a escola T, estão muito bem nos Rankings. Os alunos estão aqui num meio muito protegido. A maioria dos alunos viaja imenso, participam em todas as atividades e têm muita cultura geral. Isto é resultado de estar localizada neste sítio.” (excerto da entrevista da professora D, p.114) ¹¹

Não obstante, e apesar de reconhecer que é um contexto predominado por alunos de um nível social, cultural e económico elevado, ambas admitem a existência de outras realidades na escola.

“É uma escola muita heterogénea. Há de tudo aqui! Alunos muito bons e alunos com muitas dificuldades (...)” (excerto da entrevista da professora D, p.113)

¹⁰ Consultar apêndice 13 – Entrevista da professora C, p. 105

¹¹ Consultar apêndice 14 – Entrevista da professora D, p. 111

“(…) O que eu reparo é que talvez em turmas um pouco mais baixas a nível económico, dão mais valor quando a escola lhes permite visitar um museu ou algo do género. Turmas como a nossa, como já conhecem quase tudo, dão muito pouca importância.” (excerto da entrevista da professora C, p.110)

A turma sobre a qual recaiu o estágio profissionalizante efetuado, a qual designamos como turma-piloto é composta por vinte e sete alunos, sendo treze deles do sexo feminino e catorze do sexo masculino. No que diz respeito ao nível socioeconómico dos elementos da turma, eles aparentam ser de um nível médio alto, não só pelas informações prestadas pelas professoras cooperantes, com pelo discurso e as experiências narradas pelos próprios.

“Após o regresso da pausa de Carnaval, a R entrou na sala e dirigiu-se às professoras estagiárias e perguntou-lhes: “Já provaram os chocolates que a M trouxe do Dubai?” (RO3.3, p.131)

“É o último dia de aulas do 1º Período e a turma encontra-se um pouco desfalcada (...). A razão da ausência de cada um deles é sabida por todos (...). Faltaram às aulas porque iriam de férias antecipadamente. (...) Os destinos de férias foram publicitados por eles de forma entusiástica, sendo que dois dos alunos iam para o Algarve, um para a Polónia e o outro para a República Dominicana.” (RO3.2, p.130)

Segundo as informações prestadas pelas professoras cooperantes de Português e de História e Geografia de Portugal e as observações realizadas, os alunos são participativos, curiosos e interessados nos conteúdos abordados e exercitados em sala de aula. Revelam ser uma turma que, de modo geral, apresenta bons resultados nas avaliações. No entanto, ambas as professoras reconhecem que os alunos da turma não atingem todos o mesmo sucesso escolar e assumem níveis distintos quanto ao escalão socioeconómico a que pertencem.

“Há algumas exceções, temos aí uns 10 alunos, em 27, que vêm de um nível social mais baixo. Mas no final deste ciclo eu acho que esses 10 acabaram por se elevar por estar em contacto com alunos realmente de um nível mais elevado (...).” (excerto da entrevista da professora C, p.109)

“São bastantes alunos e são bons mas não são os melhores, como se julga (...).” (excerto da entrevista da professora D, p.115)

Segundo as informações, resultantes do inquérito aplicado à turma, 100% dos alunos admite gostar da escola T. No quadro 2, é possível constatar que a maioria dos alunos, nomeadamente dezanove, justifica o seu gosto pela escola, devido às relações de amizade existentes entre os colegas. O facto de gostarem dos professores surge com

menos realce, adquirindo um peso de quatro aluno que destacam a qualidade e o agrado nos docentes.

Questão	Objetivo	Categoria	Evidências	Quantificação
Qual a razão para gostares ou não da escola que frequentas?	Conhecer quais as razões para gostar ou não da Instituição 3	Apreciação da Instituição 3	“Tenho aqui os meus amigos”	19
			“É uma boa escola”	1
			“Porque tem professores amigos dos alunos e amáveis”	1
			“Porque as outras são piores”	1
			“Tem boas instalações”	1
			“Porque é uma escola simpática”	1
			“Apesar de ter más condições eu gosto dos professores”	1
			“Gosto dos meus colegas, os professores ensinam bem e as instalações são razoáveis”	2

Quadro 2 - Representação da justificação para os alunos da turma-piloto gostarem da Instituição 3

III. ANÁLISE DE DADOS

A leitura dos dados recolhidos e analisados resultam formalmente da articulação entre o enquadramento teórico e a informação recolhida após o desenvolvimento do processo de análise. Posto isto, importa destacar a conjugação entre os diferentes dados obtidos através dos diversos instrumentos utilizados para a recolha de informações. Estamos diante da “(...) inter-relação explícita dos elementos quantitativos e qualitativos do estudo (...), ou seja, o processo pelo qual o pesquisador implementa o relacionamento independente ou interativo de um estudo de métodos mistos” (Creswell & Clark , 2013, p. 70).

As vozes dos entrevistados serão cruzadas com a análise de documentos, com os registos de observação e as respostas aos questionários, para que a interpretação dos dados siga uma linha de compreensão e esclarecimento para as questões que procuramos, ao longo da nossa investigação, desenvolver. Deste modo, estamos perante a triangulação de dados, que nos possibilita estabelecer ligações, relações e comparações entres os diferentes dados recolhidos. Para Maxwell (1996) a triangulação reduz o risco de que as conclusões de um estudo reflitam as limitações que advém da utilização de um único método. Posto isto, esclarecemos que a

triangulação não é uma ferramenta ou uma estratégia de validação, é uma alternativa à validação. A combinação de diferentes perspectivas metodológicas, diversos materiais empíricos e a participação de vários investigadores num só estudo devem ser vista como uma estratégia para acrescentar rigor, amplitude, complexidade, riqueza, e profundidade a qualquer investigação (Denzin & Lincoln, 2000, p. 792).

4.1 Os Contextos Pedagógicos – Confronto entre Realidades

Sendo o foco primordial do presente estudo a análise da influência que o contexto sociocultural tem nas práticas do professor do 1º e do 2º CEB, é necessário esclarecer que

O contexto é mais do que um mero cenário que pode ir mudando sucessivamente - ele faz parte do retrato, emprestando vida à imagem retratada pelo investigador. Um contexto é

um espaço e um tempo cultural e historicamente situado, um aqui e agora específico (...). O contexto é o mundo apreendido através da interação e o quadro de referência mais imediato para atores mutuamente envolvidos (Graue & Walsh, 2003, p. 23)

Assim sendo, o contexto não pode ser visto apenas como um espaço físico, mas também, como um todo que engloba o ambiente revelador das influências geográficas, sociais, económicas, políticas e culturais. O contexto escolar não é exceção. Ele é composto por inúmeros fatores que o caracterizam e individualizam face a qualquer outro contexto.

4.1.1 Três Instituições, Três Realidades

As instituições sobre as quais recaíram a nossa análise, e aqui estão apresentadas, são organizadas e compostas por especificidades que as tornam únicas. Por um lado, analisamos duas escolas que abrangem as mesmas valências, JI e 1ºCEB, sendo que uma delas é um estabelecimento de ensino privado (Instituição 1) e a outra de ensino público (Instituição 2), integrada nos TEIP. Por outro lado, apresentamos uma escola de ensino público do 2º e 3º CEB (Instituição 3). Todas as instituições têm em comum o facto de estarem geograficamente localizadas em zona centrais da mesma cidade, contudo, cada uma delas, engloba realidades heterogéneas, na perspetiva em que reúne alunos de diferentes meios sociais.

A Instituição 1 é uma escola de ensino privado, cujos encarregados de educação pertencem ao escalão médio-alto, no que concerne a parâmetros económicos, sociais e culturais. A docente da instituição 1, exerce numa escola de ensino privado há 14 anos e declara que:

“Só exerci numa escola, trabalhei sempre aqui.” (excerto da entrevista da professora A, p. 95)

Por sua vez, as três restantes professoras entrevistadas revelam ter mais anos de experiência e assumem já terem exercido em diferentes escolas, reconhecendo que todas elas são organizadas segundo determinados modelos educativos e são alvo de diferentes influências do meio onde se inserem.

Relativamente ao número de anos que exercem nas instituições em causa, as professoras do 2º CEB são as que estão há menos tempo em funções nas escolas aqui analisadas. A professora C dá aulas na Instituição 3 há 8 anos e no decorrente ano letivo exerce

“Em 4 turmas, duas de História e duas de Português.” (excerto da entrevista da professora C, p.108)

enquanto a professora D trabalha há 2 anos nesta mesma escola e durante o presente ano deu aulas a

“9 turmas do 6º ano de História.” (excerto da entrevista da professora D, p.113)

Relativamente à opinião sobre as escolas públicas e as escolas privadas, a professora cooperante da Instituição 2 aprova a ideia de que as escolas privadas estão associadas a um nível sociocultural elevado, devido a anteriores experiências profissionais vividas em contextos escolares de ensino particular. A docente afirma que

“As crianças tinham muita cultura, sabiam de política, passavam a vida a ir para fora, era realmente de outro nível cultural. Os pais eram todos formados, médicos, advogados...” (excerto da entrevista da professora B, p.103)

Face à sua perspetiva do contexto onde atualmente exerce, a opinião difere. A Instituição 2 está inserida nos TEIP e é composta por uma maioria de alunos pertencente a um meio social, económico e cultural antagónico, quando comparado com o contexto escolar da Instituição 1.

A professora cooperante da Instituição 2, referindo-se às escolas de ensino público, tal como é aquela onde ela exerce, mencionou que:

“Na escola oficial, as crianças são pobres e muitas delas não têm ajuda em casa, e fazem os deveres sozinhos (...).” (excerto da entrevista da professora B, p.100)

Por sua vez, a Instituição 3 apesar de ser uma escola pública, segundo as informações disponibilizadas pelas docentes da mesma, assume determinadas características semelhantes ao panorama contextual da Instituição 1. Nomeadamente, a turma-piloto sobre a qual recai a investigação é constituída por um elevado número de alunos pertencentes ao escalão económico médio-alto.

“As indicações sobre as profissões dos pais demonstram que as habilitações académicas destes são superiores ou igual ao grau de licenciado, uma vez que, as profissões mencionadas, na maioria, assim o exigem.” (registo de observação RO3.1, p.130)

A professora C, ao longo da entrevista referiu que a instituição em causa é muitas vezes vista como um colégio, devido ao meio onde se localiza e ao facto de estar envolvida por vários estabelecimentos de ensino privado. Não obstante, reconhece que nem todos os alunos da escola estão inseridos nessa realidade, e a heterogeneidade cultural e económica é uma realidade existente, apesar de ser considerada uma escola de elite.

4.1.2 Duas Turmas, a mesma Instituição

O contexto geral de cada uma das instituições aqui analisadas é alvo da influência de variados fatores, como a localização geográfica ou o meio social onde se inserem. Contudo, dentro de uma mesma escola existe uma panóplia infindável de realidades que importam conhecer para compreendermos que dentro de um estabelecimento de ensino existem diversas turmas, cada uma delas com características distintas de qualquer outra turma daquela instituição, ou de outra qualquer. Por fim, em cada turma existem imensos alunos que, importa saber que são resultado das vivências, experiências e cultura que os rodeiam diariamente e fazem deles seres inigualáveis.

Posto isto, surgiu a pertinência de não só analisar a turma onde foi realizado o estágio, como também conhecer outra turma da instituição, com o objetivo de constatar as diferenças existentes entre elas e conhecer qual o perfil pedagógicas adotado pela professora D, visto ser professora da disciplina de História e Geografia de Portugal de ambas as turmas.

Neste seguimento, revela-se essencial conhecer cada turma e ficar a saber o que as distingue para, de seguida compreendermos se a professora D utiliza as mesmas metodologias e os mesmos recursos perante realidades diferentes e se, efetivamente, faz diferenciação pedagógica. Com o objetivo de recolher tais informações foi realizada uma entrevista à professora e um inquérito por questionário dirigido aos alunos das duas turmas. Os dados resultantes do questionário foram analisados e, posteriormente, concluímos que determinadas informações não eram preponderantes nem

representativas para o desenvolvimento da investigação. Deste modo, procedeu-se a uma seleção de dados que agora serão apresentados com o intuito de caracterizar a turma-piloto e a turma C.

A turma, tal como já foi referido anteriormente, é uma turma constituída por vinte e sete elementos, sendo que nenhum deles é repetente. Observando o gráfico a baixo apresentado, podemos concluir que a totalidade dos alunos inquiridos reside com a mãe e vinte e três habitam em conjunto com o pai. Os irmãos assumem uma figura substancialmente presente na vida destes jovens, sendo que vinte dos alunos informaram morar com um ou mais irmãos. O padrasto foi referido por dois alunos como sendo uma pessoa que mora permanentemente com eles.

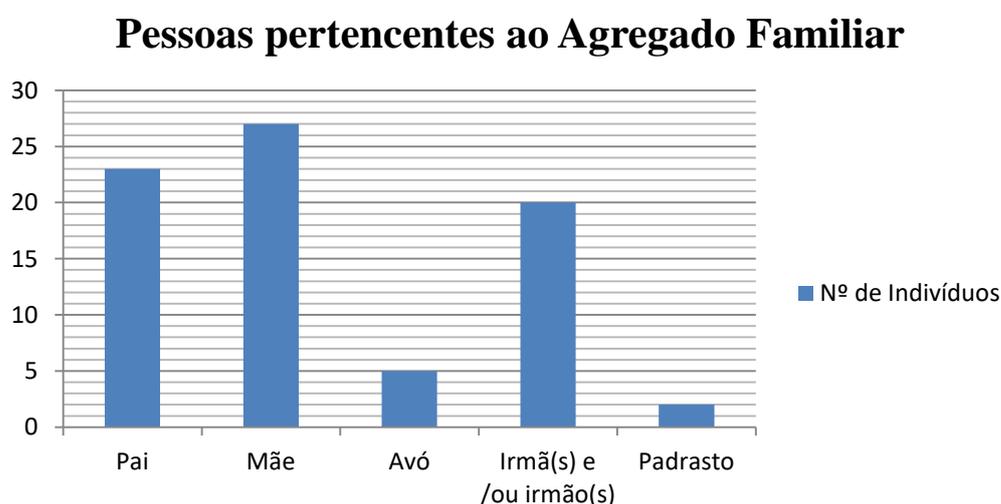


Gráfico 2 - Representação do agregado familiar da turma-piloto

Relativamente à profissão da mãe e do pai, todos se encontram empregados, à exceção de duas figuras maternas que estão alegadamente desempregadas e outras duas que, segundo os filhos, são donas de casa. As profissões apresentadas abrangem vários setores profissionais, predominando os cargos de nível elevado, tal como podemos comprovar no quadro representado seguidamente.

Referência do Aluno	Profissão da Mãe	Profissão do Pai
1	Professora	Empresário
2	Designer	Cozinheiro
3	Engenheira	Empresário
4	Empresária	Professor
5	Professora de Canto	Engenheiro Agrônomo
6	Pediatra	Gestor de Finanças
7	Promotora	Consultor
8	Restauradora	Vendedor de Roupa
9	Sem informação	Gráfico
10	Empregada Doméstica	Talhante
11	Nefrologista	Cirurgião
12	Guia das Caves do Vinho do Porto	Bancário
13	Dona de Casa	Dono de um clube de Futebol, dono de uma academia de ténis, e professor universitário.
14	Secretária	Gestor de Seguros
15	Empregada Doméstica	Pintor
16	Desempregada	Vendedor de Estores
17	Educadora de Infância	Não Sabe
18	Sem informação	Gráfico
19	Sem informação	Não Sabe
20	Trabalha com Cosmética	Vendedor
21	Dona de Casa	Gestor
22	Hoteleira	Gerente
23	Desempregada	Gestor de Produtos
24	Bancária	Advogado
25	Vendedora	Empresário
26	Assistente Social	Professor Universitário
27	Empresária Imobiliária	Trabalha na Embaixada de Portugal na Polónia

Quadro 3 – Representação das profissões do pai e da mãe dos alunos da turma-piloto

Quando questionados sobre as 5 atividades que gostavam mais de fazer nos tempos livres, a turma-piloto deixou evidente o favoritismo pela audição de música, pela visualização de televisão, pelas idas ao cinema, por jogar futebol e por andar de bicicleta. Visitar monumentos históricos e assistir a peças de teatro são os passatempos menos selecionados pelos alunos, no entanto, têm experiência na assistência de dramatizações, tal como demonstra o registo de observação.

“Quando chegaram ao auditório da escola foram questionados pelos atores sobre se já tinham alguma vez assistido a uma peça de teatro e se já o tinham feito muitas vezes. As respostas foram bastante homogêneas e, a grande maioria dos alunos, demonstraram estar familiarizados com tal experiência.” (RO3.8, p.133)

Atividades dos Tempos Livres

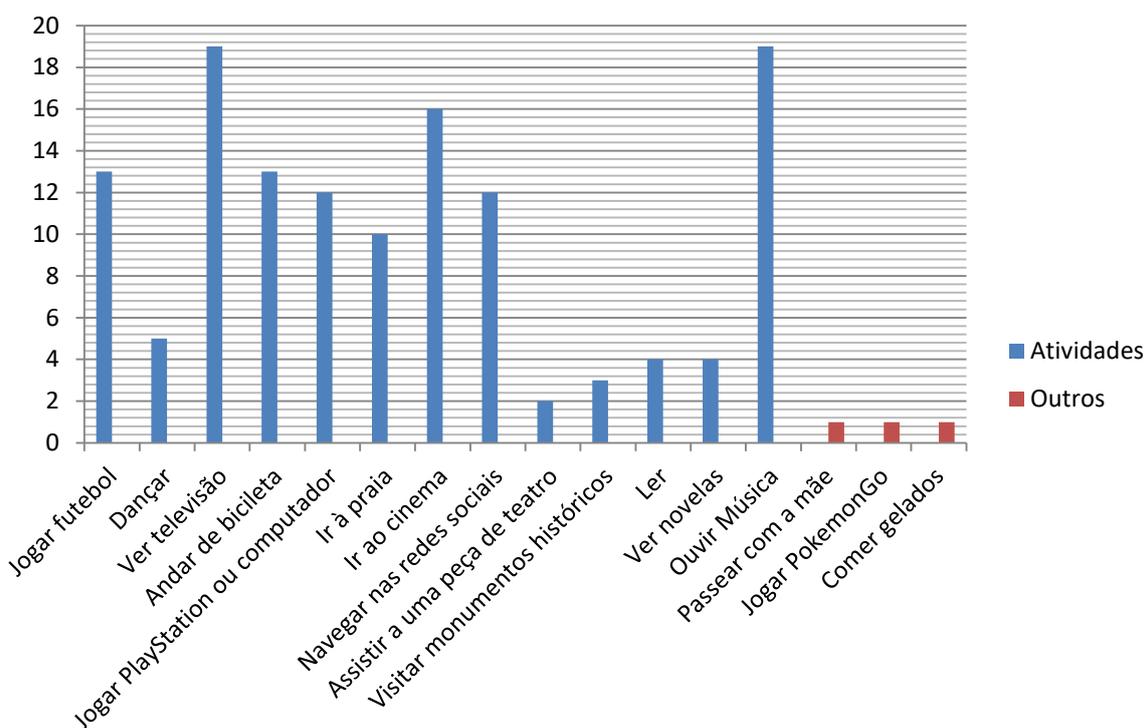


Gráfico 3 – Representação das atividades favoritas dos alunos da turma-piloto

No que diz respeito à turma C, esta é composta por vinte alunos, dez do sexo masculino e dez do sexo feminino. O grupo tem dois alunos com NEE, sendo um deles repetentes. Importa ressaltar que as informações obtidas da turma agora em causa foram conseguidas através da entrevista realizada à professora D, aos registos de observação, aos testemunhos conseguidos através das estagiárias que realizaram a PES

na turma C e aos inquiridos respondidos por 19 dos alunos que constituem o grupo em análise.

Relativamente ao aproveitamento escolar, é uma turma que revela ter mais dificuldades, quando comparada com a turma-piloto. A turma C demonstra ter problemas ao nível do comportamento e disciplina de determinados elementos que, de certo modo, condicionam o sucesso escolar dos colegas e o bom funcionamento desejado em contexto de sala de aula.

“O aluno G, da turma C, após ter sido chamado à atenção pela professora, empurrou-a e saiu da sala. Quando a funcionária o viu no corredor perguntou-lhe o que se estava a passar e ele, de forma violenta e malcriada, dirigiu-se á funcionária e atirou-lhe o telemóvel à cabeça. Segundo as informações prestadas, o aluno já detém um historial de mau comportamento sempre que é chamado à atenção ou contrariado.” (RO3.5, p.132)

Na entrevista realizada à professora D, quando questionada sobre como caracteriza a turma C, ela mencionou que

“O C é uma turma com muitos problemas porque é muito difícil captar a atenção deles, por mais que uma pessoa se esforce (...). Depois a turma tem o problema de ter alunos com Necessidades Educativas Especiais (...). São muito indisciplinados e comportam-se muito mal. Eu nunca tive problemas desse género com eles mas a diretora de turma tem um cargo de trabalhos para conseguir lidar com algumas situações muito graves. Chegam a ser agressivos e violentos!” (excerto da entrevista da professora D, p.116)

Estas situações de falta de disciplina são comuns dentro e fora da sala de aula. Interessa procurar compreender a realidade onde se inserem estas crianças, para que a intervenção dos profissionais de educação seja, o mais possível, adequada a esta turma para que todos os seus elementos se tornem pessoas responsáveis e bem-sucedidos a nível pessoal e formativo.

Analisando a constituição do agregado familiar dos alunos da turma C e confrontando-a com a realidade já apresentada da turma-piloto, conclui-se que a figura paterna não está presente em seis dos alunos inquiridos. No entanto, 18 alunos têm conhecimento da profissão que estes exercem. Os irmãos, tal como acontece na turma-piloto, assumem um papel de realce na constituição familiar dos jovens desta turma.

Pessoas pertencentes ao Agregado Familiar

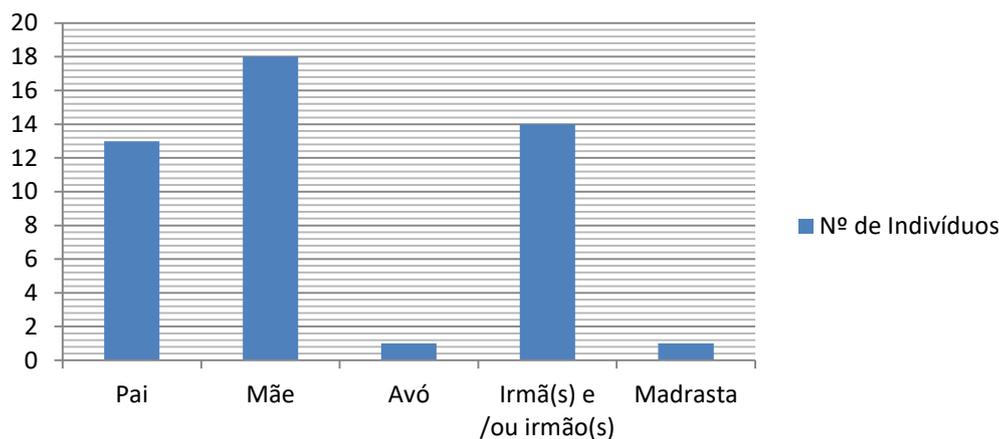


Gráfico 4 - Representação do agregado familiar da turma C

Relativamente ao nível económico das famílias, segundo as informações disponibilizadas sobre as profissões dos pais, podemos conferir que são diversificadas, no que concerne ao escalão económica a que, de forma comum, estão associadas. Por um lado temos profissionais de um nível elevado, como é o caso de professores universitários, como por outro temos pais que exercem profissões de um nível económico mais baixo.

Referência do Aluno	Profissão da Mãe	Profissão do Pai
1	Cozinheira	DJ
2	Trabalha num Café	Pasteleiro
3	Economista	Bancário
4	Empregada de Balcão	Motorista
5	Auxiliar de Educação	Motorista
6	Empresária	Empresário
7	Desempregada	Não Tem Pai
8	Funcionária de uma Imobiliária	Diretor de uma Empresa
9	Auxiliar de Educação	Motorista
10	Designer	Empresário
11	Economista	Bancário
12	Professora Universitária	Dono de uma empresa
13	Empregada Doméstica	Cozinheiro

14	Professora da Universidade	Arquiteto
15	Empregada de Balcão	Mecânico
16	Professora num Ginásio	Professor de Ténis
17	Professora de História de Arte	Professor de História de Arte
18	Professora de Física e Química	Editor
19	Pasteleira	Bombeiro

Quadro 4 - Representação das profissões do pai e da mãe dos alunos da turma C

Devido às dificuldades de aprendizagem que muitos dos alunos desta turma apresentam e aos problemas de comportamento regulares, seria admissível criar ilações e culpabilizar automaticamente o meio social em que vivem para justificar os problemas que, de certa forma, caracterizam o grupo. No entanto, os dados observados permitem-nos concluir que há apenas uma mãe desempregada e que os restantes alunos têm assegurado um nível socioeconómico estável partindo do princípio que a figura materna e paterna tem um emprego. Neste sentido, cabe ao professor apurar os factos sem especular baseado em preconceitos massificados pela sociedade. A professora D, esclarece que

“(…) Não podemos criar uma relação direta entre ter uma boa família e os alunos serem muito bons. No caso da turma C, os alunos têm falta acompanhamento familiar. Os pais até podem ter muita formação mas muitas vezes não querem envolver os filhos na correria e atividades do dia-a-dia e não estão dispostos a perder tempo com eles. Também pode haver casos de crianças que os pais até se interessam e querem que elas conheçam cada vez mais coisas (...) mas elas estão interessadas apenas em jogos de computador e estar em frente à televisão.” (excerto da entrevista da professora D, p.117)

Face às atividades que os alunos da turma C gostam de fazer nos tempos livres, destaca-se a utilização das redes sociais, ouvir música, jogar futebol, ver televisão e andar de bicicleta. Contrariamente à turma-piloto, nenhum dos inquiridos selecionou a opção de assistir a uma peça de teatro e de visitar monumentos históricos, como sendo uma das cinco atividades que gostou de fazer.

Atividades dos Tempos Livres

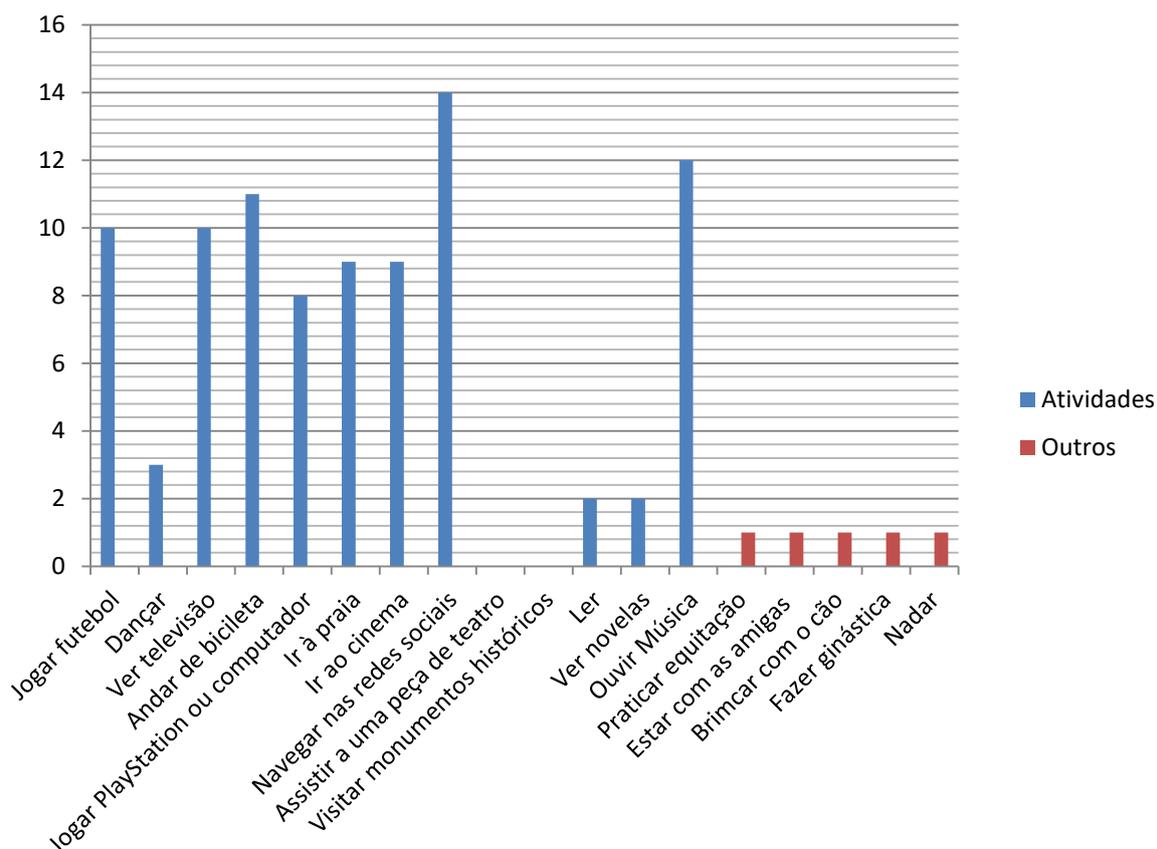


Gráfico 5 - Representação das atividades favoritas dos alunos da turma C

Quando a professora D foi questionada sobre a utilização de metodologias de ensino diferentes para cada uma das turmas, ela respondeu que

“Eu sei que as turmas são diferentes mas os recursos são sempre os mesmos. Na nossa turma eu sei que posso dar a matéria seja lá como for porque sei que eles aprendem de qualquer maneira. Na C é muito difícil porque tenho que lhes dar mais atenção e procuro entusiasma-los mais. Na verdade eu sei que a culpa é deles e o problema parte deles, porque se eu dou a matéria exatamente da mesma forma e eles não aprendem é porque não têm capacidade. Em relação a isso eu não posso fazer nada.” (excerto da entrevista da professora D, p.117)

Esta declaração revela que a docente delega a responsabilidade do insucesso escolar nos próprios alunos, assumindo que utiliza as mesmas metodologias pedagógicas em ambas as turmas e que a culpa de não aprenderem é deles. Havendo turmas que aprendem através dos recursos mobilizados pela docente, aquelas que não são capazes de atingir as mesmas aprendizagens, segundo a professora, é porque não têm capacidades para tal.

Perante as características apresentadas dos dois grupos, importa expor os Critérios de Constituição das Turmas que norteiam a organização distributiva dos alunos da Instituição 3, explanados no PE. Sempre que possível, as turmas deverão ser estruturadas de forma a garantir

(...) a sua diversidade do ponto de vista da proveniência geográfica dos alunos, do género e do estágio de desenvolvimento (2016-2019, p.2); “Deverão ser colocados na mesma turma alunos provenientes do ensino oficial e privado, de forma a salvaguardar a heterogeneidade socioeconómica dos alunos. Deverão ser distribuídos equilibradamente os alunos retidos, segundo o perfil destes. (2016-2019, p. 4)

Acerca da distribuição de alunos pelas turmas, a professora D foi questionada sobre se considera que os alunos estão agrupados consoante o nível económico em que se inserem. Ela respondeu:

“Não acho, mas não sei... Pelo que me parece, tentam colocar os alunos que vêm juntos da escola primária e que já se conhecem.” (excerto da entrevista da professora D, p.114)

Segundo o que foi possível apurar, os alunos de ambas as turmas têm amigos que vieram com elas de outras instituições para a escola T, e que atualmente frequentam a mesma turma. Face à instituição que frequentaram anteriormente, e analisando os gráficos em baixo expostos, ficamos a conhecer que enquanto na turma-piloto existe diversidade de alunos provenientes tanto do ensino privado como do ensino público, na turma C apenas um aluno frequentou uma escola particular no 1ºCEB.

Escola Frequentada no 1º Ciclo do Ensino Básico

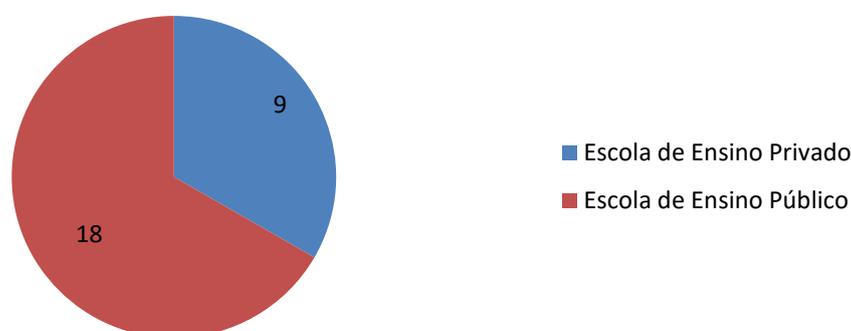


Gráfico 6 - Representação da escola frequentada no 1º Ciclo do Ensino Básico pela turma-piloto

Escola Frequentada no 1º Ciclo do Ensino Básico

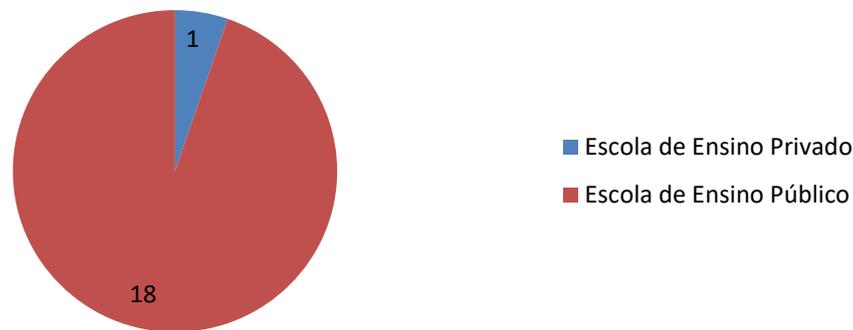


Gráfico 7 - Representação da escola frequentada no 1º Ciclo do Ensino Básico pela turma C

As evidências reforçam a ideia de que as realidades presentes em cada instituição variam, tal como dentro do mesmo estabelecimento podemos encontrar infundáveis realidades. Nós cingimo-nos a analisar duas turmas, concordantes em determinados aspetos e discordantes noutros, mas que têm o comum o direito a crescer de forma integrada e tendo em consideração as especificidades que fazem delas turmas inigualáveis.

4.2 Análise dos Diferentes Contextos e Desafios

A partir da caracterização do contexto da Instituição 1 e da Instituição 2, podemos concluir que o nível económico, social e cultural é significativamente distinto. A Instituição 1 pelo facto de ser uma escola de ensino cooperativo e privado, exige uma mensalidade que é suportada pela situação económica elevada dos encarregados de educação, do mesmo modo que a variedade de experiências culturais que fazem parte do dia-a-dia dos alunos, só é possível pela predisposição destes.

Por outro lado, a Instituição 2 é uma escola de ensino público e gratuito, sendo genericamente caracterizada pelos baixos níveis culturais e económicos, essencialmente por estar localizada junto a bairros sociais. No entanto, é importante realçar que apesar de ambas as instituições pertencerem à mesma cidade, terem bons acessos e estarem

rodeadas de bastantes serviços, o nível cultural e o contacto com experiências enriquecedores ao desenvolvimento dos alunos, é díspar.

Sendo assim, o professor tem de conhecer a geografia territorial que envolve a escola, perceber o percurso que os alunos fazem para lá chegar, conhecer as famílias e a realidade em que vivem, do mesmo modo que tem que se focar no aluno e ser capaz de descobrir quais os gostos dele, os seus medos e anseios, as suas dificuldades e potencialidades. Conhecer o carácter dos alunos, e a partir daí procurar adequar a linguagem, apresentar exemplos próximos do dia-a-dia, e desenvolver um processo de aprendizagem que parta das vivências delas e lhes atribua protagonismo e responsabilidade, é um excelente princípio no combate à desmotivação e ao insucesso escolar.

Corroborando com esta ideia, Estanqueiro (2012) defende que: “(...) os bons professores esforçam-se para conhecer e valorizar as capacidades, os saberes, os interesses, o estilo e o ritmo de aprendizagem dos seus alunos” porque todo e qualquer aluno “(...) tem o direito de ser apoiado como pessoa diferente e única” (Idem, p.13).

É fundamental, nos dias de hoje, garantir uma educação de excelência, onde os valores morais e éticos surgem aliados a um processo de ensino-aprendizagem adaptado a cada criança de forma a valorizar a sua história e os seus interesses. Para que tal seja possível, o professor terá de conhecer a realidade que compõe o contexto escolar onde trabalha, porque nenhuma escola é igual.

Quando questionada sobre quais os desafios sentidos perante a turma analisada, a docente da Instituição 1 respondeu:

“(...) saber aceitar as dificuldades e diferenças de cada um. Tinha ritmos muito diferentes e eu quero sempre puxá-los para cima e às vezes por mais que tentemos é impossível.” (excerto da entrevista da professora A, p.98)

e reconheceu que perante uma turma existem diferenças que caracterizam cada uma das crianças que estão diante de si.

“A professora titular da turma do G, procurava sempre estabelecer uma relação cúmplice com ele, sempre com a intenção de o deixar mais descontraído e confiante das suas qualidades.” (RO1.3, p.126)

Apesar da sua vontade de fazer com que estas se tornem cada vez melhores, reconhece que, por vezes, sente dificuldades em atingir tal objetivo.

Afirmações pronunciadas pela professora cooperante da Instituição 2, permitem-nos concluir a sua intenção de manter a disciplina na sala de aula:

“Vocês aqui não sabem nada! Ainda agora nasceram e acham que conhecem tudo? Vamos mas é calar e trabalhar!” (RO2.3, p.128)

não contribuem para que os alunos se sintam motivados diante de eventuais dificuldades, sendo que estes acabam por se retraírem e não demonstrem os conhecimentos que possuem. Esta situação narrada contradiz as declarações feitas pela mesma docente, na entrevista, quando questionada sobre o papel dos professores no contexto onde atualmente exerce:

“Aqui como professores temos que compreender que os alunos vêm com poucos conhecimentos e nós temos que lhes dar educação, cultura porque o que vem de casa é muito pouco. Eles não têm regras de convivência, nós temos que os ensinar a almoçar, a ter postura na sala, a saber estar no recreio. Como professora, tento procurar falar de coisas próximas da realidade deles para eles compreendam, e falar com um vocabulário acessível às crianças, o que é bastante difícil.” (excerto da entrevista da professora B, p.103)

Face à posição desta professora, relativamente à progressão dos alunos a nível escolar e, futuramente ao nível profissional, ela considera que tal só é possível

“ (...) se as crianças forem realmente muito inteligentes, se continuarem com ajuda (dos pais) e se tiverem muitas capacidades.” (excerto da entrevista da professora B, p.102)

Desta forma, parece desresponsabilizar-se do seu papel como professora de assegurar que os alunos aprendam de forma consistente, de modo a garantir o sucesso escolar e pessoal deles. A diversidade de recursos pedagógicos e a relação estabelecida com os alunos atestada, contribui para que eles não se sintam valorizados e reconhecidas pelas suas competências e qualidades.

“A recorrência a fichas fotocopiadas de livros de exercícios é frequente em contexto de sala de aula, sendo que, a professora no 2º Período chegou a tirar cerca de 800 fotocópias na fotocopadora da escola.” (RO2.5, p.129)

Posto isso, e tal como refere Estanqueiro, "A motivação dos professores condiciona a motivação dos alunos. Se um professor gosta de ensinar, poderá despertar, mais facilmente, o gosto de aprender" (Estanqueiro, 2012, p. 30).

Caso o professor se sinta motivado pela profissão que executa, com certeza será mais fácil conhecer cada aluno, visto que o ideal é “ (...) descobrir modos de ir ao

encontro de um potencial que está lá, dentro de cada aluno, às vezes bem oculto por detrás do desinteresse, de aparentes incapacidades ou até de comportamentos perturbadores.” (Cortese L. , 1998, p. 14).

Não obstante, a docente da Instituição 2, comparando com a motivação que sentia nas escolas de ensino privado onde anteriormente exerceu e a motivação que sente ao exercer funções na atual escola, refere que

“A motivação é igual, tal como a nível do material existente nos diferentes contextos”
(excerto da entrevista da professora B, p.101)

Por sua vez, a professora da Instituição 1 demonstra predisposição em ensinar e procurar as melhores estratégias para ser bem-sucedida, afirmando que

“Nunca podemos esquecer que o nosso principal objetivo é ensinar e para isso temos que fazer o que for necessário para que elas aprendam da melhor maneira (...).”(excerto da entrevista da professora A, p. 97)

Face à importância de o professor selecionar recursos e metodologias pedagógicas que vão ao encontro do contexto onde assumem as funções como docentes, a professora C, da Instituição 3, declara que

“Por exemplo, nós temos um leque de livros que são dirigidos aos alunos do 6ºano que está no Plano Nacional de Leitura, e nós temos que fazer uma seleção em função das escolas em que estamos. (...).” (excerto da entrevista da professora C, p.110)

Relativamente aos desafios encarados pelas duas professoras da Instituição 3, face ao contexto em que se inserem, ambas admitem ser exigente dar aulas em diferentes turmas, tendo elas características distintas. A professora D é professora de História e Geografia de Portugal de seis turmas, do 6ºano do Ensino Básico e forneceu exatamente as mesmas fichas de avaliação a todas as suas turmas, ao longo de todo o ano letivo.

A aula de história foi destinada à realização do segundo teste, do segundo período. (...) a professora (...) dirigiu-se às professoras estagiárias e entregou-lhes um exemplar do teste e pediu-lhes que fornecessem uma fotocópia do mesmo às professoras estagiárias da outra turma, uma vez que os testes eram iguais para todas as turmas do 6ºano.” (RO3.4, p.131)

Por sua vez, a professora C, mencionou que

“Os testes são feitos quase sempre a pares (...). Assim permite-nos comparar e orientarmo-nos. Para turmas que esperamos um determinado tipo aproveitamento

elevado, elaboramos um teste, para outras, com outro tipo de aproveitamento, pensamos noutras questões (...).” (excerto da entrevista da professora C, p.111)

A turma-piloto, devido ao nível sociocultural que muitos dos alunos possuem é, por si só, um constante desafio.

“O facto de serem muito cultos exige que eu tenha de estar muito atenta e seja capaz de enriquecer a sabedoria que já têm. Eu procuro explorar bem os documentos e responder às perguntas todas que me colocam, mas o tempo às vezes não permite e eles são muito curiosos e adoram opinar sobre tudo.” (excerto da entrevista da professora D, p.115)

A mesma professora considera que um dos problemas resultantes do meio em que alguns alunos da turma se encontram, é a constante ausência para se ausentarem do país. Segundo ela, esta situação traz problemas ao nível da atenção e sucesso dos alunos.

“Estavam a faltar 5 alunos que, segundo as informações prestadas pelos alunos presentes, estavam ausentes porque já tinham ido de férias mais cedo. Face a esta situação, a professora da disciplina comentou com as professoras estagiárias que a constante ausência de determinados alunos prejudica bastante o aproveitamento escolar deles, uma vez que estão sempre a quebrar o ritmo escolar.” (RO3.6, p.132)

4.3 O Papel da Relação Escola-Comunidade no Contributo para uma Escola Inclusiva

Os dados obtidos através do processo de investigação, fizeram emergir sobre a importância da relação escola-família no contributo para o desenvolvimento de uma escola cada vez mais inclusiva. Para além da família, que é o berço dos principais valores, a instituição escolar tem a responsabilidade de assegurar que “(...) o ambiente da escola exerce uma influência decisiva na formação do carácter das novas gerações” (Estanqueiro, 2012, p. 106), pois deve garantir que todos os alunos se sentem integrados e respeitados como seres únicos.

Os professores, por sua vez, deverão certificar-se que todos os alunos têm as mesmas oportunidades para aprenderem, comunicarem livremente, de brincarem, de se desenvolverem consoante o seu nível etário e as suas próprias necessidades e interesses, sem que sejam discriminados pelo ambiente em que estão inseridos.

Por sua vez, segundo Silva (1993), referenciado por Cosme e Trindade (2002) as vantagens de uma relação estreita entre a escola e a família são substancialmente significativas para os alunos, uma vez que, “ (...) facilita a integração escolar dos filhos, contribuindo para aumentar o seu rendimento escolar” (Cosme & Trindade, 2002, p. 120). Por outro lado, em meios sociais desfavorecidos, cujo capital cultural e os códigos linguísticos tendem a estar mais distanciados da cultura dominante e reproduzida pela escola, estudos revelam que a participação das famílias é negativa, não proporcionando aos alunos os benefícios de uma possível relação equilibrada entre ambos os agentes educativos. Sendo assim, “(...) do interesse de todos que haja mais diálogo e cooperação. Sem preconceitos” (Estanqueiro, 2012, p. 111).

Relativamente ao contexto da Instituição 1, a professora cooperante declara que

“Os pais são muito recetivos e alinham em tudo.” (excerto da entrevista da professora A, p.99)

Por outro lado, relativamente à intenção de estabelecer uma relação estreita entre a escola e a família, segunda a professora cooperante da Instituição B,

“(...) perante o contexto temos que trabalhar a dobrar, temos que trabalhar a nível cultural e pedagógico. Criar uma relação forte com os pais, porque eles têm que ser muito informados, falar com um vocabulário fácil, com muita calma e explicar tudo, para ver se eles entendem. (...). Aqui os pais não querem saber, só querem saber das notas finais.” (excerto da entrevista da professora B, p.104)

A professora C, quando questionada sobre qual considera ser o papel do professor no fortalecimento da relação entre a escola e o meio, respondeu que

“Eu em relação a esse assunto acho que o professor tem de pensar até que ponto tem o direito de mudar a forma de pensar de algumas famílias, até que ponto isso é justo.” (excerto da entrevista da professora C, p.110)

A sua posição acerca do assunto remete, essencialmente, para o dever que o professor tem de intervir diretamente junto dos alunos, porque é função dele educar. Posto isto, a docente procura interligar os conteúdos programáticos com a sensibilização para a diversidade que rodeia os alunos. Por isso, ela afirmou que

“(...) Na sala de aula o professor tem a obrigação de garantir o respeito pela diversidade. Eu em Português faço um esforço enorme para que eles respeitem o Português do Brasil, o Português de Angola, trabalhem com autores estrangeiros (...).” (excerto da entrevista da professora C, p.108)

A professora D considera que o seu contributo para estreitar a relação entre a escola e a comunidade envolvente parte, igualmente, das suas iniciativas em contexto de sala de aula. Na entrevista mencionou que

“(...) Procuo rentabilizar as ideias prévias que os alunos já têm sobre a matéria que vamos trabalhar, porque só assim é possível eu compreender o que devo ou não aprofundar. Em relação aos testes, são iguais para toda a gente, porque todas as turmas que eu tenho são de 6º e os manuais também são todos iguais.” (excerto da entrevista da professora D, p.115)

No entanto, as metodologias eleitas pela docente restringem-se sempre às mesmas opções didáticas, independentemente das nove turmas onde exerce e dos inúmeros alunos que as compõe.

Face à relação estabelecida com a comunidade e o meio envolvente à escola, podemos constatar que a Instituição 1 tem diversas parcerias com fundações de cariz cultural que se situam perto do estabelecimento de ensino, dando origem a diversas atividades organizadas pelos Serviços Educativos. Numa outra perspetiva, os familiares dos alunos são uma presença constante, participando frequentemente em atividades por exemplo de leitura ou de experiências laboratoriais. Tal como podemos comprovar com as informações prestadas pela docente desta instituição relativamente às estratégias pedagógicas que mobiliza com intuito de estabelecer uma relação estreita com a realidade social e cultural em que os alunos se inserem.

“Enquadrar o mais possível as aprendizagens com os interesses das crianças. Se são crianças que são interessadas e muito curiosas, é a nossa obrigação alimentar isso. As aulas têm que ter sempre algo mais do que as matérias que eles têm que aprender, por isso é que vamos tantas vezes a Serralves, trazemos aqui os pais para fazerem atividades com eles, fazemos a hora do conto semanalmente.” (excerto da entrevista da professora A, p.98)

Por sua vez, a Instituição 2, devido à sua inserção nos TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária), usufrui de uma relação diferenciada com os órgãos administrativos da cidade, participando em iniciativas organizadas pela Câmara Municipal que possibilita aos alunos o contacto com experiências enriquecedoras ao seu desenvolvimento não só cognitivo, como social. O projeto “Político Por Um Dia” é um exemplo de uma iniciativa que visa proporcionar aos alunos a oportunidade de visitar a câmara e participar numa assembleia onde podem partilhar as suas sugestões para melhor a cidade.

Segundo a professora cooperante da Instituição B:

“(...) a Junta de Freguesia e a Câmara ajudam-nos muito, com apoio nas visitas de estudo e apoio alimentar (...) esta relação sobrevive em função do esforço tanto da escola como da comunidade envolvente” (excerto da entrevista da professora B, p. 105)

Neste seguimento, Nóvoa esclarece que

A escola e os professores não podem colmatar a ausência de outras instâncias sociais e familiares no processo de educar as gerações mais novas. Ninguém pode carregar aos ombros missões tão vastas como aquelas que são cometidas aos professores e que eles próprios, por vezes, se atribuem. (Nóvoa, 1999, p. 7)

Analisando as atividades e parecerias que foram desenvolvidas ao longo do período de estágio, concluímos que enquanto a turma referente à Instituição 2 não realizou nenhuma visita de estudo ao longo do ano letivo, as restantes turmas tiveram a possibilidade de se ausentarem do estabelecimento de ensino por diversas vezes.

A turma do 6º ano do CEB, pertencente à Instituição 3 teve a oportunidade de assistir a duas peças de teatro no exterior da escola e de participar em concursos ao nível do agrupamento. A turma do 2º ano, inserida na Instituição 2, durante o 1º Período realizou quatro visitas, especificamente a uma academia de música, a uma quinta pedagógica, a um museu e a um anfiteatro.

A possibilidade de os alunos contactarem com diferentes realidades e experimentarem diferentes atividades, permite-lhes desenvolver a perceção do mundo que os rodeia e enriquecerem culturalmente. A oportunidade de saírem da escola é facilitada pelas instituições privadas principalmente devido a questões de financiamento, o que revela ser um problema para as escolas públicas que vêm o seu orçamento mais condicionado. Não obstante, a Instituição 3, sempre que possível, assegura que as deslocações sejam feitas a pé, visto que a sede de agrupamento se encontra a uma distância facilmente percorrida.

4.4 Formação Profissional e as Práticas Pedagógicas adotadas.

Segundo António Nóvoa, “A profissionalização dos professores está dependente da possibilidade de construir um saber pedagógico que não seja puramente

instrumental” (Nóvoa, 1999, p. 6). Neves (2016, p. 25) concorda com esta ideia e completa “A formação (...) deve estar vinculada ao crescimento e melhoria das pessoas, não se limitando à mera aquisição de conhecimentos ou desenvolvimento das destrezas técnicas”. Importa que as práticas pedagógicas colocadas em prática pelos professores espelhem a fusão entre a experiência adquirida com a prática docente e a sabedoria obtida através do estudo. Um professor por mais anos que exerça a sua profissão, não pode esquecer da importância, e da necessidade de ser, para sempre, um eterno estudante.

No que concerne à formação profissional, quando questionadas sobre se adquiriram competências e ferramentas capazes de as auxiliarem no sentido de lidar com a diversidade sociocultural na sala de aula, todas as docentes entrevistadas indicaram que nunca tiveram qualquer tipo de formação nessa área.

A docente da instituição A, referiu que

“Nunca tive nenhuma formação nesse sentido. Cabe a cada um saber lidar com as crianças que tem na sala de aula e isso só com a tempo é que se aprende.” (excerto da entrevista da professora A, p.95)

Por seu lado a docente da instituição B fez saber que

“Nunca fiz nenhuma formação nessa área. Tive várias formações na área do português, matemática e informática. Nesse âmbito, a experiência adquirida no dia-a-dia na sala de aula é fundamental.” (excerto da entrevista da professora B, p.101)

A professora C, mencionou que

“Especificamente sobre isso não. É resultado muitas vezes das experiências e das leituras que faço.” (excerto da entrevista da professora C, p.107)

A professora D, declarou que

“Nunca tive nenhuma formação nesse sentido. A experiência ajuda muito para que sejamos capazes de fazer as melhores opções. E, sinceramente, julgo que não haja fórmulas mágicas. As escolas são todas diferentes, as turmas também e sobretudo os alunos (...).” (excerto da entrevista da professora D, p.113)

Quando questionado sobre qual o papel do professor no desenvolvimento da Educação Intercultural em contexto escolar, o professor Miguel Prata Gomes, declarou na entrevista exploratória

“(...) eu acho que o professor (...) deve centrar-se ou caminhar, em primeiro lugar, na desconstrução de estereótipos, preconceitos, prejuízos, etc. (...). Um professor que queira

trabalhar desde a perspectiva da interculturalidade, tem que ter muito cuidado na linguagem, na desconstrução de prejuízos, estereótipos e, depois, tentar trabalhar projetos onde a diversidade seja uma mais-valia, sem a qual não se pode construir um projeto. (...) Quer queiramos ou não, a nossa cultura evolui. Aquilo que era a ideia de Natal já não é hoje. E aí entra em jogo a ideia de cultura como algo em constante transformação e movimento.” (excerto da entrevista da professor Miguel Prata Gomes, p.120)¹²

Posto isto, podemos concluir que o facto de adquirirem experiência profissional é preponderante para que o professor se sinta mais capaz de desempenhar o seu papel, de modo a assegurar o sucesso educativo de todos os alunos, independentemente do contexto sociocultural a que pertençam. Porém, importa ressaltar que o estudo e a formação na área da Educação Intercultural podem ser um contributo relevante para que o professor perceção a sua intervenção sendo recetivos à diferença. E, por outro, auxiliam-no na perceção da diversidade que compõe o mundo em que vivem e na importância de aceitar e respeitar essa realidade. O facto de não realizar uma diferenciação pedagógica de acordo com as características de cada aluno, poderá ser justificado pela ausência de formação e conhecimentos na área em estudo.

Tendo em consideração o panorama geral dos dados recolhidos e analisados, podemos concluir que apesar de a maioria da professoras considerarem importante ajustar as suas práticas pedagógicas à realidade onde exercem, a verdade é que pouco ou nada fazem no sentido de realizar diferenciação pedagógica perante as diferentes turmas onde atuam, no caso do 2º CEB, e diante dos alunos que constituem cada turma analisada. Relativamente à professora A, docente na Instituição 1, apesar de revelar preocupação em que todos os alunos compreendessem os conteúdos abordados e de rentabilizar as experiências e as ideias prévias que os alunos possuem resultantes do nível sociocultural a que pertencem, as atividade e avaliação feita eram aplicadas de igual modo para todos os alunos. Todavia, importa não só realçar o dinamismo e a intenção da instituição de garantir que os alunos contactam com atividades de diferente cariz cultural, como a participação dos encarregados de educação no contributo da partilha de experiências.

A professora B, da Instituição 2, assume com clareza o cansaço de exercer funções na área há muitos anos. Revela, deste modo, impaciência e pouca tolerância para trabalhar com os alunos que têm diferentes ritmos de aprendizagem, com realidades familiares bastante adversas e com duas alunas com NEE. A diferenciação

¹² Apêndice 15 – Entrevista ao Professor Miguel Prata Gomes, p.119

pedagógica realizada cingia-se exclusivamente a estas duas alunas, uma vez que ambas revelavam muitas dificuldades cognitivas comparativamente aos restantes alunos da turma. Os recursos disponibilizados eram, por esta razão, distintos dos outros colegas, porém as fichas de avaliação eram iguais no final de cada período.

A experiência vivenciada na Instituição 3, por sua vez, perimiu-nos refletir sobre os desafios colocados às professoras do 2ºCEB cujo modelo de ensino regente leva-as a exercerem em diversas turmas do mesmo ano letivo. No caso da docente D, os recursos selecionados, os instrumentos de avaliação, bem como os conteúdos programáticos, são precisamente iguais independentemente das características das nove turmas onde leciona. Alegadamente, o que difere é a forma como explica os conteúdos, pois segundo ela, opta por diferentes explicações consoante se está diante de uma turma com bom aproveitamento escolar, como é o caso da turma-piloto, ou de uma turma com menor aproveitamos, tal como acontece na turma C.

No que concerne à professora C, considera-se que é a docente que revela ter uma intencionalidade pedagógica mais ajustada à realidade de cada turma e, até mesmo de cada aluno. A metodologia adotada privilegia a seleção de recursos adaptados a cada turma, permitindo que os alunos se sintam, de certa forma, especiais devido ao trato cuidado e individualizado que a docente tem perante cada um deles. Ao longo do ano letivo demonstrou aceitar as dificuldades e valorizar as qualidades de cada aluno, dando-lhes liberdade para intervirem quando desejassem. Para além disso, fê-los opinar sobre assuntos de importância social, como a igualdade entre géneros e o aumento do número de emigrantes em Portugal. Este exemplo de práticas pedagógicas aplicadas pela docente C concedeu-nos a oportunidade de observar que é possível estabelecer uma relação profissional estreita com os alunos, ao mesmo tempo que os conteúdos da disciplina de Português são abordados em simultâneo com a intenção de educar para o desenvolvido de um mundo alicerçado em valores morais valorosos. Além do mais, foi a única professora que assumiu o seu papel como uma estudante permanente, sempre com o objetivo de tentar fazer melhor e contribuir para o sucesso dos seus alunos.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação aqui apresentada procurou analisar e desenvolver os objetivos primordiais e orientadores do estudo concretizado. A análise da influência do contexto sociocultural nas práticas pedagógicas levadas a cabo pelos professores, bem como a percepção da importância das formações profissionais para a docência no âmbito da Educação Intercultural, foram os tópicos orientadores da pesquisa teórica efetuada. Posto isto, foi relevante efetuar uma breve contextualização do papel que importa a escola assumir perante a diversidade sociocultural e o combate à desigualdade de oportunidades. A escola deve ultrapassar a ideia do sistema de reprodução social em massas (Sebastião, 2008) e adotar uma pedagogia educativa que utiliza a diferenciação social, económica e cultural em proveito do desenvolvimento das aprendizagens (Neves, 2015). Perante este panorama social e escolar, foi pertinente perceber qual o perfil docente capaz de responder aos desafios inerentes à sociedade do Século XXI.

No final do estudo desenvolvido podemos concluir que o perfil profissional que é relevante o professor desenvolver, assenta na diferenciação pedagógica, baseada nas características individuais de cada aluno, nos seus interesses e dificuldades, tendo como principal intencionalidade promover aprendizagens que sejam significativas para a formação dos alunos (Perrenoud, 2000). Uma postura reflexiva e crítica, contribui, deste modo, para a evolução da competência profissional do professor (Neves & Miranda, 2015), na medida em que lhe concede a capacidade de analisar o processo, os resultados finais e delinear tentativas de melhoria. O perfil docente adequado à realidade atual, está diretamente relacionado com o conceito de professor Intercultural e Multicultural, na perspetiva em que este demonstra ser adepto de uma metodologia baseada na investigação-ação (Cortesão, 2009), procurando constantemente conhecer as variadas culturas e valorizá-las em proveito das aprendizagens dos alunos.

Mais do que assumir uma postura multicultural, onde é permitida a presença da diversidade em contexto escolar, o professor deve garantir a diversidade em sala de aula, respeitar as diferenças socioculturais de cada aluno e procurar que a Educação Intercultural seja uma realidade presente em todos os contextos onde intervém. Cada aluno, por mais jovem que seja, a cada dia que passa cresce e vai construindo a sua própria história. Por isso, deverá ser tratado como o ser único que é. O conceito de

“Bom Professor”, na perspectiva de Estanqueiro (2012), aliado ao conceito de professor Inter/Multicultural segundo Stepher Stoer (2008), permitiram concluir que para o processo de ensino-aprendizagem seja significativo para todos os alunos, é fundamental ter em consideração as vivências das crianças, reconhecer que elas são portadoras da sua própria cultura, e que possuem conhecimentos que deverão ser rentabilizados como ponto de partida para que se sintam integradas e motivados no ambiente escolar.

Com a elaboração da presente investigação pretende-se, agora, realizar um momento de síntese onde se possa interligar todas as informações recolhidas, começando por destacar o primeiro objetivo - Compreender se existe relação direta entre as características do contexto escolar e as práticas pedagógicas do professor. Verificou-se que apesar de ser vantajoso para o processo de aprendizagem realizar uma prática pedagógica adequada ao contexto dos alunos, os professores não têm permanentemente presente nas suas ações essa intencionalidade. Porém, demonstram-se conscientes da importância de conhecer e caracterizar o contexto envolvente aos alunos e à própria instituição. Concluímos, também, que é desafiante ser um professor que tem como objetivo apoiar e colocar em prática os princípios relacionados com a inclusão e a integração de todos os alunos, independentemente do contexto em que inserem. Os diferentes programas disciplinares devem ser cumpridos, tal como todas as metas curriculares, porém, é importante o debate sobre até que ponto estes documentos são passíveis de ser ajustados aos diferentes contextos educativos, uma vez que no final de cada ciclo de estudos exige-se todos os alunos adquirirem os mesmos conhecimentos e que tenham tido as mesmas igualdades de oportunidades. Concordando convictamente com esta perspectiva e partindo dos resultados apresentados relativos às informações prestadas pelas professoras entrevistadas, acreditamos que “(...) esta igualdade de oportunidades é uma falácia, pois apenas se circunscreve a uma igualdade no acesso à Escola e, mais tarde, vai se traduzir numa igualdade de oportunidades diferenciada, em função da escolaridade social e culturalmente hierarquizadas” (Neves, 2016, p. 17)

O segundo objetivo - Compreender as razões que levam o professor a fazer determinadas opções pedagógicas, no final do processo de investigação, foi demasiado ambicioso delinear-lo como tópico de análise. As variantes que influenciam a seleção das estratégias pedagógicas eleitas pelo professor são vastas, o que dificulta o esclarecimento de conclusões mais amplas. Contudo, ao longo do processo de elaboração do presente relatório pudemos observar que a professora C tem em

consideração as características das turmas onde exerce, no momento da eleição dos recursos pedagógicos ajustados à realidade dos alunos. As estratégias pedagógicas utilizadas pela totalidade das professoras em estudo baseiam-se essencialmente na preocupação do cumprimento dos programas curriculares refletindo-se na utilização massiva dos manuais escolares e numa pedagogia igualitária onde a discriminação positiva não é relevada. Pensando sobre as razões que levam as professoras a optar por esta via, interessa mencionar os vários anos de docência que, de certa forma, se refletem na falta de motivação para procurar sempre fazer o melhor em prol do sucesso educativo dos alunos.

No terceiro e último objetivo - Analisar de que modo a formação inicial de professores, bem como possíveis formações realizadas posteriormente, contribuem para uma prática educativa intercultural, importa destacar a importância de na formação inicial de professores ser concedida a oportunidade de estes contactarem com diferentes contextos socioculturais e de terem orientação para serem profissionais críticos e reflexivos tanto das práticas pedagógicas adotadas como do meio social que os rodeia. A ESEPF assume ser uma escola de formação profissional para a docência com preocupações no âmbito do estudo da inclusão social e da educação intercultural. Face à perspectiva obtida pelas professoras cooperantes, concluímos que a experiência adquirida através dos anos de docência e o contacto com diferentes contextos escolares permitem que se sintam conscientes da diversidade cultural existem nas escolas portuguesas.

Para terminar, deixamos a nossa opinião sobre o principal desafio que o professor deve assumir enquanto responsável pela formação dos seus alunos. Ser o exemplo de uma pessoa compreensiva, tolerante, crítica e capaz de conviver ativamente com a diversidade social característica do século XXI, é essencial para que os alunos assimilem uma postura ética e moral que valoriza um mundo repleto de milhares de culturas.

“Não se contentem com palavras, dêem o exemplo. Assim os alunos lembrar-se-ão daquilo que lhes disserem”

(Dalai Lama, 2007, p.67)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeda, J., & José, P. (1982). *A Investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Batista, I. (2005). *Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético*. Porto: Profedições.
- Bogdan, R., & Bicken, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas*. Porto: Porto Editora.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cortesão, L. (1998). *O arco-íris na sala de aula? Processos de organização de turmas: Reflexões crítica*. Porto: Instituto de Inovação Educacional.
- Cortesão, L. (2009). Cidadania(s) em sociedades multiculturas: (Im)possibilidades para a Educação? In M. d. (org.), *A Escola como Espaço Social - Leituras e olhares de professores e alunos* (pp. 10-22). Porto: Porto Editora.
- Cortesão, L. (2012). Professor: produtor e/ou tradutor de conhecimentos? Trabalhando no contexto do arco-íris sociocultural da sala de aula . *Educação e Realidade*. Vol.3, nº3. p. 719-735. Consultado a 3 de março de 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217562362012000300002&script=sci_abstract&tlng=es
- Cosme, A., & Trindade, R. (2002). *Manual de Sobrevivência para Professores*. Porto: ASA Editores.
- Creswell, J. W., & Clark , V. L. (2013). *Pesquisa de métodos mistos*. Porto Alegre: Penso Editora.
- Cury, A. (2004). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Cascais: Pregaminho Lda.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (2000). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage.

- Diaz, F. (2011). *O Processo de Aprendizagem e Seus Transtornos*. Bahia: Editora da Universidade Federal de Bahia.
- Duarte, M. (2000). *Alunos e Insucesso Escola: um mundo a descobrir*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Estanqueiro, A. (2012). *Boas práticas na educação. O papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Flick, U. (2013). *Introdução à Metodologia de Pesquisa*. São Paulo: Penso Editora.
- Gonçalves, L., & Silva, P. (1998). *O Jogo das Diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Graue, E., & Walsh, D. (2003). *Investigação Etnográfica com crianças: Teorias, Métodos e Ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Günther, H. (2006). Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol 22, nº2, pp.201-210. Consultado a 4 de março de 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22>
- Lama, D. (2007). *Conselhos do Coração*. Porto: ASA Editores
- Leite, C. (2002). *O currículo e o multiculturalismo no sistema educativo português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes, J., & Silva, H. S. (2010). *O Professor Faz a Diferença. Na aprendizagem dos alunos. Na realização escolar dos alunos. No sucesso dos alunos*. Lisboa: Lidel.
- Macedo, E., & Vasconcelos, L. (2001). *Revisitando Paulo Freire. Sentidos na Educação*. Porto: Edições Asa.
- Maxwell, J. A. (1996). *Qualitative Research Design: an interactive approach*. Thousand Oaks: Sage.
- Neves, I. (2005). *O Desenvolvimento de Competências Práticas no Contexto Teórico do Profissional Reflexivo - Um Estudo de Caso*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Braga

- Neves, I. (2015). Um Olhar Sobre a Escola e a Ação Docente na Sociedade Contemporânea: Dilemas e Desafios . *Tendências Pedagógicas*, n°26, pp.237-252. Consultado a 5 de maio de 2016. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2371/1/Ivone%20Neves%20Tendencias.pdf>
- Neves, I., & Miranda, M. N. (2015). Ser Professor: quantos desafios! *Lumen* n°24, pp.33-41. Consultado a 22 de fevereiro de 2016. Disponível em: http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2249/1/Lumen%202015_Ser%20Professor.pdf
- Neves, I. (2016) *Supervisão e Formação de Profissionais Reflexivos: Estudo de Caso num estágio de um curso de formação inicial de educadores de infância*. (Tese de Doutoramento). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Instituto de Educação, Lisboa
- Nóvoa, A. (1999). Os professores na virada do milênio: Do excesso dos discursos à pobreza das práticas. *Cuadernos de Pedagogía*. n° 286, pp.11-20. Consultado a 10 de outubro de 2016 Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/690/1/21136_1517-9702_.pdf
- Pacheco, N. A. (1997). Interculturalismo e Formação de Professores. In M. R. (orgs.), *Interação Cultural e Aprendizagem - Correspondência Escolar e Classe de Descoberta*. pp. 47-49. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores .
- Parente, C. (2002). *Observação : um percurso de formação, prática e reflexão* . Porto: Porto Editora.
- Perrenoud, P. (2000). *10 Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed.
- Sebastião, J. (2008). As desigualdades sociais na escola em contexto de massificação. Atas do VI Congresso Português de Sociologia. *Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Universidade Nova de Lisboa. Consultado a 5 de julho de 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/user/AppData/Local/Temp/316.pdf>

Silva, J., & Lopes, H. S. (2010). *O professor faz a diferença*. Lisboa: Lidel.

Stoer, S. R. (2008). Construindo a Escola Democrática Através do «Campo de Recontextualização Pedagógica». *Educação, Sociedades e & Cultura*. pp.133-147. Consultada a 20 de abril de 2017. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC1/stoer.pdf>

Torres, L., & Palhares, J. (2014). *Metodologia de investigação em Ciências Sociais da Educação*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.

Trindade, R. (1998). *As Escolas do Ensino Básico Como Espaços de Formação Pessoal e Social Questões e Perspectivas*. Porto: Porto Editora.

Legislação:

Constituição da República Portuguesa:

- Decreto-Lei nº. 13/01, de 12 de dezembro - Princípio da igualdade
- Decreto-Lei nº. 43/92, de 25 de novembro - Liberdade de aprender e ensinar

Portaria nº 240/2001 de 30 de setembro. Diário da República nº201/2001 - I Série A. Ministério da Educação. Lisboa - O Perfil Geral de Desempenho Profissional do Educador de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário

Portaria 49/2005 de 30 de agosto. Diário da República nº49/2005 - I Série A. Ministério da Educação. Lisboa – Lei de Bases do Sistema Educativo

Portaria nº 137/2012 de 2 de julho. Diário da República nº 137/2012 – I Série A. Ministério da Educação. Lisboa - Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos Públicos da Educação Pré-escolar e dos Ensinos Básico e Secundário

Apêndices

Apêndice 1

Guião da Entrevista

Destinado à professora cooperante A da Instituição 1

Dados de Identificação profissional	<p>1 – Há quantos anos exerce a profissão de docente do 1º Ciclo do Ensino Básico?</p> <p>2 – Em quantas instituições exerceu?</p> <p>3 – Genericamente, como caracteriza cada uma das instituições, caso tenha exercido em mais do que uma?</p> <p>4 – Na sua formação profissional, considera que adquiriu competências e ferramentas essenciais para a auxiliarem no sentido de desenvolver um trabalho capaz de lidar com a diversidade sociocultural em sala de aula?</p> <p>Se sim, quais as unidades curriculares ou ações de formação que frequentou que a auxiliaram?</p> <p>5 – Há quantos anos é professora nesta escola?</p>
Caracterização da Escola	<p>6- De um modo geral, como caracteriza esta escola quanto à sua organização, ao meio em que se situa e às crianças que a integram?</p> <p>7 - O Projeto Educativo da escola refere que este é um: “ (...) local privilegiado de socialização, de instrução, de promoção do desenvolvimento das (...) crianças e jovens” (PE, p.4). Qual o papel do professor na concretização desta realidade?</p>
Perfil do Docente	<p>8 - Tendo em conta estes desafios quais as características (perfil) que o professor deve ter para se adequar a diferentes contextos?</p>
Caracterização da Turma	<p>9 - Como caracteriza o grupo em que lecionou no ano passado?</p> <p>10 - Quais os principais desafios que enfrentou enquanto docente desta turma?</p> <p>11 – Quais as estratégias pedagógicas que tem vindo a</p>

	<p>mobilizar de forma a estabelecer uma relação estreita com a realidade social e cultural em que os alunos se inserem?</p> <p>12 – Considera que o professor tem o dever de fortalecer a relação entre a escola e o meio envolvente? Se sim, de que forma?</p>
--	---

Apêndice 2

Guião da Entrevista

Destinado à professora cooperante B da Instituição 2

Dados de Identificação profissional	<p>1 – Há quantos anos exerce a profissão de docente do 1º Ciclo do Ensino Básico?</p> <p>2 – Em quantas instituições exerceu?</p> <p>3 – Genericamente, como caracteriza cada uma das instituições, caso tenha exercido em mais do que uma?</p> <p>4 – Na sua formação profissional, considera que adquiriu competências e ferramentas essenciais para a auxiliarem no sentido de desenvolver um trabalho capaz de lidar com a diversidade sociocultural em sala de aula?</p> <p>Se sim, quais as unidades curriculares ou ações de formação que frequentou que a auxiliaram?</p> <p>5 – Há quantos anos é professora nesta escola?</p>
Caracterização da Escola	<p>6- De um modo geral, como caracteriza esta escola quanto à sua organização, ao meio em que se situa e às crianças que a integram?</p> <p>7 - O projeto educativo da escola define esta comunidade como sendo de difícil intervenção, estando classificada como problemática e inserida nos TEIP. Como caracteriza o papel do professor no contexto atual?</p>
Perfil do Docente	<p>8 – Acredita que o professor é capaz de combater a marginalização social e ser potenciador de mudança neste tipo de comunidade educativa?</p> <p>9 - Tendo em conta estes desafios quais as características (perfil) que o professor deve ter para se adequar a diferentes contextos</p>
Caracterização da Turma	<p>10 - Como caracteriza o grupo em que insere?</p> <p>11 - Quais os principais desafios que enfrenta enquanto</p>

	<p>docente desta turma?</p> <p>12 – Quais as estratégias pedagógicas que tem vindo a mobilizar de forma a estabelecer uma relação estreita com a realidade social e cultural em que os alunos se inserem?</p> <p>13 – Considera que o professor tem o dever de fortalecer a relação entre a escola e o meio envolvente? Se sim, de que forma?</p>
--	---

Apêndice 3

Guião da Entrevista

Destinado à Professora Cooperante C da Instituição 3

Dados de Identificação profissional	<p>1 – Há quantos anos exerce a profissão de docente do 2º Ciclo do Ensino Básico?</p> <p>2 – Em quantas instituições exerceu?</p> <p>3 – Genericamente, como caracteriza cada uma das instituições onde exerceu, caso tenha exercido em mais do que uma?</p> <p>4 – Na sua formação profissional, considera que adquiriu competências e ferramentas essenciais para a auxiliarem no sentido de desenvolver um trabalho capaz de lidar com a diversidade sociocultural em sala de aula?</p> <p>Se sim, quais as unidades curriculares ou ações de formação que frequentou que a auxiliaram?</p> <p>5 – Há quantos anos é professora nesta escola?</p> <p>6 – Em quantas turmas exerce no presente ano letivo?</p>
Caracterização da Escola	<p>7- De um modo geral, como caracteriza esta escola quanto à sua organização, ao meio social em que se situa e às crianças que a integram?</p> <p>8 - O projeto educativo do agrupamento define que a visão deste é “ Ser um Agrupamento de Escolas de referência e excelência reconhecido pelo seu profissionalismo, qualidade e postura ética, e cuja identidade se exprime no lema: Escola Singular num Mundo Plural.” (PE, 2016-2019, p. 5). Como caracteriza o papel do professor capaz de concretizar tal missão?</p>
Caracterização da Turma	<p>9 - Como caracteriza a turma em análise?</p> <p>10 - Quais os principais desafios que enfrenta enquanto docente desta turma?</p> <p>11 – Quais as estratégias pedagógicas que tem vindo a</p>

	<p>mobilizar de forma a estabelecer uma relação estreita com a realidade social e cultural em que os alunos se inserem?</p>
<p>Perfil do Docente</p>	<p>12 – Considera que existem diferenças entre as turmas em que leciona? Caso a resposta seja afirmativa, quais as diferenças que existem entre elas?</p> <p>13 – A professora utiliza as mesmas estratégias pedagógicas em diferentes turmas? Caso responda negativamente, quais as alterações que realiza e porquê?</p> <p>14 – Considera que o professor tem o dever de fortalecer a relação entre a escola e o meio envolvente? Se sim, de que forma?</p>

Apêndice 4

Guião da Entrevista

Destinado à Professora Cooperante D da Instituição 3

Dados de Identificação profissional	<p>1 – Há quantos anos exerce a profissão de docente do 2º Ciclo do Ensino Básico?</p> <p>2 – Em quantas instituições exerceu?</p> <p>3 – Genericamente, como caracteriza cada uma das instituições onde exerceu, caso tenha exercido em mais do que uma?</p> <p>4 – Na sua formação profissional, considera que adquiriu competências e ferramentas essenciais para a auxiliarem no sentido de desenvolver um trabalho capaz de lidar com a diversidade sociocultural em sala de aula?</p> <p>Se sim, quais as unidades curriculares ou ações de formação que frequentou que a auxiliaram?</p> <p>5 – Há quantos anos é professora nesta escola?</p> <p>6 – Em quantas turmas exerce no presente ano letivo?</p>
Caracterização da Escola	<p>7- De um modo geral, como caracteriza esta escola quanto à sua organização, ao meio social em que se situa e às crianças que a integram?</p> <p>8 - O projeto educativo do agrupamento define que a visão deste é “ Ser um Agrupamento de Escolas de referência e excelência reconhecido pelo seu profissionalismo, qualidade e postura ética, e cuja identidade se exprime no lema: Escola Singular num Mundo Plural.” (PE, 2016-2019, p. 5). Como caracteriza o papel do professor capaz de concretizar tal missão?</p>
Caracterização da Turma	<p>9 - Como caracteriza a turma em análise?</p> <p>10 - Quais os principais desafios que enfrenta enquanto docente desta turma?</p> <p>11 – Quais as estratégias pedagógicas que tem vindo a</p>

	<p>mobilizar de forma a estabelecer uma relação estreita com a realidade social e cultural em que os alunos se inserem?</p>
<p>Perfil do Docente</p>	<p>12 – Considera que existem diferenças entre as turmas em que leciona? Caso a resposta seja afirmativa, quais as diferenças que existem entre elas?</p> <p>13 – Como caracteriza a turma do C?</p> <p>14 – O questionário realizado à turma C evidencia a maioria das famílias encontram-se num nível socioeconómico médio. Quais considera ser as principais razões para o insucesso escolar dos alunos desta turma?</p> <p>15 – Perante as características que apresentou da turma em análise e a turma C, na sua prática pedagógica realiza metodologias de ensino distintas? Se sim, o que faz diferente em cada uma delas?</p> <p>16 – Considera que o professor tem o dever de fortalecer a relação entre a escola e o meio envolvente? Se sim, de que forma?</p>

Apêndice 5

Guião da Entrevista

Destinado ao Professor Miguel Prata Gomes

Dados de Identificação profissional	1- Na sua formação profissional adquiriu conhecimentos ao nível da educação intercultural e diversidade sociocultural? Se sim, quer falar sobre as experiências mais significativas a este nível?
Definição de Conceitos	2- Pode definir brevemente, o que entende por educação intercultural?
Perspetivação sobre a ação docente no meio escolar intercultural	3- Qual o papel do professor no desenvolvimento da Educação Intercultural em contexto escolar?
Formação de Professores	4- Ao longo deste ano letivo lecionou unidades curriculares na formação de professores, com o objetivo de consciencializar os futuros profissionais da diversidade sociocultural presente nas escolas? Pode referir quais? 5- Explícite qual a importância de tais unidades curriculares para a formação profissional e pessoal dos seus alunos.
Diversidade Sociocultural nas escolas portuguesas	6- Considera que as escolas portuguesas e os professores estão bem preparados para trabalhar com a diversidade de alunos e famílias?

Apêndice 6

Transcrição da Entrevista da Professora Cooperante A

Instituição 1

1 – Há quantos anos exerce a profissão de docente do 1º Ciclo do Ensino Básico?

Dou aulas há 14 anos

2 – Em quantas instituições exerceu?

Só exerci numa escola, trabalhei sempre aqui.

3 – Na sua formação profissional, considera que adquiriu competências e ferramentas essenciais para a auxiliarem a lidar com a diversidade sociocultural em sala de aula?

Nunca tive nenhuma formação nesse sentido. Cabe a cada um saber lidar com as crianças que tem na sala de aula e isso só com a tempo é que se aprende.

4 - De um modo geral, como caracteriza esta escola quanto à sua organização, ao meio em que se situa e às crianças que a integram?

É um colégio excelente. As pessoas são bem formadas, o ambiente é agradável e os alunos sentem-se muito bem integrados, pois a grande maioria dos alunos entra aqui no pré-escolar e só sai quando termina o 4º ano. Isso acontece porque os pais reconhecem-nos qualidades.

5 – É capaz de me mencionar algumas dessas qualidades?

“A escola assume um ensino cooperativo em que todos os professores se reúnem e tomam decisões em conjunto, sempre com o objetivo de proporcionar conhecimentos abrangentes. Queremos sempre que os alunos possam experimentar tudo o que for possível. E caso seja necessário saímos da escola e vamos onde for preciso para que eles conheçam diferentes situações.

Depois é importante saber que os professores não são rotativos, os alunos é que avançam de ano e mudam para outro docente. Isso faz com que todos os alunos tenham contacto com o melhor de cada professor.”

6 - O Projeto Educativo da escola refere que este é um: “ (...) local privilegiado de socialização, de instrução, de promoção do desenvolvimento das (...) crianças e jovens” (PE, p.4). Qual o papel do professor na concretização desta realidade?

Tudo é feito único e exclusivamente a pensar na criança e na sua aprendizagem e desenvolvimento.

7 – Qual o perfil que o professor deverá ter para se adequar a uma turma com alunos com características socioculturais diferentes?

Uma abertura total para as aprendizagens de cada criança e para o seu bem-estar. Nunca podemos esquecer que o nosso principal objetivo é ensinar e para isso temos que fazer o que for necessário para que elas aprendam da melhor maneira.

No ano passado tivemos a S, e apesar de ter nascido cá, passava metade do ano em Bali e a outra metade aqui. Muitas das vezes tinha que esclarecer algumas coisas em inglês.

8 - Como caracteriza o grupo em que lecionou no ano passado?

Foi um grupo heterogéneo, porque tinha que lidar com o M que sofria de autismo e outros alunos com algumas dificuldades. Por outro lado tinha alunos muito competentes.

9 – No que diz respeito às características socioculturais da turma, o que pode acrescentar?

São crianças muito cultas, que estão habituados a ir a espetáculos, a viajar, a conversar muito com os pais. Naturalmente que estando nós num colégio o nível económico é bastante alto.

10 - Quais os principais desafios que enfrentou enquanto docente desta turma?

O saber aceitar as dificuldades e diferenças de cada um. Tinha ritmos muito diferentes e eu quero sempre puxá-los para cima e às vezes por mais que tentemos é impossível.

11 – Quais as estratégias pedagógicas que tem vindo a mobilizarem de forma a estabelecer uma relação estreita com a realidade social e cultural em que os alunos se inserem?

Enquadrar o mais possível as aprendizagens com os interesses das crianças. Se são crianças que são interessadas e muito curiosas, é a nossa obrigação alimentar isso. As aulas têm que ter sempre algo mais do que as matérias que eles têm que aprender, por isso é que vamos tantas vezes a Serralves, trazemos aqui os pais para fazerem atividades com eles, fazemos a hora do conto semanalmente.

12 – Os encarregados de educação têm uma intervenção ativa no colégio?

Claro! Se damos uma aula sobre o sistema respiratório e uma das mães é médica, então nós convidamo-la a vir cá para ser ela a dar aula. Os pais são muito recetivos e alinham em tudo.

13 – Considera que o professor tem o dever de fortalecer a relação entre a escola e o meio envolvente?

Sim, porque só assim poderá exercer a sua atividade da melhor forma e conseguir uma maior proximidade com pais e alunos.

Apêndice 7

Transcrição da Entrevista da Professora Cooperante B

Instituição 2

1 - Há quantos anos exerce a profissão de docente do 1º Ciclo do Ensino Básico?

Exerço a profissão há 26 anos

2 – Quais as instituições onde exerceu?

Trabalhei no colégio S, no Colégio A e no P. Agora estou na escola C que funciona como ensino oficial.

3 – Se tivesse que caracterizar de forma genérica cada uma das instituições por onde passou, o que destacava de cada uma delas?

Nos colégios são crianças com muitas posses monetárias e que têm muita ajuda em casa, principalmente quando têm que estudar. Na escola oficial, as crianças são pobres e muitas delas não têm ajuda em casa, e fazem os deveres sozinhos. Relativamente à organização escolar, os colégios são muito mais organizados a todos os níveis, sendo que ajudam muito mais as crianças a nível escolar, dão-lhes mais apoio.

4- Face às práticas docentes, considera que os professores sentem mais motivação nos colégios?

A motivação é igual, tal como a nível do material existente nos diferentes contextos.

5 – Na sua formação profissional, adquiriu competências e ferramentas essenciais para a auxiliarem no sentido de desenvolver um trabalho capaz de lidar com a diversidade sociocultural em sala de aula?

Nunca fiz nenhuma formação nessa área. Tive várias formações na área do português, matemática e informática. Nesse âmbito, a experiência adquirida no dia-a-dia na sala de aula é fundamental.

6 – Há quantos anos é professora nesta escola?

Há 21.

7 - De um modo geral, como caracterizaria esta Escola? Na sua organização, no meio em que se situa, nas crianças com quem trabalha?

É uma escola muito organizada, em que se trabalha muito, com muitas regras. Sofre muita influência por estar localizada no sítio onde está, inserida num dos bairros mais pobres da cidade do Porto, tem que recolher as crianças do Bairro do Cerco, do Lagarteiro. Por tanto, é do sítio pior do Porto.

8 – De uma forma mais individualizada, acha que o grupo onde atualmente leciona está inserido nesse meio sociocultural?

Sim, quase todos moram no Bairro do Cerco. O nível socioeconómico das famílias da sala é baixo, tenho muitos pais desempregados. Mas por acaso tive sorte porque os pais são interessados, só à exceção de dois que não querem saber das crianças, que é o A e a M, que fazem os deveres sozinhos, não estudam. Já os outros pais estão atentos e metem os filhos no ATL para fazerem os deveres.

9- Considera que estes alunos possam marcar a diferença neste contexto e vir a serem bem sucedidos profissionalmente?

Só se as crianças forem realmente muito inteligentes, se continuarem com ajuda e se tiverem muitas capacidades. Tenho aqui dois alunos que poderiam ter um futuro com sucesso

10 – Classificaria esta escola como “problemática”?

Acho que não, nem a nível de comportamento, nem nos resultados. Aqui nesta escola trabalha-se muito e os resultados são muito bons, até nos costumam comparar com os colégios principalmente quando as nossas turmas estão com o mesmo professor do 1º ao 4º ano.

11 – O projeto educativo da escola define esta comunidade como sendo de difícil intervenção, estando classificada como problemática e inserida nos TEIP. Como entende o papel do professor no contexto atual?

O professor aqui tem que manter uma boa relação com os pais e tem que estar consciente que o nível cultural dos pais é muito baixo. Aqui como professores temos que compreender que os alunos vêm com poucos conhecimentos e nós temos que lhes dar educação, cultura porque o que vem de casa é muito pouco. Eles não têm regras de convivência, nós temos que os ensinar a almoçar, a ter postura na sala, a saber estar no recreio. Como professora, tento procurar falar de coisas próximas da realidade deles para eles compreendam e falar com um vocabulário acessível às crianças, o que é bastante difícil.

12- Comparativamente com o que experienciou nas outras instituições por onde passou, nota diferenças nesse sentido?

Muito fácil. As crianças tinham muita cultura, sabiam de política, passavam a vida a ir para fora, era realmente outro nível cultural. Os pais eram todos formados, médicos, advogados...

13 – Acredita que o professor é capaz de combater a marginalização social e ser potenciador de mudança neste tipo de comunidades?

Eu acredito que com uma boa prática docente e com a ajuda do TEIP, que dão bastantes recursos, desde professores de apoio, a computadores, conseguimos obter tão bons resultados como nos colégios.

14 - Na sua perspetiva, quais os principais desafios que o contexto em questão lhe coloca?

Neste contexto temos que trabalhar a dobrar, temos que trabalhar a nível cultural e pedagógico. Criar uma relação forte com os pais, porque eles têm que ser muito informados, falar com um vocabulário fácil, com muita calma e explicar tudo, para ver se eles entendem. Aqui temos que trabalhar mais com as crianças porque não estudam tanto, não têm tanto apoio em casa. Por exemplo, quando eu trabalhava no colégio as crianças traziam trabalhos espetaculares feitos com os pais das matérias que

trabalhávamos nas aulas, eram muito apoiadas. Aqui os pais não querem saber, só querem saber das notas finais.

15 – Considera que neste contexto existe mais disparidade no que concerne ao sucesso escolar?

Aqui há muitos alunos fracos, enquanto nos colégios as turmas eram mais homogéneas, pois eram todos bons e talvez tivesse um mais fraquinho. Aqui anda cada um ao seu ritmo, e temos que fazer fichas diferenciadas tendo em conta o estado dos alunos. Nós aqui temos alunos com NEE e nos colégios não. Nos colégios só entravam bons alunos e os que eram escolhidos a dedos, aqui não porque temos todo o tipo de crianças. No entanto aqui as crianças são mais meigas, enquanto que nos colégios as crianças eram mais frias. Um dos desafios aqui, é a necessidade afetiva dos alunos, nós temos que lhes dar amor.

16 – Para terminar, considera que o professor tem o dever de fortalecer a relação entre a escola e o meio envolvente?

Sim, claro. A escola pertence à comunidade, principalmente quando estamos perante uma escola pública. Nós aqui relacionamo-nos bem com os pais e procuramos ajudar as famílias com mais dificuldades porque achamos que devemos estar atentos a estes casos.

Por outro lado, a junta de freguesia e a câmara ajudam-nos muito, com apoio nas visitas de estudo e apoio alimentar, por isso acho que esta relação sobrevive em função do esforço tanto da escola como da comunidade.

Apêndice 8

Transcrição da Entrevista da Professora Cooperante C

Instituição 3

1 – Há quantos anos exerce a profissão de docente do 2º Ciclo do Ensino Básico?

32 anos.

2 – Em quantas instituições exerceu?

Trabalhei em muitas escolas. Já perdi a conta.

3 – Mas é capaz de me falar um pouco sobre algumas delas?

Eu trabalhei em muitas escolas no P, em L, em T. Na escola OR, AR, GM. Já nem me recordo. No segundo ciclo trabalhei sempre em escolas públicas. Para além de trabalhar nisto, já dei aulas de história numa escola superior e já fui professora de música muitos anos porque andei no conservatório e domíno o piano. Quando eu era muito nova havia falta de professores de educação musical, e como eu era professora de músicas em algumas academias de música candidatei-me para dar aulas disso em escolas públicas porque também precisava de ganhar algum dinheiro. Depois terminei o curso em história que me permitia também dar português e tive que acabar por optar.

Pessoalmente eu gosto mais de dar história e em muitas escolas é assim! Há professores que só dão História e professores que só dão Português, mas muitas vezes isso é impossível.

3 – Genericamente, como caracteriza cada uma das instituições onde exerceu, caso tenha exercido em mais do que uma?

Varia muito em função de imensos fatores. Eu como trabalhei em tantas escolas ao longo da minha vida até é difícil criar uma caracterização para cada uma delas. Posso

dizer que o pessoal docente está cada vez mais envelhecido, e eu também. Onde eu trabalhei antes não sentia isso. Por exemplo, aqui, na prova de aferição de educação física, é suposto os professores exemplificarem aos alunos os exercícios que têm de fazer. A realidade é que apenas uma professora é capaz de fazer a cambalhota e nós temos alguns professores de ginástica aqui. O Ministério não faz ideia da idade dos professores. Nem sequer os pais compreendem que os professores de hoje em dia estão na idade é de ter netos, não é de cuidar dos filhos dos outros. Se pensarmos nas escolas mais no interior as médias de idades do professores é mais baixa, mas por aqui está tudo velhote.

Mas em relação às escolas onde já trabalhei, posso falar da Escola da A, que é uma escola TEIP, mesmo no bairro do T. Tinha percursos curriculares alternativos, turmas de nível etário muito incomuns, com alunos do 2º Ciclo com 14 anos de idade, só ciganos. Isso faz com que eu tenha uma perspetiva muito diferente de alguns colegas que estão anos e anos no mesmo sítio.

4 – Na sua formação profissional, considera que adquiriu competências e ferramentas essenciais para a auxiliarem no sentido de desenvolver um trabalho capaz de lidar com a diversidade sociocultural em sala de aula?

Se sim, quais as unidades curriculares ou ações de formação que frequentou que a auxiliaram?

Especificamente sobre isso não. É resultado muitas vezes das experiências e das leituras que faço. Eu tive em muitas escolas e isso dá-me vantagem perante algumas colegas que estão aqui há imensos anos e não têm a perceção de outros locais. Eu analiso muito aquilo que faço e isso também me permite ver as coisas de uma outra forma. O facto de ser professora de História também me ajuda a compreender melhor toda essa questão da diversidade sociocultural.

Muitas das formações que estão atualmente ao nosso alcance são direcionadas para as áreas científicas, como o português, a matemática.

Eu faço sempre muitas formações. Eu gosto muito porque eu até prefiro ser aluna do que propriamente professora. Eu tento sempre fazer formações noutras áreas que não sejam as supostas, noutras ideias que não estejam diretamente relacionadas com a matéria ou o currículo porque eu já dou a matéria há tantos anos que apesar das

mudanças que vão havendo nunca surge nada de muito radical. A último que fiz foi de professores de aferição das provas de História e Geografia. Há dois anos fiz uma extraordinária sobre bioética pois consegui refletir sobre o ambiente escolar, as novas ideias, educação sexual.

5 – Há quantos anos é professora nesta escola?

8 anos

6 – Em quantas turmas exerce no presente este ano?

Em 4 turmas, duas de História e duas de Português.

7- De um modo geral, como caracteriza esta escola quanto à sua organização, ao meio social em que se situa e às crianças que a integram?

É um meio social privilegiado, de modo geral. Quando foi a crise económica de 2007 muitos pais deixaram de ter poder para assegurar os colégios e então tiram-nos dos colégios. Esta zona aqui é muito privilegiada, parece uma zona fora do P. O ambiente é muito conservador e católico, por isso os casais ainda têm muitos filhos. Na turma onde estamos temos alunos com 11 anos com três irmãos mais novos e isso quer dizer muito. Aqui os pais participam muito e muitas vezes eu nem gosto disso. Mas a relação da escola com a comunidade é muito forte e próxima.

A professora acha que as expectativas destes alunos são muito altas por causa deste meio?

São são. Aliás é uma escola que falha por não abrir grandes alternativas a não ser os alunos prosseguirem para a universidade. Esquecem-se que tem de haver alternativas para aqueles que são obrigados a terminar o ensino obrigatório e muitas vezes preferem depois seguir cursos profissionais.

8 - O projeto educativo do agrupamento define que a visão deste é “ Ser um Agrupamento de Escolas de referência e excelência reconhecido pelo seu profissionalismo, qualidade e postura ética, e cuja identidade se exprime no lema: Escola Singular num Mundo Plural.” (PE, 2016-2019, p. 5). Como caracteriza o papel do professor capaz de concretizar tal missão?

Este agrupamento e principalmente esta escola, porque é a que eu conheço, parece muitas vezes um colégio particular. Aqui preparam muito bem os alunos para os exames e pensa-se muito na concorrência dos colégios privados que há aqui em volta.

Nesse lema o papel é todo, o professor é que tem esse papel. Na sala de aula o professor tem a obrigação de garantir o respeito pela diversidade. Eu em Português faço um esforço enorme para que eles respeitem o Português do Brasil, o Português de Angola, trabalhem com autores estrangeiros. Nós temos a função de pais deles muitas vezes e não podemos pensar nisto de uma forma apenas pedagógica porque é a nossa obrigação educar.

9 - Como caracteriza a turma em análise?

Há algumas exceções, temos aí uns 10 alunos, em 27, que vêm de um nível social mais baixo. Mas no final deste ciclo eu acho que esses 10 acabaram por se elevar por estar em contacto com alunos realmente de um nível mais elevado. Há sempre alguma competitividade social porque estamos numa espécie de elite, num meio muito pequeno. Mas nesta turma eles vivem bem uns com os outros e compreendem que há maneiras diferentes de se viver.

10 - Quais os principais desafios que enfrenta enquanto docente desta turma?

O papel, para além de ser uma comum professora, é falar sobre questões relacionadas com a igualdade de género, diversidade, o respeito pela diferença. Eles têm que trabalhar como turma e saberem o que é camaradagem. Aqui, nesta escola, é algo que se preserva muito, contrariamente ao que eu já vi noutras escolas. O futuro exige que se trabalhe em grupo e penso muito nisso.

11 – Quais as estratégias pedagógicas que tem vindo a mobilizar de forma a estabelecer uma relação estreita com a realidade social e cultural em que os alunos se inserem?

Por exemplo, nós temos um leque de livros que são dirigidos aos alunos do 6ºano que está no Plano Nacional de Leitura, e nós temos que fazer uma seleção em função das escolas em que estamos. Também procuro que eles se exponham e interpretem os textos para que consigam chegar sozinhos à mensagem que um dado texto lhes transmite. Mas eu também já perdi a ideia de que todos têm de aprender. Eu, muitas vezes, fico

contente quando 2 ou 3 chegam às conclusões pretendidas. Há alunos que nunca na vida irão compreender algumas coisas, mas é a vida.

12 – Considera que existem diferenças entre as turmas em que leciona? Caso a resposta seja afirmativa, quais as diferenças que existem entre elas?

Apesar de ter turmas com alunos com Necessidade Educativas Especiais, eu acho que tive a coincidência de ter turmas muito parecidas no nível social. Posso ter alguns casos mau comportamento. Tenho um caso de um aluno que se porta muito mal, é filho de um padeiro. Mas tudo se resolve. O que eu reparo é que talvez em turmas um pouco mais baixas a nível económico, dão mais valor quando a escola lhes permite visitar um museu ou algo do género. Turmas como a nossa, como já conhecem quase tudo, dão muito pouca importância.

13 – A professora utiliza as mesmas estratégias pedagógicas em diferentes turmas? Caso responda negativamente, quais as alterações que realiza e porquê?

Os testes são feitos quase sempre a pares. Tentamos ver turmas que tenham características idênticas e em conjunto com outro professor pensamos num formato de teste. Assim permite-nos comparar e orientarmo-nos. Para turmas que esperamos um determinado tipo aproveitamento elevado, elaboramos um teste, para outras, com outro tipo de aproveitamento, pensamos noutras questões. Nós somos sete professores de português para o 2º Ciclo e dá jeito a opinião de outros professores para aferir o nível das nossas turmas.

14 – Considera que o professor tem o dever de fortalecer a relação entre a escola e o meio envolvente? Se sim, de que forma?

Eu em relação a esse assunto acho que o professor tem de pensar até que ponto tem o direito de mudar a forma de pensar de algumas famílias, até que ponto isso é justo. Uma vez uma aluna disse-me: “Professora, eu adoro vir para a escola porque aqui consigo sentir-me relaxada”. Eu fiquei abismada mas compreendo que os horários em muitas das casas é tão compartimentado que as crianças muitas vezes vêm na escola um refúgio.

Apêndice 9

Transcrição da Entrevista da Professora Cooperante D

Instituição 3

1 – Há quantos anos exerce a profissão de docente do 2º Ciclo do Ensino Básico?

Eu dou aulas há 33 anos.

2 – Em quantas instituições exerceu?

Sei lá. 8, 10 escolas. Já corri muitas escolas principalmente no início da minha carreira. Eu já exerci no ensino secundário, terceiro ciclo e no segundo ciclo, mas na maioria dos anos em que dei aulas foi ao 5º e 6º ano.

3 – Em relação à última escola onde exerceu, como a caracteriza?

Antes de vir para a T, dei aulas na escola O durante 18 anos, no 2º Ciclo. Há 2 anos que vim para aqui porque fica mais perto da minha casa e é mais fácil para eu estar mais em cima do meu filho. A escola O é uma escola muito problemática e de ano para ano está cada vez mais degradada. A escola T vai oscilando de ano para ano. Na escola O, os alunos têm um aproveitamento muito fraco e os pais têm um nível económico muito baixo. Havia situações muito complicadas de indisciplina e os pais não estavam muito dispostos a ajudar a resolver os problemas.

4 – Na sua formação profissional, considera que adquiriu competências e ferramentas essenciais para a auxiliarem no sentido de desenvolver um trabalho capaz de lidar com a diversidade sociocultural em sala de aula?

Se sim, quais as unidades curriculares ou ações de formação que frequentou que a auxiliaram?

Nunca tive nenhuma formação nesse sentido. A experiência ajuda muito para que sejamos capazes de fazer as melhores opções. E, sinceramente, julgo que não haja fórmulas mágicas. As escolas são todas diferentes, as turmas também e sobretudo os

alunos... Quando fiz formação para ser professora tive algum contacto com alunos por causa da pedagogia, mas não tive nada assim específico.

5 – Há quantos anos é professora nesta escola?

Estou aqui há 2 anos.

6 – Em quantas turmas exerce no presente ano letivo?

9 turmas do 6º ano de História.

7- De um modo geral, como caracteriza esta escola quanto à sua organização, ao meio social em que se situa e às crianças que a integram?

É uma escola muita heterogénea. Há de tudo aqui! Alunos muito bons e alunos com muitas dificuldades, para não falar nas crianças com Necessidades Educativas Especiais. Há turmas que são realmente muito boas, como é a nossa, e há turmas com muitos problemas.

Professora, na sua opinião pessoal considera que os alunos estão agrupados nas turmas consoante o nível económico em que se inserem?

Não acho, mas não sei... Pelo que me parece, tentam colocar os alunos que vêm juntos da escola primária e que já se conhecem.

8 - O projeto educativo do agrupamento define que a visão deste é “ Ser um Agrupamento de Escolas de referência e excelência reconhecido pelo seu profissionalismo, qualidade e postura ética, e cuja identidade se exprime no lema: Escola Singular num Mundo Plural.” (PE, 2016-2019, p. 5). Como caracteriza o papel do professor capaz de concretizar tal missão?

O Agrupamento GO e a escola T estão muito bem nos Rankings. Os alunos estão aqui num meio muito protegido. A maioria dos alunos viaja imenso, participam em todas as atividades e têm muita cultura geral. Isto é resultado de estar localizada neste sítio.

9 - Como caracteriza a turma em análise?

São bastantes alunos e são bons mas não são os melhores, como se julga. A turma I e J são muito melhores, sabem muito mesmo. Esta turma é boa porque são de um nível

muito alto, mas há alguns casos com algumas dificuldades de aprendizagem e que não têm o apoio familiar que a maioria tem.

10 - Quais os principais desafios que enfrenta enquanto docente desta turma?

O facto de serem muito cultos exige que eu tenha de estar muito atenta e seja capaz de enriquecer a sabedoria que já têm. Eu procuro explorar bem os documentos e responder às perguntas todas que me colocam, mas o tempo às vezes não permite e eles são muito curiosos e adoram opinar sobre tudo.

11 – Quais as estratégias pedagógicas que tem vindo a mobilizar de forma a estabelecer uma relação estreita com a realidade social e cultural em que os alunos se inserem?

Eu sei que tenho alunos bons e outros menos bons, por isso sei que não posso exigir muito porque se não os maus serão sempre maus. Procuro rentabilizar as ideias prévias que os alunos já têm sobre a matéria que vamos trabalhar, porque só assim é possível eu compreender o que devo ou não aprofundar. Em relação aos testes, são iguais para toda a gente, porque todas as turmas que eu tenho são de 6º e os manuais também são todos iguais.

12 – Considera que existem diferenças entre as turmas em que leciona? Caso a resposta seja afirmativa, quais as diferenças que existem entre elas?

Sim. Todas as turmas são diferentes. Infelizmente, raramente tenho uma turma que nos testes não haja nenhuma negativa.

13 – Como caracteriza a turma C?

O C é uma turma com muitos problemas porque é muito difícil captar a atenção deles, por mais que uma pessoa se esforce. Eu tenho lá uma aluna que nunca está quieta, tem de estar sempre a mexer em tudo ou virada para trás. Depois a turma tem o problema de ter alunos com Necessidades Educativas Especiais diagnosticados e outros que, de certeza, têm que ter problemas. São muito indisciplinados e comportam-se muito mal. Eu nunca tive problemas desse género com eles mas a diretora de turma tem um cargo de trabalhos para conseguir lidar com algumas situações muito graves. Chegam a ser agressivos e violentos!

14 – O questionário realizado à turma C evidencia que a maioria das famílias encontram-se num nível socioeconómico médio. Quais considera ser as principais razões para o insucesso escolar dos alunos desta turma?

Acredito que sim! Não podemos criar uma relação direta entre ter uma boa família e os alunos serem muito bons. No caso da turma C, os alunos têm falta acompanhamento familiar. Os pais até podem ter muita formação mas muitas vezes não querem envolver os filhos na correria e atividades do dia-a-dia e não estão dispostos a perder tempo com eles. Também pode haver casos de crianças que os pais até se interessam e querem que elas conheçam cada vez mais coisas, e os pais até as levam a muitos sítios mas elas estão interessadas apenas em jogos de computador e estar em frente à televisão.

15 – Perante as características que apresentou da turma em análise e da turma C, na sua prática pedagógica realiza metodologias de ensino distintas? Se sim, o que faz diferente em cada uma delas?

Eu sei que as turmas são diferentes mas os recursos são sempre os mesmos. Na nossa turma eu sei que posso dar a matéria seja lá como for porque sei que eles aprendem de qualquer maneira. Na C é muito difícil porque tenho que lhes dar mais atenção e procuro entusiasma-los mais. Na verdade eu sei a culpa é deles e o problema parte deles, porque se eu dou a matéria exatamente da mesma forma e eles não aprendem é porque não têm capacidade. Em relação a isso eu não posso fazer nada.

16 – Considera que o professor tem o dever de fortalecer a relação entre a escola e o meio envolvente? Se sim, de que forma?

Tem, mas é difícil. Nós acompanhamos os alunos porque eles agora acham que sabem tudo. Eu tento procurar exemplos simples para que eles compreendam melhor algumas matérias e gosto sempre de comparar o que estamos a dar com as coisas da atualidade e do dia-a-dia.

Apêndice 10

Transcrição da Entrevista do Professora Miguel Prata Gomes

1 – Na sua formação profissional adquiriu conhecimentos ao nível da educação intercultural e diversidade sociocultural? Se sim, quer falar sobre as experiências mais significativas a este nível?

Relativamente à formação profissional, não. Relativamente a estas temáticas diretamente focalizadas para a diversidade, interculturalidade, na minha formação diretamente não absolutamente nada disto. O meu *background* é filosofia. O que há é uma formação indireta no âmbito da ética, muitas outras coisas que estão relacionadas com estas temáticas. Tenho é um *background* pessoal e nos últimos anos tenho me dedicado a esta área.

2 – E relativamente aos projetos que tem desenvolvido neste âmbito intercultural?

Tenho desenvolvido projetos de investigação, projetos de intervenção na prática, começando por todos os projetos internacionais financiados pela Comissão Europeia diretamente relacionados com a educação intercultural. Um deles, bastante interessante, é o projeto INTER Network que participamos muito diretamente. Outros projetos neste âmbito, também tenho a minha colaboração com a Fundação Casa de Anne Frank, onde se trabalha precisamente com estas informações.

2 – Pode definir brevemente, o que entende por educação intercultural e educação multicultural?

Multiculturalidade é um estado, é um facto. Existe a sociedade multicultural onde podemos ou não ter uma intervenção. Essa intervenção é que pode ou não ser intercultural, ou pode ter outras políticas ou outras vertentes, ou outras ideologias como a assimilacionista, intervencionista, pluralista. A interculturalidade, é aquela que particularmente defendo na tentativa de colocar, precisamente, a diversidade em convivência. Não é simplesmente juntar. Juntar é uma perspetiva multicultural. Daí a

diferença de muitas vezes se falar em educação multicultural. Educação multicultural é juntar tudo na mesma sala e pronto, a partir daí estão juntos e não há problema. A perspectiva da interculturalidade não é esta. Para resolver os problemas que se manifestam em racismos, exclusão, xenofobia, etc., há que ir para além de juntar as pessoas na mesma sala de aula. Há que ir à raiz, à causa fundamental dos problemas. A perspectiva intercultural é, precisamente, uma perspectiva crítica. E qual é a raiz da exclusão, da xenofobia? São causas socioeconómicas, de desigualdade socioeconómica. O racismo é como uma forma de camuflar o que está na base. E o que esta na base são desigualdades. Estamos a falar de ricos e pobres. Como é que um pobre se pode sentar na mesma mesa para reclamar os mesmos direitos perante um rico e poderoso. Indo à raiz dos problemas e tentar resolver, ou pelo menos minimizar, a desigualdade socioeconómica, para depois, quando as desigualdades não estiverem tão acentuadas, poder-se sentar ricos e pobres à mesma mesa. Esta é a perspectiva intercultural.

3 – Qual o papel do professor no desenvolvimento da Educação Intercultural em contexto escolar?

A nível escolar, havia muitas coisas que se podiam falar. Na minha perspectiva, eu acho que o professor desde esta perspectiva da interculturalidade, deve centrar-se ou caminhar, em primeiro lugar, na desconstrução de estereótipos, preconceitos, prejuízos, etc. Isto é possível fazer com as crianças. Ao mesmo tempo mostrar-lhes que estes preconceitos e prejuízos, etc., nos constituem a nós próprios como a nossa própria cultura. Isto é uma perspectiva crítica. Isto é possível trabalhar com as crianças. As crianças entendem que nós temos uma perspectiva, que é a nossa forma de olhar o mundo, e os outros têm outra perspectiva que é a deles. Explicar isto às crianças é possível, mas entram recursos, instrumentos que, da minha parte como especialidade de interculturalidade, eu não disponho. Quem dispõe desses instrumentos, são precisamente os profissionais de educação que têm formação nesta perspectiva crítica. O exemplo que dão aos alunos, a própria linguagem. Dizer: “Aquele é daquela raça.”. Mas não há raça, há apenas uma raça. Mas nós na nossa linguagem comum usamos essas moletas. Ou seja, um professor que queira trabalhar desde a perspectiva da interculturalidade, tem que ter muito cuidado na linguagem, na desconstrução de prejuízos, estereótipos e, depois, tentar trabalhar projetos onde a diversidade seja uma mais-valia, sem a qual não se pode construir um projeto.

Um exemplo que eu vos digo em sala de aula: “Vamos fazer uma árvore colorida na época do Natal”. Mas nessa árvore é fundamental os meninos chineses, russos, muçulmanos, porque já não estamos a fazer uma árvore de Natal, estamos a fazer outra coisa. Quer queiramos ou não, a nossa cultura evolui. Aquilo que era a ideia de Natal já não é hoje. E aí entra em jogo a ideia de cultura como algo em constante transformação e movimento.

4 – Ao longo deste ano letivo lecionou unidades curriculares na formação de professores, com o objetivo de consciencializar os futuros profissionais da diversidade sociocultural presente nas escolas? Pode referir quais?

Interculturalidade e cidadania, Ética e Deontologia e Literatura e Interculturalidade.

5 – Quais os objetivos ou a importância de tais unidades curriculares para a formação profissional e pessoal dos alunos.

Tal como já disse anteriormente, consciencializar para essa perspetiva crítica sobre a sociedade. Depois vocês é que têm de construir os vossos próprios instrumentos, porque não há instrumentos construídos nem instrumentos para sempre

6 – No panorama geral, as escolas portuguesas e os professores estão bem preparados para trabalhar com a diversidade de alunos e famílias?

Há um longo processo não só português, como em todo o lado. Há um caminho muito grande a fazer. Por um lado, em Portugal este trabalho tem sido desenvolvido, há projetos, há ideias. No entanto, não é algo que esteja muito consciente na maior parte dos professores porque não há muita formação curricular nesta área. Mas por outro lado, e dentro daquilo que é a nossa cultura em Portugal. Aqui não é um local onde convivam culturas, persistam e se desenvolvam ideologias demasiado radicais, como noutros países.

Apêndice 11

Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista – Professora A da Instituição 1

Objetivo	Questão	Categoria	Indicadores	Evidências
Identificar o número de anos que exerce funções como professora do 1º Ciclo do Ensino Básico	Há quantos anos exerce a profissão de docente do 1º Ciclo do Ensino Básico?	Dados de Identificação [A]	Anos de profissionalização docente	“Dou aulas há 14 anos.”
Identificar quantas e quais as instituições educativas onde exerceu	Em quantas escolas exerceu?			“Só exerci numa escola, trabalhei sempre aqui.”
Identificar se adquiriu competências que a tornassem capaz de lidar com a diversidade sociocultural	Na sua formação profissional, adquiriu competências e ferramentas essenciais para auxiliarem no sentido de	Dados profissionais [B]	Formação profissional Perfil docente Experiência profissional	“Nunca tive nenhuma formação nesse sentido. Cabe a cada um saber lidar com as crianças que têm na sala de aula e isso só com a tempo é que se aprende.”

na sala de aula através de eventuais formações	desenvolver um trabalho capaz de lidar com a diversidade sociocultural em sala de aula?			
Conhecer a visão que a professora tem da escola Desvendar quais as qualidades que a professora considera que a escola possui	De um modo geral, como caracterizaria esta Escola? Na sua organização, no meio em que se situa, nas crianças com quem trabalha? É capaz de mencionar algumas dessas qualidades?	Caracterização da escola [C]	Experiência profissional Localização geográfica Organização e administração escolar Relação com a comunidade educativa Contexto social, económico e cultural Recursos humanos e materiais	“É um colégio excelente. As pessoas são bem formadas, o ambiente é agradável e os alunos sentem-se muito bem integrados, pois a grande maioria dos alunos entra aqui no pré-escolar e só sai quando termina o 4º ano. Isso acontece porque os pais reconhecem-nos qualidades.” “(…) Queremos sempre que os alunos possam experimentar tudo o que for possível. E caso seja necessário saímos da escola e vamos onde for preciso para que eles conheçam diferentes situações.”
Relacionar a informação expressa no Projeto Educativo	O Projeto Educativo da escola refere que este é um: “ (...) local privilegiado de	Perfil do docente [D]	Projeto Educativo Perfil profissional Contexto educativo Desafios profissionais	“Tudo é feito único e exclusivamente a pensar na criança e na sua aprendizagem e desenvolvimento.”

<p>Compreender qual a percepção da docente face ao perfil necessário para lecionar numa turma com características socioculturais diferentes</p>	<p>socialização, de instrução, de promoção do desenvolvimento das (...) crianças e jovens” (PE, p.4). Qual o papel do professor na concretização desta realidade?</p> <p>Qual o perfil que o professor deverá ter para se adequar a uma turma com alunos com características socioculturais diferentes?</p>		<p>Estratégias pedagógicas</p>	<p>“(...) Nunca podemos esquecer que o nosso principal objetivo é ensinar e para isso temos que fazer o que for necessário para que elas aprendam da melhor maneira (...)”</p>
<p>Compreender qual a perspectiva que a docente tem da turma</p>	<p>Como caracteriza o grupo em que lecionou no ano passado?</p>	<p>Caracterização da turma [E]</p>	<p>Avaliação Relações pedagógicas Contexto social, económico e</p>	<p>“Foi um grupo heterogéneo, porque tinha que lidar com o M que sofria de autismo e outros alunos com algumas dificuldades. Por outro lado tinha alunos muito competentes.”</p>

<p>Decifrar como a docente caracteriza a turma face as parâmetros socioculturais</p>	<p>No que diz respeito às características socioculturais da turma, o que pode acrescentar?</p>		<p>cultural Condições económicas e financeiras das famílias Desafios profissionais Dispositivos pedagógicos Diferenciação pedagógica Recursos humanos e materiais Comportamento Combate à marginalização Regras de conduta social Perfil docente</p>	<p>“São crianças muito cultas, que estão habituados a ir a espetáculos, a viajar, a conversar muito com os pais. Naturalmente que estando nós num colégio o nível económico é bastante alto.”</p>
<p>Reconhecer os desafios profissionais que o atual contexto proporciona Destacar as estratégias pedagógicas</p>	<p>Quais os principais desafios que enfrentou enquanto docente desta turma? Quais as estratégias</p>	<p>Desafios profissionais [F]</p>	<p>Sucesso escolar Comportamento Relações pedagógicas Parcerias institucionais Estratégias motivacionais Contexto educativo</p>	<p>“O saber aceitar as dificuldades e diferenças de cada um. Tinha ritmos muito diferentes e eu quero sempre puxá-los para cima e às vezes por mais que tentemos é impossível.” “Enquadrar o mais possível as aprendizagens com os interesses das crianças. Se são crianças que são interessadas e muito curiosas, é a nossa obrigação alimentar isso. As aulas têm que ter sempre algo mais do que as matérias que eles têm</p>

<p>utilizadas no contexto em que se insere</p>	<p>pedagógicas que tem vindo a mobilizarem de forma a estabelecer uma relação estreita com a realidade social e cultural em que os alunos se inserem?</p>			<p>que aprender, por isso é que vamos tantas vezes a Serralves, trazemos aqui os pais para fazerem atividades com eles, fazemos a hora do conto semanalmente.”</p>
<p>Identificar o envolvimento dos encarregados de educação na escola</p> <p>Identificar qual a intervenção que o professor poderá ter na fomentação de uma relação estreita entre a escola e o meio que a envolve.</p>	<p>Os encarregados de educação têm uma intervenção ativa no colégio?</p> <p>Considera que o professor tem o dever de fortalecer a relação entre a escola e o meio envolvente?</p>	<p>A relação entre a escola e o meio que a envolve.</p>	<p>Relações pedagógicas Relação escola-comunidade Intervenção dos encarregados de educação</p>	<p>“ (...) Os pais são muito recetivos e alinham em tudo.”</p> <p>“Sim, porque só assim poderá exercer a sua atividade da melhor forma e conseguir uma maior proximidade com pais e alunos.”</p>

Apêndice 12

Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista – Professora B da Instituição 2

Objetivo	Questão	Categoria	Indicadores	Evidências
<p>Identificar o número de anos que exerce funções como professora do 1º Ciclo do Ensino Básico</p> <p>Identificar quais as instituições educativas onde exerceu</p>	<p>Há quantos anos exerce a profissão de docente do 1º Ciclo do Ensino Básico?</p> <p>Quais as instituições onde exerceu?</p>	Dados de Identificação	<p>Anos de profissionalização docente</p> <p>Número de escolas</p>	<p>“Exerço a profissão há 26 anos.”</p> <p>“(…) Trabalhei no colégio S, no colégio A e no colégio P. Agora estou na escola C que funciona como ensino oficial.”</p>
Compreender quais as características que diferenciam as instituições	Se tivesse que caracterizar de forma genérica cada uma das instituições por onde passou, o que destacava de cada uma delas?	Dados profissionais	<p>Contexto social, económico e cultural</p> <p>Organização e administrativa escolar</p> <p>Recursos humanos e materiais</p> <p>Localização</p>	“Na escola oficial, as crianças são pobres e muitas delas não têm ajuda em casa, e fazem os deveres sozinhos (...)”

<p>Analisar a possível variação da motivação consoante as instituições onde exerceu e onde exerce</p> <p>Identificar se adquiriu competências que a tornassem capaz de lidar com a diversidade sociocultural na sala de aula através de eventuais formações</p>	<p>Face às práticas docentes, considera que os professores sentem mais motivação nos colégios?</p> <p>Na sua formação profissional, adquiriu competências e ferramentas essenciais para a auxiliarem no sentido de desenvolver um trabalho capaz de lidar com a diversidade sociocultural em sala de aula?</p>		<p>geográfica</p> <p>Relação escola-família</p> <p>Participação da comunidade educativa</p> <p>Desafios profissionais</p> <p>Motivação profissional</p> <p>Formação profissional</p>	<p>“A motivação é igual, tal como a nível do material existente nos diferentes contextos.”</p> <p>“Nunca fiz nenhuma formação nessa área. Tive várias formações na área do português, matemática e informática. Nesse âmbito, a experiência adquirida no dia-a-dia na sala de aula é fundamental.”</p>
<p>Identificar os anos de experiência profissional na escola onde a docente atualmente</p>	<p>Há quantos anos é professora na escola B?</p> <p>De um modo geral, como caracterizaria</p>	<p>Caracterização da escola</p>	<p>Experiência profissional</p> <p>Localização geográfica</p> <p>Organização e administração escolar</p>	<p>“ Há 21”</p> <p>“Sofre muita influência por estar localizada no sítio onde está, inserida num dos bairros mais pobres da cidade do Porto, tem que recolher as crianças do Bairro do Cerco, do Lagarteiro. Por tanto,</p>

<p>exerce</p> <p>Conhecer a visão que a professora tem da escola</p>	<p>esta Escola? Na sua organização, no meio em que se situa, nas crianças com quem trabalha?</p>		<p>Relação com a comunidade educativa</p> <p>Contexto social, económico e cultural</p> <p>Recursos humanos e materiais</p>	<p>é o sítio pior do Porto.”</p>
<p>Compreender qual a perspetiva que a docente tem da turma</p>	<p>De uma forma mais individualizada, acha que o grupo onde atualmente leciona está inserido nesse meio sociocultural?</p> <p>Considera que estes alunos possam marcar a diferença neste contexto e virem a ser bem-sucedidos profissionalmente?</p>	<p>Caracterização da turma</p>	<p>Avaliação</p> <p>Relações pedagógicas</p> <p>Contexto social, económico e cultural</p> <p>Condições económicas e financeiras das famílias</p> <p>Desafios profissionais</p> <p>Dispositivos pedagógicos</p> <p>Diferenciação pedagógica</p> <p>Recursos humanos e materiais</p> <p>Comportamento</p>	<p>“O nível socioeconómico das famílias da sala é baixo, tenho muitos pais desempregados. Mas por acaso tive sorte porque os pais são interessados, só à exceção de dois que não querem saber das crianças, que é o A e a M, que fazem os deveres sozinhos, não estudam.”</p> <p>“Só se as crianças forem realmente muito inteligentes, se continuarem com ajuda e se tiverem muitas capacidades.”</p>

			Combate à marginalização Regras de conduta social	
Relacionar a informação expressa no Projeto Educativo Reconhecer os desafios profissionais que o atual contexto proporciona	Classificaria esta escola como “problemática”? O projeto educativo da escola define esta comunidade como sendo de difícil intervenção, estando classificada como problemática e inserida nos TEIP. Como entende o papel do professor no contexto atual?	Desafios profissionais em Territórios Educativos de Intervenção Comunitária	Sucesso escolar Comportamento Combate à marginalização Regras de conduta social Pobreza Marginalização Relações pedagógicas Parcerias institucionais Estratégias motivacionais	“(…) Aqui nesta escola trabalha-se muito e os resultados são muito bons, até nos costumam comparar com os colégios principalmente quando as nossas turmas estão com o mesmo professor do 1º ao 4º ano.” “Aqui como professores temos que compreender que os alunos vêm com poucos conhecimentos e nós temos que lhes dar educação, cultura porque o que vem de casa é muito pouco. Eles não têm regras de convivência, nós temos que os ensinar a almoçar, a ter postura na sala, a saber estar no recreio. Como professora, tento procurar falar de coisas próximas da realidade deles para eles compreendam e falar com um vocabulário acessível às crianças, o que é bastante difícil.”
Estabelecer uma comparação	Comparativamente com o que experienciou nas	Desafios profissionais em instituições	Sucesso escolar Comportamento Combate à	“(…) As crianças tinham muita cultura, sabiam de política, passavam a vida a ir para fora, era realmente outro nível cultural. Os pais eram todos formados, médicos, advogados…” p.63

entre os desafios profissionais sentidos nas diferentes instituições onde exerceu	outras instituições por onde passou, nota diferenças nesse sentido?	de ensino privado	marginalização Regras de conduta social Pobreza Marginalização Relações pedagógicas Parcerias institucionais Estratégias motivacionais	
Compreender qual o papel do professor no contexto descrito	<p>Acredita que o professor é capaz de combater a marginalização social e ser potenciador de mudança neste tipo de comunidades? Na sua perspectiva, quais os principais desafios que o contexto lhe coloca?</p> <p>Considera que neste contexto</p>	O perfil do docente inserido numa escola pertencente ao programa Territórios Educativos de Intervenção Comunitária	<p>Marginalização Sucesso escolar Motivação Recursos pedagógicos Combate das desigualdades sociais Multiculturalismo Inclusão social Desenvolvimento sustentável Relação pedagógica Diferenciação pedagógica Trabalho cooperativo</p>	<p>“Eu acredito que com uma boa prática docente e com a ajuda do TEIP, que dão bastantes recursos, desde professores de apoio, a computadores, conseguimos obter tão bons resultados como nos colégios.”</p> <p>“(…) perante o contexto temos que trabalhar a dobrar, temos que trabalhar a nível cultural e pedagógico. Criar uma relação forte com os pais, porque eles têm que ser muito informados, falar com um vocabulário fácil, com muita calma e explicar tudo, para ver se eles entendem. (...) Aqui os pais não querem saber, só querem saber das notas finais.”]</p> <p>“(…) Um dos desafios aqui, é a necessidade afetiva dos alunos, nós temos que lhes dar amor.”</p>

	existe mais disparidade no que concerne ao sucesso escolar?			
Identificar qual a intervenção que o professor poderá ter na fomentação de uma relação estreita entre a escola e o meio que a envolve.	Considera que o professor tem o dever de fortalecer a relação entre a escola e o meio envolvente? Se sim, de que forma?	A relação entre a escola e o meio que a envolve.	Relações pedagógicas Relação escola-comunidade Combate das desigualdades sociais	“Sim, claro. A escola pertence à comunidade, principalmente quando estamos perante uma escola pública. Nós aqui relacionamo-nos bem com os pais e procuramos ajudar as famílias com mais dificuldades porque achamos que devemos estar atentos a estes casos. Por outro lado, a Junta de Freguesia e a Câmara ajudam-nos muito, com apoio nas visitas de estudo e apoio alimentar, por isso acho que esta relação sobrevive em função do esforço tanto da escola como da comunidade envolvente” p.64

Apêndice 13

Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista – Professora C da Instituição 3

Objetivo	Questão	Categoria	Indicadores	Evidências
Identificar o número de anos que exerce funções como professora do 1º Ciclo do Ensino Básico Identificar quais as instituições educativas onde exerceu	Há quantos anos exerce a profissão de docente do 2º Ciclo do Ensino Básico? Quais as instituições onde exerceu?	Dados de Identificação	Anos de profissionalização docente Número de escolas	“32 anos.” “Trabalhei em muitas escolas. Já perdi a conta.”
Compreender quais as características que diferenciam as	Mas é capaz de me falar um pouco sobre algumas delas?	Dados profissionais	Contexto social, económico e cultural Organização e administrativa	“(…) No segundo ciclo trabalhei sempre em escolas públicas. Para além de trabalhar nisto, já dei aulas de história numa escola superior e já fui professora de música muitos anos (...). Pessoalmente eu gosto mais de dar história (...)!”.

<p>instituições</p> <p>Identificar se adquiriu competências que a tornassem capaz de lidar com a diversidade sociocultural na sala de aula através de eventuais formações</p>	<p>Genericamente, como caracteriza cada uma das instituições onde exerceu, caso tenha exercido em mais do que uma?</p> <p>Na sua formação profissional, adquiriu competências e ferramentas essenciais para a auxiliarem no sentido de desenvolver um trabalho capaz de lidar com a diversidade sociocultural em sala de aula?</p>		<p>escolar</p> <p>Recursos humanos e materiais</p> <p>Localização geográfica</p> <p>Relação escola-família</p> <p>Participação da comunidade educativa</p> <p>Desafios profissionais</p> <p>Motivação profissional</p> <p>Formação profissional</p>	<p>“(…) Mas em relação às escolas onde já trabalhei, posso falar da Escola da A, que é uma escola TEIP, mesmo no bairro do T. Tinha percursos curriculares alternativos, turmas de nível etário muito incomuns, com alunos do 2º Ciclo com 14 anos de idade, só ciganos. Isso faz com que eu tenha uma perspetiva muito diferente de alguns colegas que estão anos e anos no mesmo sítio.”</p> <p>“Especificamente sobre isso não. É resultado muitas vezes das experiências e das leituras que faço”</p>
---	--	--	---	---

<p>Identificar os anos de experiência profissional na escola onde a docente atualmente exerce</p> <p>Conhecer a visão que a professora tem da escola</p> <p>Relacionar a informação expressa no Projeto Educativo</p>	<p>Há quantos anos é professora na escola C?</p> <p>Em quantas turmas exerce no presente este ano?</p> <p>De um modo geral, como caracterizaria esta Escola? Na sua organização, no meio em que se situa, nas crianças com quem trabalha?</p> <p>“O projeto educativo do agrupamento define que a visão deste é “Ser um Agrupamento de Escolas de</p>	<p>Caracterização da escola</p>	<p>Experiência profissional</p> <p>Localização geográfica</p> <p>Organização e administração escolar</p> <p>Relação com a comunidade educativa</p> <p>Contexto social, económico e cultural</p> <p>Recursos humanos e materiais</p>	<p>“8 anos.”</p> <p>“Em 4 turmas, duas de História e duas de Português.”</p> <p>“É um meio social privilegiado, de modo geral. (...) O ambiente é muito conservador e católico, por isso os casais ainda têm muitos filhos. (...) Aqui os pais participam muito e muitas vezes eu nem gosto disso. Mas a relação da escola com a comunidade é muito forte e próxima. Esta escola (...) parece muitas vezes um colégio particular.”</p> <p>“(...) Na sala de aula o professor tem a obrigação de garantir o respeito pela diversidade. Eu em Português faço um esforço enorme para que eles respeitem o Português do Brasil, o Português de Angola, trabalhem com autores estrangeiros (...)”</p>
---	---	---------------------------------	---	--

	<p>referência e excelência reconhecido pelo seu profissionalismo, qualidade e postura ética, e cuja identidade se exprime no lema: “Escola Singular num Mundo Plural.” (PE, 2016-2019, p. 5). Como caracteriza o papel do professor capaz de concretizar tal missão?</p> <p>A professora acha que as expectativas destes alunos são muito altas por causa deste meio?</p>			
Compreender qual a perspectiva que	Como caracteriza a turma em	Caracterização da turma	Avaliação Relações pedagógicas	<p>“São são. Aliás é uma escola que falha por não abrir grandes alternativas a não ser os alunos prosseguirem para a universidade. Esquecem-se que tem de haver alternativas para aqueles que são obrigados a terminar o ensino obrigatório e muitas vezes preferem depois seguir cursos profissionais.”</p> <p>“Há algumas exceções, temos aí uns 10 alunos, em 27, que vêm de um nível social mais baixo. Mas no final deste ciclo eu acho que esses 10 acabaram por se elevar por estar em contacto com</p>

<p>a docente tem da turma</p> <p>Identificar as estratégias pedagógicas mobilizadas junto da turma-piloto</p>	<p>análise?</p> <p>Quais os principais desafios que enfrenta enquanto docente desta turma?</p> <p>Quais as estratégias pedagógicas que tem vindo a mobilizar de forma a estabelecer uma relação estreita com a realidade social e cultural em que os alunos se inserem?</p>		<p>Contexto social, económico e cultural</p> <p>Condições económicas e financeiras das famílias</p> <p>Desafios profissionais</p> <p>Dispositivos pedagógicos</p> <p>Diferenciação pedagógica</p> <p>Comportamento</p> <p>Regras de conduta social</p>	<p>alunos realmente de um nível mais elevado (...).”</p> <p>“O papel (...) é falar sobre questões relacionadas com a igualdade de género, diversidade, o respeito pela diferença. Eles têm que trabalhar como turma e saberem o que é camaradagem.”</p> <p>“Por exemplo, nós temos um leque de livros que são dirigidos aos alunos do 6ºano que está no Plano Nacional de Leitura, e nós temos que fazer uma seleção em função das escolas em que estamos. (...)”</p>
<p>Estabelecer uma comparação entre as práticas pedagógicas concretizadas</p>	<p>Considera que existem diferenças entre as turmas em que leciona? Caso a resposta seja afirmativa,</p>	<p>Perfil docente</p>	<p>Desafios profissionais</p> <p>Dispositivos pedagógicos</p> <p>Diferenciação pedagógica</p> <p>Avaliação</p>	<p>“ (...) O que eu reparo é que talvez em turmas um pouco mais baixas a nível económico, dão mais valor quando a escola lhes permite visitar um museu ou algo do género. Turmas como a nossa, como já conhecem quase tudo, dão muito pouca importância.”</p>

<p>nas diferentes turmas onde exerce</p>	<p>quais as diferenças que existem entre elas?</p> <p>A professora utiliza as mesmas estratégias pedagógicas em diferentes turmas? Caso responda negativamente, quais as alterações que realiza e porquê?</p>			<p>“Os testes são feitos quase sempre a pares (...). Assim permitenos comparar e orientarmo-nos. Para turmas que esperamos um determinado tipo aproveitamento elevado, elaboramos um teste, para outras, com outro tipo de aproveitamento, pensamos noutras questões (...).”</p>
<p>Identificar qual a intervenção que o professor poderá ter na fomentação de uma relação estreita entre a escola e o meio que a envolve.</p>	<p>Considera que o professor tem o dever de fortalecer a relação entre a escola e o meio envolvente? Se sim, de que forma?</p>	<p>A relação entre a escola e o meio que a envolve.</p>	<p>Relações pedagógicas Relação escola-comunidade Combate das desigualdades sociais</p>	<p>“Eu em relação a esse assunto acho que o professor tem de pensar até que ponto tem o direito de mudar a forma de pensar de algumas famílias, até que ponto isso é justo (...).”</p>

Apêndice 14

Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista – Professora D da Instituição 3

Objetivo	Questão	Categoria	Indicadores	Evidências
<p>Identificar o número de anos que exerce funções como professora do 1º Ciclo do Ensino Básico</p> <p>Identificar quais as instituições educativas onde exerceu</p>	<p>Há quantos anos exerce a profissão de docente do 2º Ciclo do Ensino Básico?</p> <p>Em quantas instituições exerceu?</p>	Dados de Identificação	<p>Anos de profissionalização docente</p> <p>Número de escolas</p>	<p>“Eu dou aulas há 33 anos.”</p> <p>“Sei lá. 8, 10 escolas. Já corri muitas escolas principalmente no início da minha carreira. Eu já exerci no ensino secundário, terceiro ciclo e no segundo ciclo, mas na maioria dos anos em que dei aulas foi ao 5º e 6º ano.”</p>
Compreender quais as características que diferenciam as instituições	Em relação à última escola onde exerceu, como a caracteriza?	Dados profissionais	Contexto social, económico e cultural Organização e administrativa escolar Recursos humanos e materiais	“Antes de vir para a T, dei aulas na escola O durante 18 anos, no 2º Ciclo (...). A escola O é uma escola muito problemática e de ano para ano está cada vez mais degradada (...). Na escola O, os alunos têm um aproveitamento muito fraco e os pais têm um nível económico muito baixo. Havia situações muito complicadas de indisciplina e os pais não estavam muito dispostos a ajudar a resolver os problemas.”

<p>Identificar se adquiriu competências que a tornassem capaz de lidar com a diversidade sociocultural na sala de aula através de eventuais formações</p>	<p>Na sua formação profissional, adquiriu competências e ferramentas essenciais para a auxiliarem no sentido de desenvolver um trabalho capaz de lidar com a diversidade sociocultural em sala de aula?</p>		<p>Localização geográfica Relação escola-família Participação da comunidade educativa Desafios profissionais Motivação profissional Formação profissional</p>	<p>“Nunca tive nenhuma formação nesse sentido. A experiência ajuda muito para que sejamos capazes de fazer as melhores opções. E, sinceramente, julgo que não haja fórmulas mágicas. As escolas são todas diferentes, as turmas também e sobretudo os alunos (...).”</p>
<p>Identificar os anos de experiência profissional na escola onde a docente atualmente exerce</p> <p>Conhecer a visão que a professora tem da escola</p>	<p>Há quantos anos é professora nesta escola?</p> <p>Em quantas turmas exerce no presente ano letivo?</p> <p>De um modo geral, como caracterizaria esta Escola?</p>	<p>Caracterização da escola [U]</p>	<p>Experiência profissional Localização geográfica Organização e administração escolar Relação com a comunidade educativa Contexto social, económico e cultural Recursos humanos e</p>	<p>“Estou aqui há 2 anos.”</p> <p>“9 turmas do 6º ano de História.”</p> <p>“É uma escola muita heterogénea. Há de tudo aqui! Alunos muito bons e alunos com muitas dificuldades (...).”</p>

<p>Relacionar a informação expressa no Projeto Educativo</p>	<p>Professora, na sua opinião pessoal considera que os alunos estão agrupados nas turmas consoante o nível económico em que se inserem?</p> <p>O projeto educativo do agrupamento define que a visão deste é “ Ser um Agrupamento de Escolas de referência e excelência reconhecido pelo seu profissionalismo, qualidade e postura ética, e cuja identidade se exprime no</p>		<p>materiais</p>	<p>“Não acho, mas não sei... Pelo que me parece, tentam colocar os alunos que vêm juntos da escola primária e que já se conhecem.”</p> <p>“O Agrupamento GO e a escola T estão muito bem nos Rankings. Os alunos estão aqui num meio muito protegido. A maioria dos alunos viaja imenso, participam em todas as atividades e têm muita cultura geral. Isto é resultado de estar localizada neste sítio.”</p>
--	---	--	------------------	--

	lema: Escola Singular num Mundo Plural.” (PE, 2016-2019, p. 5). Como caracteriza o papel do professor capaz de concretizar tal missão?			
Compreender qual a perspetiva que a docente tem da turma-piloto	Como caracteriza a turma em análise? Quais os principais desafios que enfrenta enquanto docente desta turma? Quais as estratégias pedagógicas que tem vindo a mobilizar de	Caracterização da turma	Avaliação Relações pedagógicas Contexto social, económico e cultural Condições económicas e financeiras das famílias Desafios profissionais Dispositivos pedagógicos Diferenciação pedagógica Comportamento Regras de conduta social	“São bastantes alunos e são bons mas não são os melhores, como se julga (...)” “O facto de serem muito cultos exige que eu tenha de estar muito atenta e seja capaz de enriquecer a sabedoria que já têm. Eu procuro explorar bem os documentos e responder às perguntas todas que me colocam, mas o tempo às vezes não permite e eles são muito curiosos e adoram opinar sobre tudo.” “(...) Procuro rentabilizar as ideias prévias que os alunos já têm sobre a matéria que vamos trabalhar, porque só assim é possível eu compreender o que devo ou não aprofundar. Em relação aos testes, são iguais para toda a gente, porque todas as turmas que eu tenho são de 6º e os manuais também são todos iguais.”
Identificar as estratégias				

pedagógicas mobilizadas junto da turma-piloto	forma a estabelecer uma relação estreita com a realidade social e cultural em que os alunos se inserem?			
Estabelecer uma comparação entre as práticas pedagógicas concretizadas nas diferentes turmas onde exerce	<p>Considera que existem diferenças entre as turmas em que leciona? Caso a resposta seja afirmativa, quais as diferenças que existem entre elas?</p> <p>Como caracteriza a turma C?</p>	Perfil docente	<p>Desafios profissionais</p> <p>Dispositivos pedagógicos</p> <p>Diferenciação pedagógica</p> <p>Avaliação</p>	<p>“Sim. Todas as turmas são diferentes. Infelizmente, raramente tenho uma turma que nos testes não haja nenhuma negativa.”</p> <p>“O C é uma turma com muitos problemas porque é muito difícil captar a atenção deles, por mais que uma pessoa se esforce (...). Depois a turma tem o problema de ter alunos com Necessidades Educativas Especiais (...). São muito indisciplinados e comportam-se muito mal. Eu nunca tive problemas desse género com eles mas a diretora de turma tem um cargo de trabalhos para conseguir lidar com algumas situações muito graves. Chegam a ser agressivos e violentos!”</p>

<p>Confrontar com os dados obtidos nos inquéritos</p>	<p>O questionário realizado à turma C evidencia que a maioria das famílias encontram-se num nível socioeconómico médio. Quais considera ser as principais razões para o insucesso escolar dos alunos desta turma?</p>			<p>“(…) Não podemos criar uma relação direta entre ter uma boa família e os alunos serem muito bons. No caso da turma C, os alunos têm falta acompanhamento familiar. Os pais até podem ter muita formação mas muitas vezes não querem envolver os filhos na correria e atividades do dia-a-dia e não estão dispostos a perder tempo com eles. Também pode haver casos de crianças que os pais até se interessam e querem que elas conheçam cada vez mais coisas (...) mas elas estão interessadas apenas em jogos de computador e estar em frente à televisão.”</p>
<p>Compreender se atua da mesma forma em ambas as turmas</p>	<p>Perante as características que apresentou da turma em análise e da turma C, na sua prática pedagógica realiza metodologias de ensino</p>			<p>“Eu sei que as turmas são diferentes mas os recursos são sempre os mesmos. Na nossa turma eu sei que posso dar a matéria seja lá como for porque sei que eles aprendem de qualquer maneira. Na C é muito difícil porque tenho que lhes dar mais atenção e procuro entusiasma-los mais. Na verdade eu sei que a culpa é deles e o problema parte deles, porque se eu dou a matéria exatamente da mesma forma e eles não aprendem é porque não têm capacidade. Em relação a isso eu não posso fazer nada.”</p>

	distintas? Se sim, o que faz diferente em cada uma delas?			
Identificar qual a intervenção que o professor poderá ter na fomentação de uma relação estreita entre a escola e o meio que a envolve.	Considera que o professor tem o dever de fortalecer a relação entre a escola e o meio envolvente? Se sim, de que forma?	A relação entre a escola e o meio que a envolve.	Relações pedagógicas Relação escola-comunidade Combate das desigualdades sociais	“(…) Eu tento procurar exemplos simples para que eles compreendam melhor algumas matérias e gosto sempre de comparar o que estamos a dar com as coisas da atualidade e do dia-a-dia.”

Apêndice 15

Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista – Professor Miguel Prata Gomes

Objetivo	Questão	Categoria	Indicadores	Evidências
Conhecer a experiência do entrevistado relativamente à Intercultural	<p>Na sua formação profissional adquiriu conhecimentos ao nível da educação intercultural e diversidade sociocultural? Se sim, quer falar sobre as experiências mais significativas a este nível?</p> <p>E relativamente aos projetos que tem desenvolvido neste âmbito intercultural?</p>	Dados de Identificação profissional	<p>Formação académica</p> <p>Experiência profissional</p> <p>Projetos de</p> <p>Investigação e</p> <p>Parcerias e protocolos</p>	<p>“(…) O meu <i>background</i> é filosofia. O que há é uma formação indireta no âmbito da ética, muitas outras coisas que estão relacionadas com estas temáticas. Tenho é um <i>background</i> pessoal e nos últimos anos tenho-me dedicado a esta área.”</p> <p>“Tenho desenvolvido projetos de investigação, (…) projetos internacionais financiados pela Comissão Europeia, diretamente relacionados com a Educação Intercultural (...). Outros projetos neste âmbito, também tenho a minha colaboração com a Fundação Casa de Anne Frank, onde se trabalha precisamente com estas informações.”</p>
Compreender qual a opinião	Pode definir brevemente, o que	Definição de Conceitos	Educação Multiculturalidade	“Multiculturalidade é um estado, é um facto. Existe a sociedade multicultural onde podemos ou não ter uma

sobre os conceitos	entende por educação intercultural e educação multicultural?		Interculturalidade	intervenção. Essa intervenção é que pode ou não ser intercultural (...). A interculturalidade, é aquela que particularmente defendo na tentativa de colocar, precisamente, a diversidade em convivência. Não é simplesmente juntar. Juntar é uma perspectiva multicultural (...). Educação multicultural é juntar tudo na mesma sala e pronto, a partir daí estão juntos e não há problema (...). A perspectiva intercultural é, precisamente, uma perspectiva crítica (...). Como é que um pobre se pode sentar na mesma mesa para reclamar os mesmos direitos perante um rico e poderoso. Indo à raiz dos problemas e tentar resolver, ou pelo menos minimizar, a desigualdade socioeconómica, para depois, quando as desigualdades não estiverem tão acentuadas, poder-se sentar ricos e pobres à mesma mesa. Esta é a perspectiva intercultural.”
Clarificar qual o papel do professor no desenvolvimento da Educação Intercultural	Qual o papel do professor no desenvolvimento da Educação Intercultural em contexto escolar?	Perspetivação sobre a ação docente no meio escolar intercultural	Educação Intercultural Perfil docente Práticas pedagógicas Ética profissional Preconceitos, prejuízos e estereótipos	“(…) eu acho que o professor (...) deve centrar-se ou caminhar, em primeiro lugar, na desconstrução de estereótipos, preconceitos, prejuízos, etc. (...). Um professor que queira trabalhar desde a perspectiva da interculturalidade, tem que ter muito cuidado na linguagem, na desconstrução de prejuízos, estereótipos e, depois, tentar trabalhar projetos onde a diversidade seja uma mais-valia, sem a qual não se pode construir um projeto. (...) Quer queiramos ou não, a nossa cultura evolui. Aquilo que era a ideia de Natal já não é hoje. E aí entra em jogo a ideia de cultura como algo em constante transformação e movimento.”
Identificar quais as unidades curriculares	Ao longo deste ano letivo lecionou unidades curriculares na	Formação de Professores	Unidade curriculares Ensino Superior Formação de	“Interculturalidade e cidadania, Ética e Deontologia e Literatura e Interculturalidade.”

<p>que leciona dentro desta temática e inseridas na formação de professores.</p>	<p>formação de professores, com o objetivo de consciencializar os futuros profissionais da diversidade sociocultural presente nas escolas? Pode referir quais?</p> <p>Quais os objetivos ou a importância de tais unidades curriculares para a formação profissional e pessoal dos alunos.</p>		<p>Educadores e Professores Interculturalidade Cidadania Ética profissional Formação pessoal e profissional</p>	<p>“(…) consciencializar para essa perspetiva crítica sobre a sociedade. Depois vocês é que têm de construir os vossos próprios instrumentos, porque não há instrumentos construídos nem instrumentos para sempre”.</p>
<p>Entender qual a perspetiva sobre a realidade das escolas portuguesas face à Educação Intercultural</p>	<p>No panorama geral, as escolas portuguesas e os professores estão bem preparados para trabalhar com a diversidade de alunos e famílias?</p>	<p>Diversidade Sociocultural nas escolas portuguesas</p>	<p>Educação Intercultural Formação de professores Educação portuguesa Diversidade sociocultural</p>	<p>“(…) Há um caminho muito grande a fazer. Por um lado, em Portugal este trabalho tem sido desenvolvido, há projetos, há ideias. No entanto, não é algo que esteja muito consciente na maior parte dos professores porque não há muita formação curricular nesta área (...)”</p>

Apêndice 16

Questionário dirigido aos alunos da Instituição C

1. Nome

2. Idade

3. Qual foi a escola que frequentaste antes de vires para a escola C?

4. Gostas de andar na escola C?

Opções de resposta: Sim, Não.

5. Justifica a resposta anterior.

6. Gostas da tua turma?

Opções de resposta: Sim, Não.

7. Justifica a resposta anterior.

8. A residência onde passas mais tempo localiza-se a que distância da escola? (No caso de viveres em mais do que uma residência, opta por aquela onde passas mais tempo ou onde gostas mais de estar)

Opções de resposta: Cerca de 1km da escola, Entre 1 e 5 km da escola, Entre 6 e 10 km da escola, 11 km ou mais, Outra resposta.

9. Com quem vives? (Selecciona a totalidade de opções que dão resposta à questão. Refere as pessoas com quem vives na maioria do tempo)

Opções de resposta: Pai, Mãe, Avó, Avô, Irmã(s) e/ou irmão(s), Madrasta, Padrasto, Outra resposta.

10. Qual a profissão da tua mãe?

11. Qual a profissão do teu pai?

12. Praticas alguma modalidade desportiva?

Opções de resposta: Sim, Não.

13. Indica qual a modalidade desportiva que praticas caso tenhas respondido "sim" na questão anterior.

14. Tocas algum instrumento musical?

Opções de resposta: Sim, Não.

15. Indica qual o instrumento musical que tocas, caso tenhas respondido "sim" na questão anterior.

16. Das seguintes atividades seleciona as 5 que mais gostas de fazer nos teus tempos livres.

Opções de resposta: Jogar futebol, Dançar, Ver televisão, Andar de bicicleta, Jogar PlayStation ou computador, Ir à praia, Ir ao cinema, Navegar das redes sociais, Assistir a uma peça de teatro, Visitar monumentos históricos, Ler, Ver novelas, Ouvir música, Outra resposta.

Apêndice 17

Registos de Observação

Registos de Observação da Instituição 1

Critérios	Codificação
Visitas de Estudo	RO1.1
	RO1.2
Relação Professor-Aluno	RO1.3

Registo de Observação 1 (RO1.1)

Data: 10-11-2015

O dia ficou registado pela celebração do dia de S. Martinho. Todas as turmas do 1º Ciclo do Ensino Básico e as salas dos 4 e 5 anos do Pré-escolar foram convidadas a visitar uma quinta pedagógica, onde tiveram oportunidade contactar com animais, plantar legumes, assar castanhas e, claro, comê-las.

A chegada ao local foi feita por volta das 10:30h e o regresso às 15:30h. O almoço foi disponibilizado pela escola que assegurou que não faltassem sandes, batatas fritas, bebidas e fruta. Foi um dia onde os alunos tiveram a possibilidade de contactar com algumas tradições longínquas da maioria deles, uma vez que tiveram a oportunidade de saltar à fogueira e dançar à volta desta. Foram realizados jogos tradicionais e os alunos demonstram ser muito recetivos à participação de todos os desafios colocados.

Registo de Observação 1 (RO1.2)

Data: 2-12-2015

A manhã do dia 19 de dezembro foi destinada a uma visita à Academia de Música de Espinho, destinada a todas as crianças da instituição (inclui as crianças da sala dos 3 anos até ao 4º ano do Ensino Básico). Sem ser necessário qualquer permissão por escrito dos encarregados de educação, estes entregaram as crianças na escola e foram embora. Por sua vez, os educandos em vez de se dirigirem para a sala,

aguardaram na parte exterior da escola pela chegada das camionetas que os levaram até ao destino pretendido.

O ambiente estava bastante tranquilo, as crianças estavam animadas mas aparentemente era um dia comum no dia-a-dia deles.

Quando chegaram ao destino algumas pessoas, devidamente identificadas como funcionárias do auditório, encaminharam os educandos até ao auditório. Quando devidamente acomodadas, uma das professoras da instituição questionou as crianças sobre quais as regras que deveríamos cumprir naquele espaço. Obtivemos algumas das seguintes respostas:

“Aqui não podemos fazer barulho.”

“Se falarmos não ouvimos os violinos.”

“Não podemos comer nem dormir.”

Conhecedores do ambiente característico de um espetáculo de música clássica, a atuação iniciou-se e todas as crianças revelaram atenção ao que se passava em palco. Naturalmente que a partir dos primeiros 15 minutos, principalmente os mais jovens, começaram a cochilar. Por outro lado, o grupo sobre o qual recai o contexto alvo de análise manteve-se sereno e entusiasmado a assistir ao espetáculo.

Quando terminada a atuação da Orquestra de Música Clássica de Espinho, os alunos retiraram-se para o exterior do recinto e comeram o lanche da manhã. Durante este período questionamos os alunos sobre se tinham gostado ou não da atuação e estes demonstraram bastante satisfação e mencionaram que tocavam alguns dos instrumentos que tinham ouvido.

Quando chegaram à sala de aula, a professora e os alunos estabeleceram um diálogo sobre os instrumentos utilizados durante o espetáculo e os artistas mais conhecidos da música clássica.

Registo de Observação 1 (RO1.3)

Data: 11-12-2015

O aluno G tem revelado ser um aluno muito inseguro e com muitas dificuldades de comunicação. Quando é interpelado para responder a alguma questão, demonstra

muito nervosismo, timidez e, na maioria das vezes, gagueja na tentativa de responder ao que lhe é pedido.

A professora titular da turma do G, procurava sempre estabelecer uma relação cúmplice com ele, sempre com a intenção de o deixar mais descontraído e confiante das suas qualidades. Tendo em conta esta intenção da professora, ela sugeriu-lhe que sempre que sentisse nervoso repetisse em voz alta: “Eu quero, eu trabalho, eu consigo”.

Estas palavras eram muitas vezes proferidas pelo aluno em voz baixa enquanto este realizava as diferentes atividades. A professora também fazia questão de relembrá-las muitas vezes, quando se apercebia que o aluno estava a ficar muito agitado, corado e ansioso.

Registos de Observação da Instituição 2

Critérios	Codificação
Atividades dos Tempos Livres	RO2.1
Perfil Docente	RO2.2
Relações Pedagógicas	RO2.3 RO2.4
Recursos Pedagógicos	RO2.5

Registo de Observação 2 (RO2.1)

Data: 21-3-2016

Alguns alunos estão a retirar os trabalhos de casa da mochila, enquanto outros estão a vestir a bata e os restantes vão chegando à sala, já atrasados.

Enquanto todo este processo habitual decorre, a professora estagiária pede aos alunos que contem o seu fim de semana. Imediatamente os braços no ar se fazem ver e a empolgação dos alunos geram o barulho natural nestas ocasiões. São muitos os relatos dos alunos que referem ter ficado em casa a brincar sozinhos ou com um amigo, porém existe quem diga que foi ao centro comercial ou visitar algum familiar.

No final de todos os alunos da turma partilharem o que fizeram no fim de semana, a professora estagiária pediu aos alunos para colocarem o braço no ar quem já foi ao cinema nem que fosse uma vez na vida (13/19), quem já foi ver uma peça de teatro (4/19) e quem já foi a um museu (2/19).

Após ser possível apurar uma realidade constante semana após semana, de que muitas das crianças praticamente não saiam de casa, e que o contacto com diferentes fontes de conhecimento e experiências culturais é praticamente inexistente, sendo inevitável afirmar que o nível sociocultural dos alunos da turma da instituição em causa é baixo.

Registo de Observação 2 (RO2.2)

Data: 28-3-2016

Os alunos estão a realizar uma ficha no caderno caligráfico sobre a letra G. A professora encontra-se em pé, ao mesmo tempo que cinco alunos gradualmente se levantam com o objetivo de ir mostrar o que haviam feito à professora.

A docente, em tom alto e saturado, resmunga: “Acabei de explicar isso para todos ouvirem, o que é que estão a fazer em pé?”. Os alunos continuam em pé a olhar para ela. A professora diz: “Valha-me Deus! Porque é que não parti antes uma perna no momento em que decidi ser professora?”.

Registo de Observação 2 (RO2.3)

Data: 11-4-2016

O dia começou tal como era habitual. A campainha soou e a professora encarregou-se de encaminhar os alunos ordeiramente do recreio até à sala de aula. Chegados à sala, os alunos colocaram os casacos no cabide, dirigiram-se cada um para o seu lugar, vestiram a bata, tiraram os trabalhos de casa das mochilas e sentaram-se, pousando de imediato os cadernos em cima da mesa.

Enquanto alguns alunos iam chegando, já fora de horas, a professora recolhia os trabalhos de casa. Até que uma senhora surge na porta entre aberta da sala, e espreita procurando a figura da professora titular de turma. Uma aluna, sentada junto da porta chama a professora dizendo: “Professora, olha!”.

A professora imediatamente dirige-se até à porta, saúda a senhora e pergunta: “A A hoje não vem?”. Por sua vez, a senhora, que mais tarde veio-se a saber ser a avó da criança, responde: “Não. Ela passou mal a noite porque ontem, antes de ir dormir, medimos os diabetes e estavam a 400 e levamo-la logo ao hospital.”

Durante a conversa, enquanto alguns alunos conversavam entre si, outros prestavam atenção ao diálogo que se estava a passar na entrada da sala. Ainda assim, foi possível ouvir a senhora a informar a docente que a A já estava melhor mas que tiveram que aumentar os níveis da insulina.

A conversa entre a professora e a avó da aluna continuou, mas a professora estagiária interveio dando início às atividades planeadas para o primeiro tempo da manhã, perguntando aos alunos o que haviam aprendido no dia anterior. Mas entretanto, a professora despediu-se da senhora, e um dos alunos rapidamente coloca uma questão direcionada à docente: “A A está no hospital? Ela tem diabetes não tem?” E logo de seguida outros comentários se fazem ouvir: “A minha tia também tem diabetes”; “Eu sei porque é que é preciso tomar aquela injeção”; “Ela comeu muitos doces e ficou assim, não foi?”.

Num ápice, a confusão instalou-se na sala de aula, até que prontamente a professora respondeu: “Ouçam lá! Vocês aqui não sabem nada! Ainda agora nasceram e acham que conhecem tudo? Vamos mas é calar e trabalhar!”.

As caras intrigadas dos alunos revelaram a falta de esclarecimento sobre o assunto, mas a organização regressou e a professora estagiária deu continuidade às atividades planeadas.

Registo de Observação 2 (RO2.4)

Data: 13-4-2016

Os alunos encontram-se a fazer a leitura silenciosa de um pequeno texto, até que a professora elege um aluno para começar a ler. Porém, enquanto o aluno decifrava o código linguístico e lia com uma fluência razoável, uma outra professora do 1º ano entra na sala e põe-se à escuta, à espera que o aluno acabasse para poder entregar uns papéis à professora. Terminada a leitura do aluno, a professora titular de turma diz em voz alta: “Professora, este meu menino lê muito bem não lê?” e a outra professora sorri e diz: “É

verdade! Lê bem, sim senhora.”. Por sua vez, a professora responde com um tom bastante audível: “Este miúdo é muito esperto e é dos que lê melhor, só é pena ter esta carinha tão feinha”.

Registo de Observação 2 (RO2.5)

Data: 26-4-2016

A recorrência a fichas fotocopiadas de livros de exercícios é frequente em contexto de sala de aula, sendo que, a professora no 2º Período chegou a tirar cerca de 800 fotocópias na fotocopadora da escola.

Certo dia, a professora percorria a sala com um molho de fichas variadas, e ia entregando aleatoriamente a cada aluno, informando de que teriam que a guardar na mochila e fazê-la em casa. Depois de ter entregado os trabalhos de casa, ouvia-se alguns alunos a contestar o facto de já terem realizado uma ficha igual. A professora aborrecida com a situação mandou os alunos calarem-se e fazerem as fichas que tinham recebido, uma vez que tinha muitas daquelas e pretendia “despachá-las”.

Registos de Observação da Instituição 3

CrITÉRIOS	Codificação
Caracterização da Turma-piloto	RO3.1 RO3.6
Atividades dos Tempos Livres	RO3.2
Relação Aluno-Aluno	RO3.3
Recursos Pedagógicos	RO3.4
Caracterização da Turma C	RO3.5
Visita de Estudo	RO3.8

Registo de Observação 3 (RO3.1)**Data:** 19-10-2016

O sumário da aula de português do dia mencionado foi: “O Texto Biográfico e o Texto Autobiográfico”, e os alunos foram desafiados a elaborar a sua autobiografia.

Desta forma, os alunos, para além de outros dados, deveriam mencionar no seu texto os seguintes tópicos: nome completo; data de nascimento; local de nascimento; escolas frequentadas; localidade de residência; profissão dos pais e atividades extra curriculares frequentadas.

Embora no final da realização do exercício ter sido perceptível que muitas das informações pedidas para efetuarem a atividade com o sucesso desejado não terem sido mencionadas, foi possível retirar diversas conclusões.

Relativamente ao local onde residem atualmente todos os alunos que indicaram tal informação referiram morar em zonas centrais da cidade P, num raio de cerca de 10 quilómetros da instituição C.

As indicações sobre as profissões dos pais demonstram que as habilitações académicas destes são superiores ou igual ao grau de licenciado, uma vez que, as profissões mencionadas, na maioria, assim o exigem.

As respostas face à frequência em atividades extracurriculares evidenciam que todos os alunos frequentaram ou frequentam atividades extra curriculares como por exemplo futebol, dança, ténis, aulas de música, aulas de inglês.

Registo de Observação 3 (RO3.2)**Data:** 16-12-2016

É o último dia de aulas do 1º Período e a turma encontra-se um pouco desfalcada face ao número de alunos que a compõe diariamente. São 27 os alunos que preenchem esta turma do 6º ano, mas hoje faltam cinco alunos.

A razão da ausência de cada um deles é sabida por todos, porque a maioria deles fez questão de a anunciar com dias de antecedência. Para além de uma aluna que se encontrava com gripe e, por isso, a sua presença já não era sentida há três dias, os restantes alunos faltaram às aulas porque iriam de férias antecipadamente.

Os destinos de férias foram publicitados por eles de forma entusiástica, sendo que dois dos alunos iam para o Algarve, um para a Polónia e o outro para a República Dominicana.

Tendo em consideração aos comentários que os alunos fazem durante as aulas, podemos concluir que muitos dos alunos têm o hábito de viajar para o estrangeiro com as suas famílias. Temos alguns exemplos, como é o caso do aluno F que partilhou com a turma que passou o mês inteiro de agosto em Miami ou da M que referenciou numa atividade de Português que já conhecia Espanha, Brasil, Marrocos e França.

Registo de Observação 3 (RO3.3)

Data: 3-3-2017

Após o regresso da pausa de Carnaval, a R entrou na sala e dirigiu-se às professoras estagiárias e perguntou-lhes: “Já provaram os chocolates que a M trouxe do Dubai?”. As professoras estagiárias responderam negativamente. A R foi procurar a M e, rapidamente, esta surgiu com um saco repleto de, aparentemente, pedras coloridas.

Reticentes, as professoras estagiárias observavam os chocolates enquanto alguns alunos se aproximavam e elogiavam os doces, revelando que a M tinha oferecido a alguns colegas um saquinho dos tais chocolates.

Registo de Observação 3 (RO3.4)

Data: 10-3-2017

A aula de história foi destinada à realização do segundo teste, do segundo período.

A campanha soou, os alunos entraram e a professora distribuiu por todos os alunos as duas folhas que constituíam a ficha de avaliação. De seguida, dirigiu-se às professoras estagiárias e entregou-lhes um exemplar do teste e pediu-lhes que fornecessem uma fotocópia do mesmo às professoras estagiárias da outra turma, uma vez que os testes eram iguais para todas as turmas do 6ºano.

Registo de Observação 3 (RO3.5)

Data: 21-3-2017

Durante a aula de História e Geografia de Portugal ouvia-se muito barulho no corredor. Ouvia-se portas a bater, pessoas a falar alto e a circular. A professora abriu a porta e pediu para que fizesse menos barulho e voltou a entrar.

Quando tocou a campainha para indicar que os alunos saíssem da sala, a professora da disciplina e as professoras estagiárias arrumaram os seus objetos e saíram da sala juntas. A funcionária do corredor aproximou-se e pediu desculpa pelo barulho e relatou qual o motivo para tanta agitação.

O aluno G, da turma C, após ter sido chamado à atenção pela professora, empurrou-a e saiu da sala. Quando a funcionária o viu no corredor perguntou-lhe o que se estava a passar e ele, de fôrna violenta e malcriada, dirigiu-se á funcionária e atirou-lhe o telemóvel à cabeça. Segundo as informações prestadas, o aluno já detém um historial de mau comportamento sempre que é chamado à atenção ou contrariado.

Registo de Observação 3 (RO3.6)

Data: 3-4-2017

Na última aula do 2º Período realizou-se um momento de convívio na aula de Português. Todos trouxeram de comer ou de beber para partilhar e houve música selecionada pelos alunos para que o ambiente ficasse mais divertido ainda.

Estavam a faltar 5 alunos que, segundo as informações prestadas pelos alunos presentes, estavam ausentes porque já tinham ido de férias mais cedo. Face a esta situação, a professora da disciplina comentou com as professoras estagiárias que a constante ausência de determinados alunos prejudica bastante o aproveitamento escolar deles, uma vez que estão sempre a quebrar o ritmo escolar. Deu o exemplo da aluna M e do aluno H, que faltaram entre 7 a 10 dias durante o segundo período para saírem do país, e no último teste diminuíram as notas e demonstraram-se menos atentos e interventivos.

Registo de Observação 3 (RO3.7)

Data: 21-4-2017

A aula de Português foi destinada à conclusão da leitura e análise do livro: “Os Piratas”, de Manuel António Pina. Os alunos, ao longo da exploração do texto que foi

realizada durante 4 aulas, revelaram-se muito opinativos sobre a intenção do autor e do desfecho da narrativa.

A professora da disciplina apreciou sempre o entusiasmo dos alunos e comentou várias vezes o facto de ter sido uma boa opção ter seleccionado o livro em causa para ser trabalhado tão detalhadamente com a turma-piloto.

Registo de Observação 3 (RO3.8)

Data: 22-5-2017

Tal como tinha sido combinado, os alunos da turma-piloto e de mais quatro turmas do 6º ano, às 10:00h estavam no portão da escola para se dirigirem a pé até à sede de agrupamento para assistirem à dramatização do texto: “Ali Babá e os 40 Ladrões”.

O percurso correu de forma harmoniosa e os alunos demonstraram muita autonomia no caminho percorrido. Quando chegaram ao auditório da escola foram questionados pelos atores sobre se já tinham alguma vez assistido a uma peça de teatro e se já o tinham feito muitas vezes. As respostas foram bastante homogéneas e, a grande maioria dos alunos, demonstraram estar familiarizados com tal experiência.

A dramatização retirou muitas gargalhadas ao público. Os alunos, durante o percurso de regresso, comentavam entre eles o agrado de terem vindo assistir a uma peça de teatro tão bem encenada.